www.ulp.pt

Tiago Couto Quelhas **Integração da Proposta com a Envolvente** Natureza e Paisagem

ULP | 2016

UNIVERSIDADE
LUSÓFONA
DO PORTO

Tiago Couto Quelhas

Integração da Proposta com a Envolvente
Natureza e Paisagem

Trabalho realizado sob orientação do
Prof.º Doutor Arquiteto António Sérgio Koch

Versão Final

Dezembro 2016

UNIVERSIDADE
LUSÓFONA
DO PORTO

Tiago Couto Quelhas

Integração da Proposta com a Envolvente
Natureza e Paisagem

Tese de Mestrado / Mestrado Integrado em Arquitetura

Tese defendida em provas públicas
na Universidade Lusófona do Porto no dia 13/12/2016,
perante o júri seguinte:
Presidente: Prof. Doutor Pedro Cândido D'Eça Ramalho
Arguente: Profª. Doutora Lígia Paula Simões Esteves Nunes Pereira da Silva
(Universidade Lusófona do Porto)
Orientador: Prof. Doutor António Sérgio Koch de Araújo e Silva

Dezembro 2016

É autorizada a reprodução integral desta tese/dissertação apenas para efeitos de investigação, mediante declaração escrita do interessado, que a tal se compromete.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer aos meus pais, apenas pelo simples facto de serem as pessoas mais importantes da minha vida. Devo-lhes um enorme agradecimento, pelo carinho, dedicação e apoio que fui recebendo ao longo deste percurso, sendo que, sem eles não seria possível encerrar este capítulo.

Não menos importante, queria deixar uma palavra especial e de carinho tanto à minha irmã como à minha namorada, não só pelo apoio, mas principalmente pela paciência e compreensão para comigo nos momentos mais difíceis.

Quero também agradecer a todos os professores, do Mestrado Integrado em Arquitetura, em especial ao professor Sérgio Koch, André Campos e á professora Marta Belo, por todos os ensinamentos, dedicação, disponibilidade e confiança.

Por fim, deixo um agradecimento ao meu orientador, para a realização desta dissertação, professor Sérgio Koch, pela sua disponibilidade, apoio, poder de crítica, e principalmente, pelo seu rigor no método de trabalho.

RESUMO

Para esta dissertação, baseada no tema da integração da proposta com a envolvente, procura-se perceber a importância do espaço verde para um determinado projeto, nomeadamente a natureza, a paisagem e as pré-existências do lugar, estabelecendo relações do espaço interior do volume com o exterior, ou seja o construído/não construído.

Partindo dessa base, entende-se que os conceitos acima abordados são essenciais para o desenvolvimento da proposta de intervenção, obrigando a um estudo aprofundado do mesmo. Nesse sentido, explica-se o tema e o seu fundamento, analisando de um modo geral como será realizada a dissertação. Desse modo, são estabelecidos diversos pontos, que se ligam entre si, isto é, criam um fio condutor que nos permite facilitar a compreensão do mesmo e na forma como se desenvolve.

Na continuação, realçando a importância desses aspetos numa obra, elaboram-se algumas referências, que nos ilustram diversas perspetivas e ideologias perante o tema abordado, desde o movimento moderno até à atualidade. Ainda neste tópico, pode-se acrescentar que é realizada uma análise, comparando a proposta atual de intervenção a outras obras, procurando perceber de que forma é que essas se cruzam ou se afastam. Essa análise, tem como objetivo dar-nos a conhecer e compreender que apesar de se tratar de diferentes obras, a ideia essencial de espaço verde está sempre presente.

Após essa análise, faz-se uma aproximação ao lugar de intervenção, inicialmente de uma forma geral, referindo um pouco a história da Quinta da Conceição e como se desenvolveu ao longo dos anos, relativamente às intervenções que foram sendo realizadas, e em seguida focamo-nos apenas no terreno, analisando o mesmo, tendo em conta a proposta que será inserida naquele local.

Por fim, descreve-se o projeto detalhadamente, nomeadamente, uma análise ao terreno, ideias iniciais de implantação e volumetria, as referências abordadas que serviram de apoio á proposta, e por último, a ideia final do pretendido, com os desenhos devidamente pormenorizados. Para concluir, no fim da dissertação agrupam-se um conjunto de conclusões.

Palavras-chave: Arquitetura, Natureza, Paisagem, Envolvente, Lugar

ABSTRACT

For this dissertation, based on the theme of integration of the project proposal in the surrounding environment, to understand the importance of green space for any project, in particular the nature, the landscape, and the pre-existence of the place, establishing relations between interior/exterior space of the volume – relations between built/not built.

It is understood that the concepts are essential for the development of the proposed intervention, so it's necessary making a study about then. First, explain the theme, analyzing how generally will be produced the dissertation. In this way, several points are established, which bind to each other creating a thread that allows us to easily understand the work and how it will be developed.

In the development, highlighting the importance of these aspects in a work, using some references, which show us different perspectives and ideologies about the theme, since the modern movement until the present day. In this topic can also be added that will be made an analysis comparing the current proposal of intervention with other projects, trying to understand how these intersect or differ. This analysis aims to give us to know and understand that although different works, the essential idea of green space is always present.

After this analysis, it will be made an approach to the place of intervention, initially in a general sense, referring the history of Quinta da Conceição and how it has been developed over the years with regard to interventions that were being made, and then focus only on the ground, examining the same, having regard to the proposal that will be inserted at that location.

Finally, it will be describe the project in detail, an analysis of the place, initial ideas and volumetry, references addressed to support the proposal, and the final project, with detailed drawings. At the end of the dissertation are grouped a set of conclusions.

Key-words: Architecture, Nature, Landscape, Surroundings, Place

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS III
RESUMO IV
ABSTRACT V
ÍNDICE VI
ÍNDICE DE IMAGENS VII
I. INTRODUÇÃO 1
1.1 Justificação da Problemática 3
1.1.1 Casa das Mudas, Paulo David 7
1.1.2 Museu de Foz Coa, Camilo Rebelo 10
1.2 Objetivos 13
1.3 Metodologia 15
1.4 Estrutura do Trabalho 17
II. REFLEXÃO TEÓRICA 19
2.1 Conceito 21
2.1.1 Evolução do Modernismo 23
2.1.1.1 A "Cidade Ideal" 23
2.1.1.2 Villa Savoye, 1928/31, Le Corbusier 27
2.1.1.3 Casa da Cascata, 1934/36, Frank Lloyd Wright 32
2.1.1.4 Farnsworth, 1945/51, Mies Van der Rohe 37
2.2 Referências ao Projeto 42
2.2.1 Casa de Baião, 1990/93, Souto Moura 42
2.2.2 Crematório "Uitzicht", 2010/11, Souto Moura 47
2.2.3 Riparian House, 2005, Architecture BRIO 51
III. ANÁLISE COMPARATIVA 57
IV. O LUGAR (QUINTA DA CONCEIÇÃO) 67
4.1 Pátio Vermelho, 1956/60, Fernando Távora 75
4.2 Pavilhão de Ténis, 1956/60, Fernando Távora 81
4.3 Piscina, 1958/65, Siza Vieira 84
V. MEMÓRIA DESCRITIVA 87
VI. CONSIDERAÇÕES FINAIS 105
BIBLIOGRAFIA 109
REFERÊNCIAS DAS IMAGENS 113
ANEXOS (PROJETO ESCOLA DE DANÇA) 122

ÍNDICE DE IMAGENS

Fig. 1 - Primeiro contacto com terreno, Quinta da Conceição 6
Fig. 2 - Casa das Mudas, Paulo David 6
Fig. 3 - Museu de Foz Coa, Camilo Rebelo 6
Fig. 4 - Implantado num vale sobre o mar, Casa das Mudas 8
Fig. 5 - Átrio de distribuição no interior, Casa das Mudas 8
Fig. 6 - Entrada para o edifício, Casa das Mudas 8
Fig. 7 - Geometria irregular do edifício, Casa das Mudas 9
Fig. 8 - Corte da adaptação do edificio á topografia, Casa das Mudas 9
Fig. 9 - Materialidade do edificio na paisagem, Casa das Mudas 9
Fig. 10 - Implantação, Museu de Foz Coa 11
Fig. 11 - Integração com a paisagem, Museu de Foz Coa 11
Fig. 12 - Maquete do edifício, Museu de Foz Coa 11
Fig. 13 - Continuidade cromática da paisagem, Museu de Foz Coa 12
Fig. 14 - Materialidade proveniente da região, Museu de Foz Coa 12
Fig. 15 - Plano Voisin, "Cidade Ideal" 25
Fig. 16 - Esquema de funções, Plano Voisin 25
Fig. 17 – "Organismo" da cidade 26
Fig. 18 - Construção em altura 26
Fig. 19 - Perspetiva da cidade moderna 26
Fig. 20 - Perspetiva da residência, Villa Savoye 29
Fig. 21 - Alçado da Villa Savoye 29
Fig. 22 - Integração do edifício com a Natureza, Villa Savoye 29
Fig. 23 - Cobertura ajardinada, Villa Savoye 30
Fig. 24 - Fachada livre, Villa Savoye 30
Fig. 25 - Vão contínuo, Villa Savoye 30
Fig. 26 - Planta piso 0, Villa Savoye 31
Fig. 27 - Planta piso 1, Villa Savoye 31
Fig. 28 - Planta piso 2, Villa Savoye 31
Fig. 29 - Integração do edifício com a Natureza, Casa da Cascata 34
Fig. 30 - Planta piso -1, Casa da Cascata 35
Fig. 31 - Planta piso 0, Casa da Cascata 35
Fig. 32 - Planta piso 1, Casa da Cascata 35
Fig. 33 - Materialidade da pedra, Casa da Cascata 36
Fig. 34 - Envidraçado na sala de estar, Casa da Cascata 36
Fig. 35 - Relação do edifício com a Natureza, Casa da Cascata 36
Fig. 36 - Vista aérea, Farnsworth 39
Fig. 37 - Integração do edifício com a Natureza, Farnsworth 39
Fig. 38 - Perfis de ferro pintados de branco, Farnsworth 40

Fig. 39 - Integração da proposta com a Natureza, Farnsworth 40
Fig. 40 - Corpo opaco no interior, Farnsworth 40
Fig. 41 - Planta, Farnsworth 41
Fig. 42 - Corte, Farnsworth 41
Fig. 43 - Alçado, Farnswoth 41
Fig. 44 - Implantação, Casa de Baião 44
Fig. 45 - Encosta do Rio Douro, Casa de Baião 44
Fig. 46 - Planta do interior, Casa de Baião 44
Fig. 47 - Plano de vidro, Casa de Baião 45
Fig. 48 - Cobertura ajardinada, Casa de Baião 45
Fig. 49 - Integração do projeto com o território, Casa de Baião 46
Fig. 50 - Construção diluída na Natureza, Casa de Baião 46
Fig. 51 - Implantação do edifício, Crematório de "Uitzicht" 48
Fig. 52 - Esquiço da implantação do edifício, Crematório de "Uitzicht" 48
Fig. 53 - Cortes com os desníveis, Crematório de "Uitzicht" 49
Fig. 54 - Rampa de entrada, Crematório de "Uitzicht" 49
Fig. 55 - Cortes com o desnível do terreno, Crematório de "Uitzicht" 49
Fig. 56 - Claraboias no interior, Crematório de "Uitzicht" 50
Fig. 57 - Planta com pátios no interior, Crematório de "Uitzicht" 50
Fig. 58 - Integração com o terreno, Riparian House 52
Fig. 59 - Implantação, Riparian House 52
Fig. 60 - Cobertura ajardinada, Riparian House 53
Fig. 61 - Alçado principal, Riparian House 53
Fig. 62 - Pátio com as pedras pré-existentes, Riparian House 54
Fig. 63 - Relação do interior/exterior, Riparian House 54
Fig. 64 - Planta, Riparian House 55
Fig. 65 - Corte, Riparian House 55
Fig. 66 - Varas de bambu, Riparian House 56
Fig. 67 - Planta, Quinta da Conceição 70
Fig. 68 - Esquiço da planta, Fernando Távora 70
Fig. 69 - Acesso por escadas, Vila do Palácio de Katsura 74
Fig. 70 - Acesso por escadas, Quinta da Conceição 74
Fig. 71 - Porta, Palácio Katsura 76
Fig. 72 - Porta, Pátio Vermelho 76
Fig. 73 - Entrada por escadas, Pátio Vermelho 77
Fig. 74 - Ponto de transição entre a rua e o parque, Pátio Vermelho 77
Fig. 75 - Pátio dos Amantes, Luís Barragán 80
Fig. 76 - Pátio Vermelho, Fernando Távora 80
Fig. 77 - Pavilhão de ténis, Fernando Távora 82
Fig. 78 - Asnas de madeira e viga de betão na tribuna, Pavilhão de ténis 82

Fig. 79 - Plano que serve de muro, Pavilhão de ténis 83
Fig. 80 - Muro de vedação para a tribuna, Pavilhão de ténis 83
Fig. 81 - Esquiço do pavilhão de ténis, Fernando Távora 83
Fig. 82 - Percurso até ao interior da piscina, Siza Vieira 85
Fig. 83 - Planos abstratos e a envolvente, Piscina 85
Fig. 84 - Estátua e prisma de betão que marcam a entrada, Piscina 85
Fig. 85 - Diferenciação de cotas através de plataformas, Piscina 86
Fig. 86 - Ripado de madeira entre o interior/exterior, Piscina 86
Fig. 87 - Primeira referência, Pavilhão de ténis, Fernando Távora 90
Fig. 88 - Segunda referência, Piscina, Álvaro Siza 90
Fig. 89 - Terreno, esquiço do autor 91
Fig. 90 - Área de intervenção, esquiço do autor 92
Fig. 91 - Área de intervenção, fotografia aérea 92
Fig. 92 - Entrada principal, casa existente 93
Fig. 93 - Escada de acesso em pedra, esquiço do autor 94
Fig. 94 - Ambiente arborizado do terreno, esquiço do autor 94
Fig. 95 - Ideia inicial dos volumes, esquiço do autor 95
Fig. 96 - Pelourinho, terreno de intervenção 96
Fig. 97 - Materialidade da pedra na envolvente, terreno de intervenção 96
Fig. 98 - Maquete final da volumetria, proposta Escola de dança 97
Fig. 99 - Planta de implantação e perfis, proposta Escola de Dança 98
Fig. 100 - Plantas com organograma, proposta Escola de Dança 99
Fig. 101 - Plano envidraçado no alçado Oeste, proposta Escola de Dança 100
Fig. 102 - Plantas piso 0 e -1, proposta Escola de Dança 100
Fig. 103 - Materialidade do edifício, proposta Escola de Dança 101
Fig. 104 - Entrada secundária por escadas, local de intervenção 103
Fig. 105 - Entrada principal pelo pátio, local de intervenção 103
Fig. 106 - Entrada terciária por escadas, local de intervenção 103

I. INTRODUÇÃO

1.1 Justificação da Problemática

"A Natureza proporciona constantemente formas e materiais á Arquitetura e esta intervém na Natureza para adequar aos seus fins"[1]

Esta dissertação, tem como base de estudo a envolvente, nomeadamente a paisagem e a natureza. Para a proposta da Escola de Dança, procura-se não só identificar os diferentes pontos que se relacionam com o tema abordado, como principalmente na forma como o edifício se insere na topografia existente.

Tem por base, refletir não só na compreensão do que é natural/artificial, do construído/não construído, como também na intenção de procurar uma materialidade com algum significado, que de certo modo, dê enfase ao tema abordado.

Quando se fez uma primeira visita ao local de intervenção, percebemos desde logo que alguns elementos definiam claramente aquele lugar, não só a casa já existente, como também o pelourinho e todo o ambiente arborizado daquela parcela (Fig.1).

Porém, constatou-se que, aquele lugar apresentava alguns problemas, não só na topografia, devido à diferenciação de cotas, como também na importância que aquele sítio representava para a Quinta, devido essencialmente aos elementos presentes, como a existência de uma casa antiga, a materialidade da envolvente, que certa forma, davam um certo valor ao lugar onde se insere a área de intervenção.

Percebeu-se desde logo, que um dos cuidados a ter em consideração, seria o confronto entre a proposta do volume a criar e as pré-existências, o que pressupunha a construção de um edifício que respeitasse o existente.

Sendo feita essa pequena análise inicial, em que se procurou perceber o que seria importante de preservar, requalificar, ou demolir, chegou-se á conclusão que, a construção que seria feita naquele lugar deveria ser o mais oculta possível, no sentido de não criar uma forma ou volume que perturbasse a envolvente, reforçando assim a ideia de respeitar e estabelecer um contacto harmonioso e de sintonia com a paisagem.

Desse modo, iniciando o projeto tendo em conta a diferença de cotas do local onde se insere, o objetivo principal, passa por ocultar o edifício na paisagem, diluindo e integrando-o no próprio terreno, de forma a respeitar o lugar e mantendo a ideia do manto verde já existente.

[1] Moura, E. S. (1998). *Eduardo Souto Moura. Obra recente*, entrevista de Xavier Guell. Revista Internacional de Arquitetura 2G, nº5. Barcelona: Gustavo Gili, pág.136.

Essas preocupações com as pré-existências, obrigaram á realização de um estudo, sobre determinadas obras que demonstrassem e refletissem o mesmo tipo de problemas de intervenção.

Após esse estudo, algumas ideias foram surgindo e pontualmente colocadas em prática, por exemplo, o jardim que é feito na cobertura do edifício, tem apenas o objetivo de transportar a ideia do espaço verde daquele território para a cobertura, bem como a escolha do material, neste caso, a pedra, que é usada para revestir todo o volume, uma vez que, o intuito seria usar o material predominante daquele lugar, proveniente dos muros já existentes, para a própria construção do edifício.

Como já foi referido, logicamente que, existe a intenção de diluir o edifício com o meio envolvente, tornando a proposta não só discreta na sua implantação, entre os muros de pedra, cobertura ajardinada, e uma cortina de vidro num dos alçados, transmitindo leveza e transparência, como também torna a proposta parte integrante do espaço existente, destacando e reforçando assim a ideia de que Arquitetura e Natureza devem sempre estar em sintonia, como se fossem um só elemento.

Esta harmonia entre ambos os conceitos, através da camuflagem do edifício e de relações do construído/não construído, permitia também criar uma continuidade da paisagem, o que seria um fator importante a ter em consideração.

Estas ideologias que foram desenvolvidas ao longo do projeto, baseadas em determinadas obras, como já tinha sido referido anteriormente, apenas serviram para expor os problemas existentes num determinado local e de que forma se estabelece ou cria uma relação entre o natural e o artificial.

Depois de uma breve investigação a algumas referências, que nos ajudaram a compreender o tema e os seus fundamentos, numa fase inicial, abordam-se obras que marcaram a arquitetura até aos dias de hoje, como por exemplo Villa Savoye de Le Corbusier, a Farnsworth, de Mies Van der Rohe e a casa da Cascata, de Frank Loyd Wright.

São projetos que apresentam conceitos distintos, porém, cada uma destas obras não só contribui como suporte e base para uma melhor compreensão da implantação de um edifício no terreno, em diferentes perspetivas, como também servem de apoio para o desenvolvimento e melhor abordagem ao tema da dissertação.

Numa fase posterior, recorre-se a obras mais recentes, maioritariamente do Souto Moura, em que é possível verificar uma maior proximidade ao projeto para a Escola de Dança.

No entanto, algumas dessas práticas referidas anteriormente, estão também presentes nestas referências, como é o exemplo da casa de Baião, uma vez que, é um edifício que procura a integração do mesmo com a topografia existente, estabelecendo relações entre o construído e não construído, valorizando a natureza e o próprio lugar.

Neste caso específico, esses objetivos são evidentes, não só no intuito de esconder o edifício atrás das ruínas, diluindo o edifício no terreno, como na escolha do material predominante das pré-existências, na transparência do alçado através do vidro e por fim a cobertura ajardinada, mantendo assim uma continuidade da paisagem já existente.

Dentro de algumas referências abaixo abordadas, podemos também recorrer a outras que nos ilustram e demonstram a integração da construção na paisagem, como por exemplo o edifício que serve o Centro das Artes, mais conhecido como a Casa das Mudas, do arquiteto Paulo David (Fig.1) e o Museu de Foz Coa, de Camilo Rebelo (Fig.2)

"O terreno nunca é virgem, e quando vejo que a arquitetura que me interessa não está bem no seu lugar, manipulo o terreno, o lugar."[2]

[2] Moura, E. S. (2005).*Eduardo Souto Moura. La Naturalidade das Cosas, 1995-2005*, entrevista de Luis Rojo de Castro. Madrid: Croquis Editorial, nº124, pág.10



Fig. 1 - Primeiro contacto com terreno, Quinta da Conceição



Fig. 2 - Casa das Mudas, Paulo David



Fig. 3 - Museu de Foz Coa, Camilo Rebelo

1.1.1 Casa das Mudas, Paulo David

Um bom exemplo de um edifício integrado na Natureza, valorizando não só a paisagem como também o lugar, é o Centro das Artes, mais conhecido como a Casa das Mudas, de Paulo David, realizado em 2004. Está situado na Madeira e está exposto sobre a paisagem existente, implantado num vale montanhoso, mesmo sobre o mar (Fig.3). Foi proposto para este lugar, construir um edifício que servisse o Centro das Artes, com um programa composto por áreas de exposição, serviços educativos, loja/livraria, auditório, biblioteca, cafetaria, restaurante e espaços administrativos (Fig.4).

O acesso principal é feito através de uma rampa que nos conduz a um pátio quadrado, que nos distribui para os diferentes espaços que compõem o edifício. No entanto, a distribuição fragmentada das funções, permite uma gestão autónoma de cada módulo, permitindo assim uma maior flexibilidade na sugestão dos percursos que se vão distribuindo pelos espaços expositivos (Fig.5).

Um dos objetivos fundamentais para esta obra seria redesenhar a "massa montanhosa", onde o edifício iria atuar como uma topografia. A construção da mesma, surge através de um conjunto de peças geométricas que fazem o desenho do corpo construído para aquele lugar, sendo simultaneamente "natureza" e "artifício" (Fig.6). A sua relação com a envolvente próxima, através de socalcos, representa uma expressão marcante no território da ilha. Deste modo, a Casa das Mudas, está implantada numa grande plataforma que se contrapõe nos diferentes desníveis no embasamento, decorrendo da adaptação à topografia existente. (Fig.7).

O volume desenvolve-se ao longo do eixo longitudinal, direcionado para Norte e Sul, resultante das condições topográficas, sendo que, este corpo escavado e esculpido propõe uma experiência subterrânea. Já os espaços exteriores, são marcados pela textura e cor da materialidade, que se contrasta com a paisagem (Fig.8).

A materialidade, em basalto, permite salientar e aproximar o edifício da natureza nesta paisagem vulcânica. Este material local, não só seria importante para a integração da proposta na envolvente, mas também pela sua cor e textura que promove a continuidade do suporte da paisagem, reforçando os valores da paisagem e do território (Fig.9).



Fig. 4 - Implantado num vale sobre o mar, Casa das Mudas



Fig. 5 - Átrio de distribuição no interior, Casa das Mudas



Fig. 6 - Entrada para o edifício, Casa das Mudas

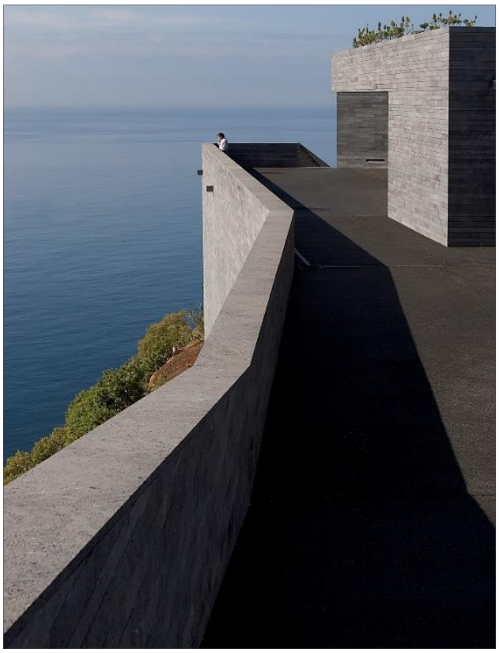


Fig. 7 - Geometria irregular do edifício, Casa das Mudas

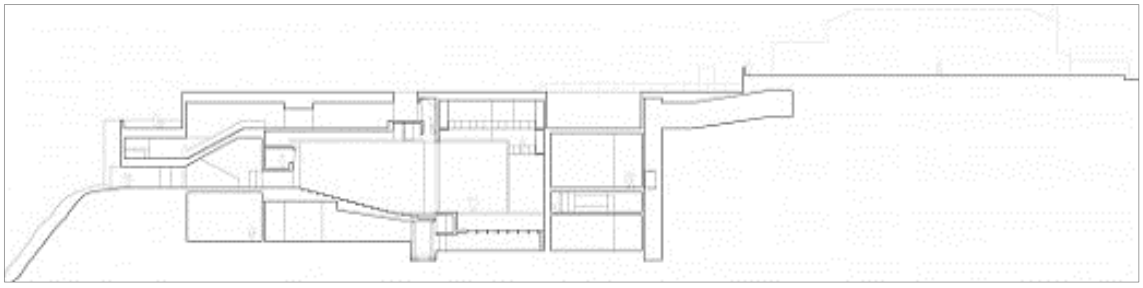


Fig. 8 - Corte da adaptação do edificio á topografia, Casa das Mudas



Fig. 9 - Materialidade do edificio na paisagem, Casa das Mudas

1.1.2 Museu de Foz Coa, Camilo Rebelo

Uma vez que foi escolhida a Casa das Mudas, de Paulo David, para servir como exemplo de um edifício integrado na topografia, valorizando não só o lugar como também a paisagem, podemos também referenciar uma outra obra, o Museu de Foz Coa, de Camilo Rebelo. Um projeto de 2009, situado em Vila Nova de Foz Côa, com volumetria triangular, encontrando-se no ponto mais alto do terreno, entre dois vales (Vale de José Esteves e o Vale do Forno), com a terceira frente direcionada para os rios Douro e Côa (Fig.10).

Para a construção do museu de arte e arqueologia, analisaram-se diversos fatores que seriam importantes para o projeto, tais como, a topografia, acessibilidades e programa. A união e relação destes fatores contribuiu para a definição do conceito, no sentido de conceber um museu como parte integrante da paisagem (Fig.11).Porém, foi desde início importante perceber a topografia existente, devido à sua condição acentuada que dificultava a relação entre a porta do museu e o respetivo interior.

Uma vez que a entrada surge no ponto mais alto do terreno, foi construída uma plataforma, como espaço de miradouro e de escala vasta, como se pode verificar na imagem abaixo apresentada, da maquete (Fig.12). Com isto, pretendia-se criar um palco múltiplo de diferentes cenários, que permitia privilegiar a paisagem dos montes e vales.

Desse modo, seria também importante criar um espaço essencialmente de contemplação e de lazer, bem como estacionamento, circulação pedonal e uma das entradas para o museu, sendo que a principal seria feita pela cota mais baixa.

A volumetria do corpo na sua relação com a topografia, é claramente natural, no entanto, no ponto mais alto do terreno, a sua forma triangular implantada entre os dois vales já acima referidos, procura a continuidade cromática da paisagem (Fig.13), usando o betão com inertes e pigmento de xisto, com base em moldes feitos sobre as rochas locais, não só para dar maior expressão ao edifício como também para valorizar o lugar, procurando recorrer a materiais locais da região (Fig.14).



Fig. 10 - Implantação, Museu de Foz Coa


Fig. 11 - Integração com a paisagem, Museu de Foz Coa

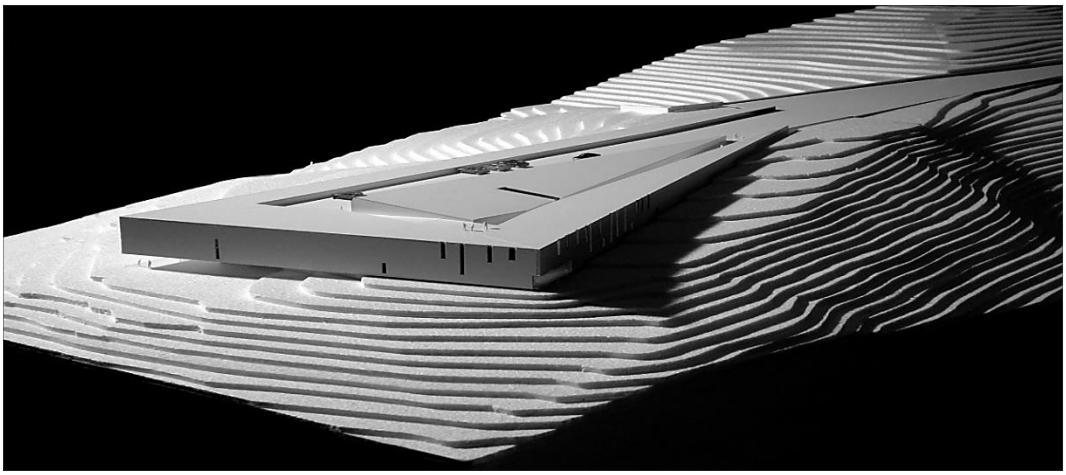

Fig. 12 - Maquete do edifício, Museu de Foz Coa



Fig. 13 - Continuidade cromática da paisagem, Museu de Foz Coa



Fig. 14 - Materialidade proveniente da região, Museu de Foz Coa

1.2 Objetivos

Para esta dissertação, um dos objetivos primordiais passa por perceber em que medida é que a nossa proposta se aproxima ou se afasta do tema de tese. Sendo assim, é importante esclarecer os diferentes pontos do nosso tema, isto é, na forma como a proposta se insere na topografia existente, como por exemplo, o uso do mesmo material dos muros já existentes na própria construção, como também, a cobertura ajardinada que torna o edifício oculto no território e permite uma continuidade da paisagem.

Nesse sentido, é também fundamental analisar e compreender a relação do volume com a envolvente, no sentido de procurar e valorizar as relações do espaço interior do edifício, com o ambiente arborizado do exterior.

Como tal, há que realçar e expor algumas alterações que foram sendo feitas ao terreno e espaço envolvente, com decorrer do processo de desenvolvimento da proposta, relacionadas não só com algumas demolições, como também no que se preservou e requalificou do existente. Basicamente, os objetivos para dissertação, passa por detalhar no modo como abordamos o tema, o que entendemos pelo espaço envolvente, as pré-existências do lugar, a relação do interior/exterior e o construído/não construído, tendo em conta algumas referências que nos vão orientando e servindo de suporte para fundamentar esses conceitos, uma vez que, através das mesmas facilmente se entende a importância e o valor da Natureza e Paisagem num projeto de arquitetura, incluindo com a nossa proposta de intervenção.

Mais concretamente, pode-se dizer que, o fundamental passa por dar a conhecer a nossa proposta e como se relaciona com o tema abordado, recorrendo a referências que foram sendo estudadas ao longo do processo, expondo algumas dificuldades que foram surgindo e de que forma foram sendo resolvidas até á proposta final. Dito isto, alguns conceitos e fundamentos abordados, não só contribuíram para uma melhor compreensão do tema na presente dissertação, como também, no desenvolvimento da proposta para a Escola de Dança na sua integração com a envolvente.

1.3 Metodologia

No desenvolvimento desta dissertação, pretende-se fazer uma pesquisa relativamente ao tema abordado, com base em teses, livros e revistas de arquitetura, devidamente creditadas, não só para adquirir informação escrita, como também gráfica.

Essa pesquisa tem como função servir de apoio para o desenvolvimento não só da dissertação como também do próprio projeto, uma vez que, essa pesquisa passa por encontrar referências com conceitos e práticas idênticas, no sentido de haver alguma proximidade entre essas obras e a atual proposta.

Como é lógico, o uso de fontes menos creditadas, como por exemplo de Internet, também será importante, uma vez que poderá ser necessário arranjar informação gráfica, na maioria, relativamente às referências, incluindo imagens do interior ou exterior de um edifício, fotografias que ilustrem a relação do volume com a envolvente, desenhos de plantas, cortes ou alçados, e também, se necessário, de detalhes construtivos.

No entanto, o pretendido passa essencialmente por agrupar algumas referências bibliográficas, relativamente ao tema escolhido, de modo a obter toda informação necessária e fidedigna para a realização desta dissertação.

1.4 Estrutura do Trabalho

Para a estrutura do trabalho, elaborando os cinco pontos iniciais da dissertação, inclui-se os agradecimentos, o resumo, abstract, índice e índice de imagens. Em seguida, após uma breve introdução, relativamente ao método e objetivos adotados face a esta dissertação, no capítulo I, o pretendido passa por explicar e esclarecer o tema abordado e de que modo se cruza com a atual proposta. Assim sendo, partindo para o corpo do trabalho, no capítulo II, faz-se uma breve reflexão teórica relativamente ao tema e ao seu conceito, descrevendo um pouco a história da arquitetura, com algumas referências arquitetónicas que se cruzam com o tema.

Depois dessa abordagem, é feita uma análise comparativa das mesmas com a proposta de intervenção, isto no capítulo III, no sentido de perceber onde é que essas referências se cruzam ou se afastam da atual proposta, bem como, na importância e influência que tiveram no desenvolvimento e compreensão para o projeto da Escola de Dança. Nesse seguimento, feita a análise a essas referências, são analisadas diferentes perspetivas, desde o movimento Moderno até á atualidade. Essas referências, que nos dão a conhecer a obra, nomeadamente na valorização pela envolvente e o próprio lugar onde se inserem, permitem compará-las à atual proposta de intervenção.

No capítulo IV, após feita a análise comparativa, faz-se uma breve descrição do lugar, abordando alguns aspetos essenciais, como por exemplo as intervenções realizadas nas décadas de 60. Na continuação, analisa-se o terreno de intervenção, incluindo não só o seu enquadramento, como também a evolução daquele espaço urbano, ou seja, a análise da parcela, incluindo os equipamentos presentes no local.

Sendo assim, já no capítulo V, remetemo-nos à nossa proposta, fazendo uma memória descritiva e detalhada do projeto, tendo em conta algumas considerações gerais, motivações geográficas, condicionamentos urbanísticos, de que forma se desenvolve o programa e qual o organograma optado para a proposta, bem como algumas opções conceptuais, morfológicas, tecnológicas e construtivas.

Ainda neste tópico, descrevemos também as opções de conforto ambiental, os métodos adotados relativamente á mobilidade/acessibilidade e por fim os arranjos exteriores. Já no capítulo VI, fazem-se as considerações finais, sendo que por fim, inclui-se a bibliografia, referências de imagens e anexos relativamente à proposta de intervenção, ou seja, o projeto final.

II. REFLEXÃO TEÓRICA

2.1 Conceito

Sempre que nos ocorre pensar em temas relacionados com o espaço verde, suscita-nos algum interesse e vontade em perceber como é que este funciona, qual a sua importância e como se integra no meio envolvente. Ao longo de todo este percurso de cinco anos, em que fomos desenvolvendo várias propostas de diferentes funções e finalidades, sempre houve uma atenção especial no sentido de perceber que tipo de espaço seria aquele, onde iríamos intervir, se era uma escarpa, uma quinta, um logradouro, entre outros, que de alguma forma definem o espaço verde.

Nesta dissertação, a proposta de intervenção atua sobre uma pequena parcela verde, situada na Quinta da Conceição, como tal desde início houve algum cuidado na implantação do volume, no sentido de perceber, não só os equipamentos existentes, como também nas áreas verdes, o que seria importante de preservar, requalificar ou demolir.

"A relação entre a natureza e construção é decisiva na arquitetura. Esta relação, fonte permanente de qualquer projeto, representa para mim como que uma obsessão (...)"[3]

Após analisar toda a parcela, percebeu-se que alguns elementos como o pelourinho, o jardim do Távora e a casa existente, seriam fatores importantes a ter em consideração e que claramente iriam influenciar no desenho da implantação do edifício.

Uma estrutura verde funciona como um *"elemento paisagístico para a promoção e conservação da biodiversidade em áreas urbanas e urbanizáveis"*[4], bem como no objetivo de criar espaços de lazer e convívio para as pessoas.

Sendo assim, é importante perceber estas ideias, no sentido de as transportar para o próprio projeto, isto é, na proposta atual a ideia passa por tentar preservar o pelourinho, algumas das árvores já implantadas, respeitando alguma parcela verde, como também a casa existente.

Neste caso, libertamos um dos alçados, com a criação do pátio que permite não só estabelecer uma ligação entre ambas as construções, como também servir a comunidade, sendo caraterizado como um espaço de convívio e lazer, como anteriormente foi referido.

[3] Siza, Á. (2000). *Imaginar a evidência*. Lisboa: Edições 70, pág.17.
[4] Fernandes, C.; Miguel, J.; Alves, P.; Marques, P. (2011). *Morfologia e Biodiversidade nos Espaços Verdes da Cidade do Porto, Livro I, Seleção das Áreas de Estudo*. Porto: CIBIO (Centro de Investigação em Biodiversidade e Recursos Genéticos), pág.7.

Um dos objetivos tendo por base este conceito de espaços verdes, é visível na própria implantação, uma vez que o edifício está enterrado surgiu a ideia de fazer um jardim na cobertura, com intuito de camuflar e difundir o edifício no terreno, mantendo assim o manto verde existente do território.

Estas noções de espaço verde, foram deveras importantes no desenvolvimento da proposta, uma vez que se está a intervir num local bastante importante com obras de grande caráter, como por exemplo, o campo de ténis, de Fernando Távora, a piscina, de Siza Vieira e outros equipamentos, que de certo modo, acabam também por dar importância ao lugar, na Quinta da Conceição.

Nesta dissertação, o objetivo primordial tem como base a compreensão de como foi sendo desenvolvida a proposta atual, tendo em conta algumas noções do conceito de espaço verde e as dificuldades que foram surgindo, no sentido de transpor estas ideias para o próprio projeto. Essas noções, permite-nos perceber e caracterizar a malha verde existente da quinta, qual a sua função e importância, nomeadamente da zona de intervenção e quais os fatores a ter em consideração com a implantação de um projeto para aquele local.

Para tal, pretende-se perceber um pouco a história da arquitetura moderna, na forma como foi surgindo a importância pelos espaços verdes, não só nas próprias cidades, como principalmente nos edifícios, desde o movimento moderno até à atualidade.

Entende-se assim que, seria essencial compreender as influências, ideologias e conceitos que foram sendo transportadas ao longo dos anos, juntamente com evolução das técnicas construtivas e a valorização pela natureza.

2.1.1 Evolução do Modernismo

2.1.1.1 A "Cidade Ideal"

O Modernismo foi um período que percorreu grande parte do séc. XX e que transportou diversos conceitos e ideologias, isto no sentido de procurar e explorar novas formas de relação entre o espaço construído e não construído.

Com esta procura, entre a construção e o espaço livre, surgem os espaços verdes e a sua importância na construção das cidades. Ideologias que foram influenciadas ao longo do tempo, pela Revolução Industrial e diversas guerras, o que obrigou a um crescimento urbano bastante grande. Pode-se dizer que, a Revolução Industrial teve um forte impacto na arquitetura, uma vez que, houve uma maior necessidade em introduzir novas técnicas construtivas, porém, esse grande crescimento das zonas industriais levou á falta de habitação para um grande número de habitantes, obtendo uma necessidade de construção em massa.

Nestas condicionantes face às "novas cidades", privilegiava-se a função sobre a forma, bem como conceitos essenciais básicos que a construção da cidade assim o exigia, com zonas não só de habitar, como também de comércio, de circulação e lazer.

É então que surge, após a segunda guerra mundial, em que as cidades iniciavam o seu processo de desenvolvimento e evolução, não só nas tecnologias como também nos materiais, desde o ferro, aço, betão e vidro, rompendo com as formas e escalas, a carta de Atenas, proveniente do manifesto Urbanístico resultante do IV Congresso Internacional de Arquitetura Moderna (CIAM), 1933.

Documento esse, assinado por arquitetos e urbanistas internacionais, no início do séc. XX, que definia o conceito de urbanismo moderno, propondo a ideia de uma nova cidade, mais organizada e com uma separação das áreas residenciais, de lazer e de trabalho. Deste modo, em 1925, o arquiteto, urbanista, pintor e escultor Le Corbusier, já tinha apresentado uma proposta da cidade ideal, que seguiria todas as funções essenciais, o plano de Voisin (Fig.15), para Paris. Esta cidade contemporânea (Ville Contemporaine), destinada a 3 milhões de habitantes, apresentava um esquema de funções (Fig.16), composto por grandes áreas livres, altas densidades, unidades de vizinhança e separação de vias entre veículos e pedestres, sendo que propunha também zonas comerciais dispostas num plano ortogonal.

Através deste exemplo de cidade seria possível rever as funções principais estabelecidas na Carta de Atenas, que eram compostas por zonas de habitação, comércio, circulação e lazer, preparada para albergar cerca de 3 milhões de habitantes, retratando e refletindo como deveria ser a cidade moderna.

A cidade moderna, era considerada um *"organismo biológico dotado de um coração (centro comercial), pulmões (parques) e artérias (rede viária) "*[5] (Fig.17), em que as necessidades do Homem deveriam estar devidamente colocadas e resolvidas.

Este exemplo de cidade, privilegiava as zonas de habitação que respeitavam a topografia do local e eram dispostas de forma linear, construídas em altura, como arranha-céus, permitindo contruções de menor custos que albergasse mais habitantes.

Assim sendo, seria possível criar espaços mais arborizados através da libertação do piso térreo, uma vez que, os edifícios assentavam sobre pilotis (Fig.18).

A arquitetura começava a ser vista de uma outra forma, com maior liberdade de criação entre o edificado e a envolvente, valorizando o espaço verde e a comodidade do Homem perante a construção (Fig.19).

É então, que Le Corbusier começa a transpor as suas ideias para os edifícios, começando por implementar nas suas primeiras obras, os cinco pontos da Nova Arquitetura, que viriam a ser uma mais-valia para a construção dos edifícios. Exemplo disso, considerado um ícones da arquitetura Moderna do séc.XX, que mais evidência e expõe todas estas características da Nova Arquitetura, foi a Villa Savoye.

"(...) entendi o Movimento Moderno como uma continuidade do Classicismo (...) discurso de continuidade com meios técnicos e intenções diferentes, mas com um campo comum: as proporções, a relação da estrutura com a forma, a linguagem depurada."[6]

[5] Baker, G. (1986). *Le Corbusier- Análisis de la Forma.* Barcelona: Gustavo Gili, pág.101, in Joana J. T. C. F. (2015). *A Construção Contemporânea como uma continuidade do Moderno: num Hotel do Porto*. ULP, Porto.
[6] Trigueiros, L. (ed.). (2000). *Eduardo Souto Moura*. Lisboa: Blau, pág.31.

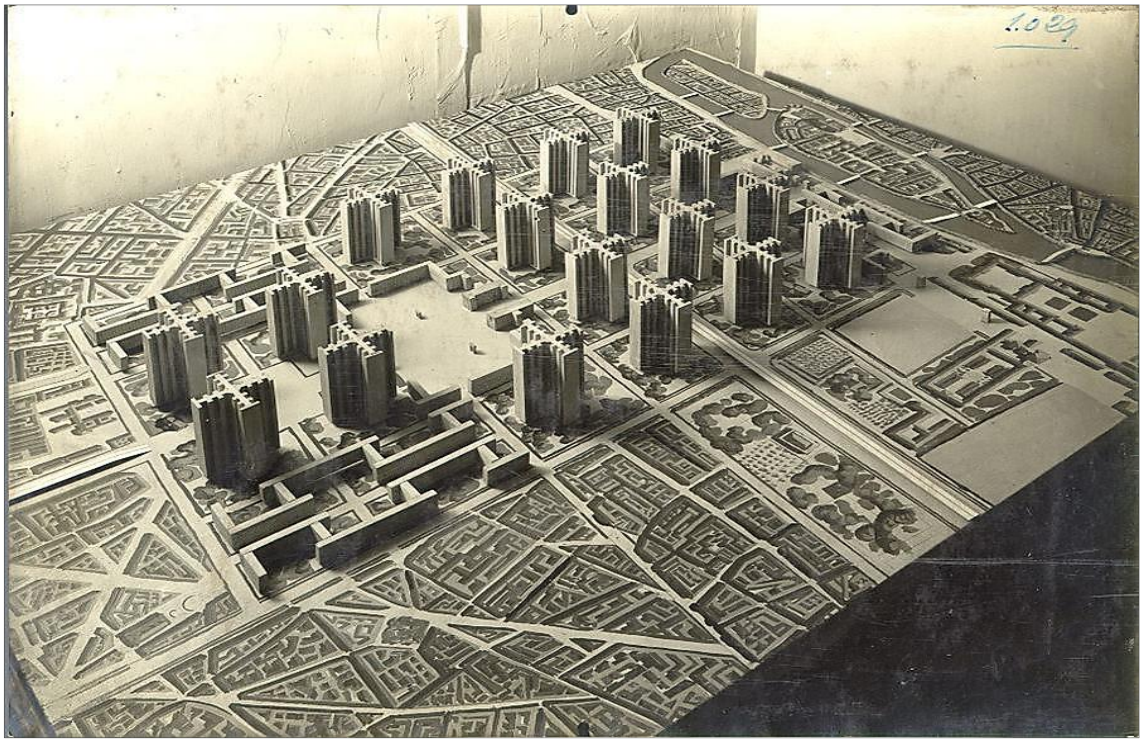


Fig. 15 - Plano Voisin, “Cidade Ideal”

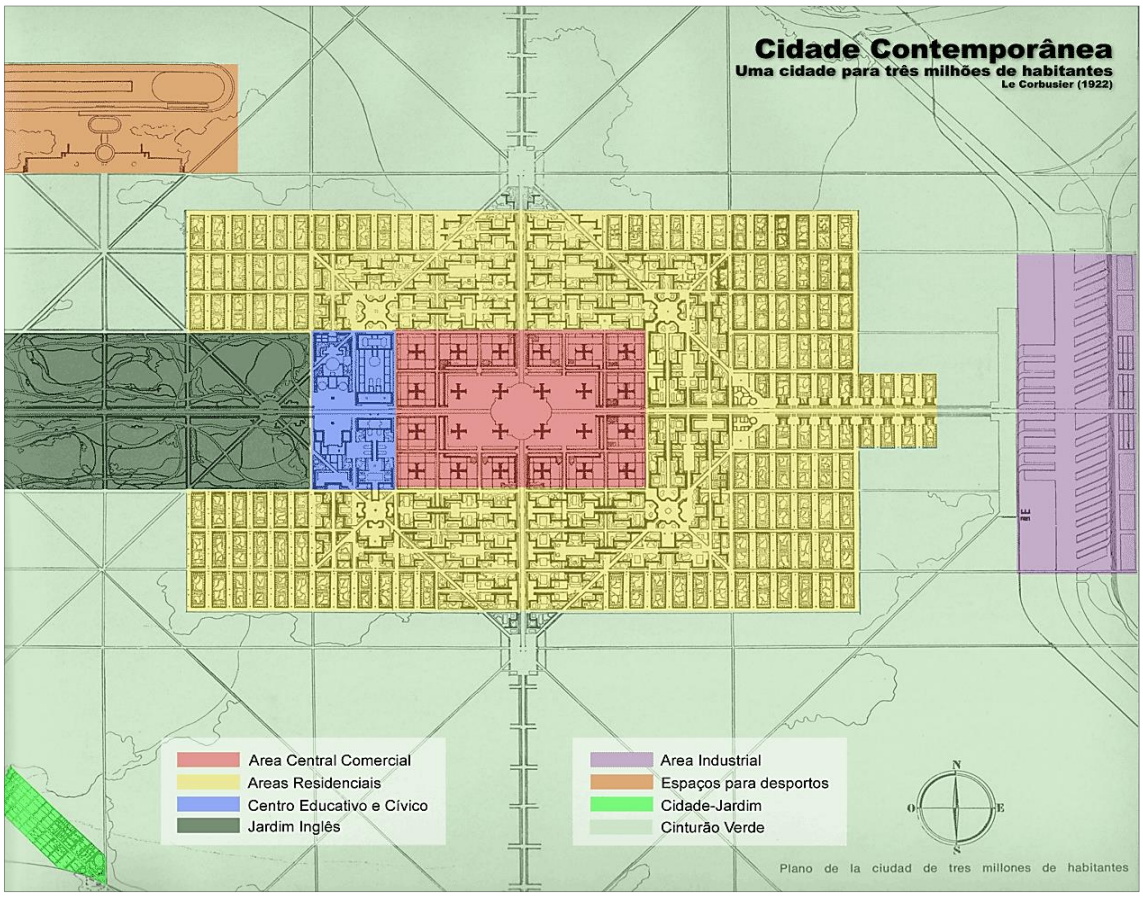


Fig. 16 - Esquema de funções, Plano Voisin

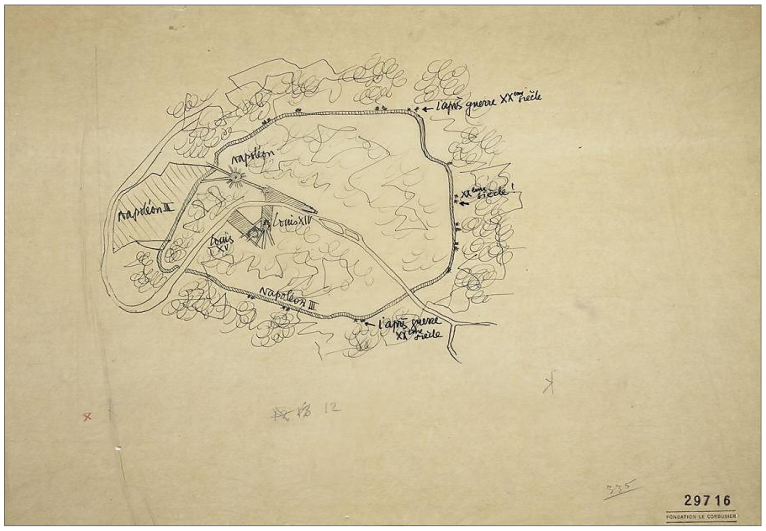


Fig. 17 - "Organismo" da cidade

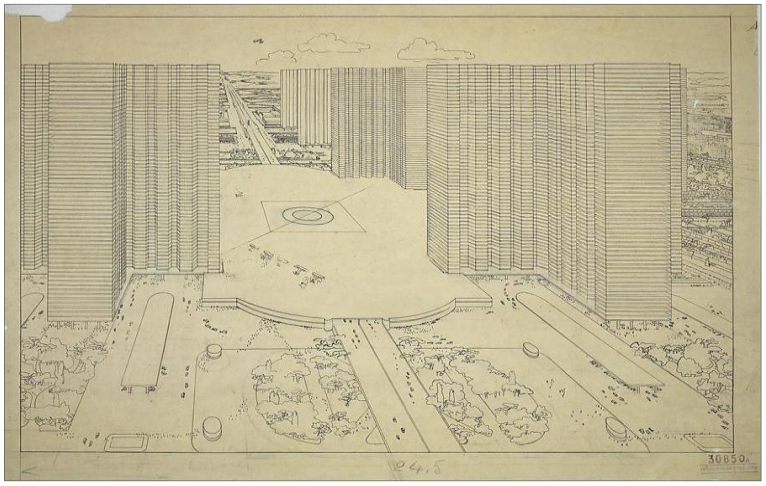


Fig. 18 - Construção em altura

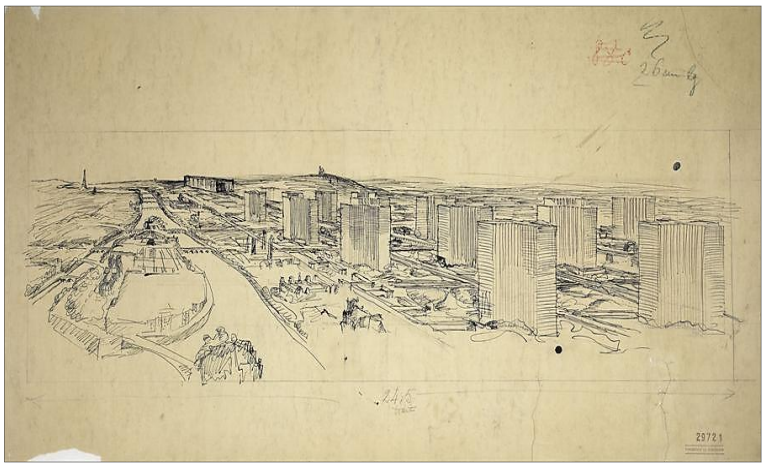


Fig. 19 - Perspetiva da cidade moderna

2.1.1.2 Villa Savoye, 1928/31, Le Corbusier

A Villa Savoye (Figs.20 e 21) foi projetada entre 1928 e 1931, em França, na cidade de Poissy, que fica aproximadamente a 22 km de Paris. Um projeto da autoria de Edouard Jeanneret, mais conhecido por Le Corbusier, sendo este um dos arquitetos mais importantes do séc. XX.

Esta obra encomendada por Pierre Savoye, tinha como finalidade ser uma casa de férias, uma vez que estava situada num sítio bastante calmo e sereno, rodeado de prados e florestas (Fig.22). Esta Villa, é marcada como sendo o último projeto do período purista, onde era possível não só perceber a conceção da modernidade, como também o fascínio pelas máquinas e indústria.

Para Le Corbusier, a casa é uma máquina de habitar, representada de forma rigorosa e clara, cumprindo com todos os pontos impostos na Nova Arquitetura, pelo próprio arquiteto. Os pilotis que permitiam libertar o edifício do solo, tornando o piso térreo como uma área livre; a cobertura ajardinada (Fig.23) que seria um espaço habitável percorrível; a planta livre que permitia ter uma estrutura independente, sendo possível colocar as paredes de forma livre, possibilitando uma maior flexibilidade na circulação; a fachada livre (Fig.24) que também teria estrutura independente e permitia ter grandes vãos sem qualquer tipo de impedimento das paredes interiores e por fim as janelas em fita, que eram possíveis através da fachada livre e dispostas horizontalmente, o que permitia uma relação contínua com a paisagem (Fig.25).

Em 1931, a construção da casa fica concluída, sendo que, era visível o betão pintado de branco como material predominante, com o intuito de ser o mais simples possível. Passado poucos anos, da obra ficar concluída, a residência é inundada até á altura da rampa de acesso ao primeiro andar, o que obrigou a uma primeira restauração do edifício.

Desde aí, a casa foi sendo alvo de várias propostas, de diversas finalidades, como por exemplo, em 1945, depois da guerra, servia de abrigo para os jovens, em 1958 o município de Poissy compra o terreno juntamente com a residência propondo a demolição da mesma para construir uma escola secundária. Finalmente em 1964, a cidade de Poissy transfere a casa para o Ministério da Cultura, depois de uma campanha da Associação Internacional de Arquitetos. É então que, ao fim de todos esses anos, a Villa Savoye é classificada como Monumento Civil e logo no ano a seguir premiada com o título de Monumento Histórico.

Esta obra é reconhecida não só pela sua forma, mas também no sentido em como Corbusier trabalha o próprio espaço, nomeadamente a circulação interior, como se pode verificar nas plantas abaixo apresentadas (Figs.26, 27 e 28).

" (...) identifica com ordem, geometria, proporção, formas puras, superfícies límpidas, planta ordenadora, traçado regular (...), e o rigor, a exaltação, a matemática."[7]

É também importante salientar a preocupação e procura pela exploração e estudo da materialidade do edifício, bem como o trabalho que é realizado na criação dos diferentes jogos de luzes no interior, permitindo não só iluminar a casa o ano inteiro, como também criar efeitos interessantes com a cor branca contrastante do edifício.

Tal como Le Corbusier e a sua arquitetura, podemos recorrer a outros mestres que também marcaram esta geração, com diferentes obras de diferentes perspetivas, não só o arquiteto Frank Lloyd Wright com a Casa da Cascata, como também Mies Van der Rohe, com a Farnsworth, mais conhecida como sendo a Casa de Vidro.

Deste modo, pode-se afirmar que apesar de serem referências diferentes, são semelhantes no sentido em que, cada proposta procura integrar-se e relacionar-se com a paisagem envolvente de diferentes formas. A importância que dão á forma, luz, materialidade e principalmente a relação do edifício com a natureza, tornam estas obras ícones da arquitetura moderna do séc. XX.

[7] Ferreira, S. (2010). *História da Arquitetura no Ocidente*. Lisboa: Nova Veja, pág.170.



Fig. 20 - Perspetiva da residência, Villa Savoye



Fig. 21 - Alçado da Villa Savoye



Fig. 22 - Integração do edifício com a Natureza, Villa Savoye



Fig. 23 - Cobertura ajardinada, Villa Savoye



Fig. 24 - Fachada livre, Villa Savoye



Fig. 25 - Vão contínuo, Villa Savoye

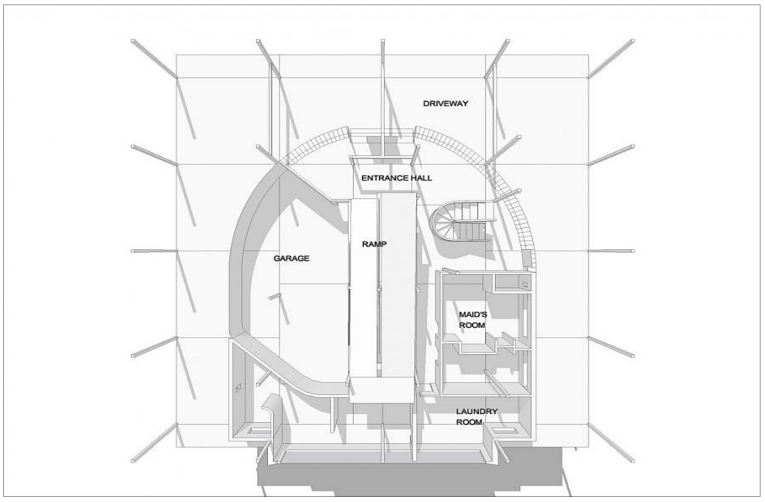


Fig. 26 - Planta piso 0, Villa Savoye

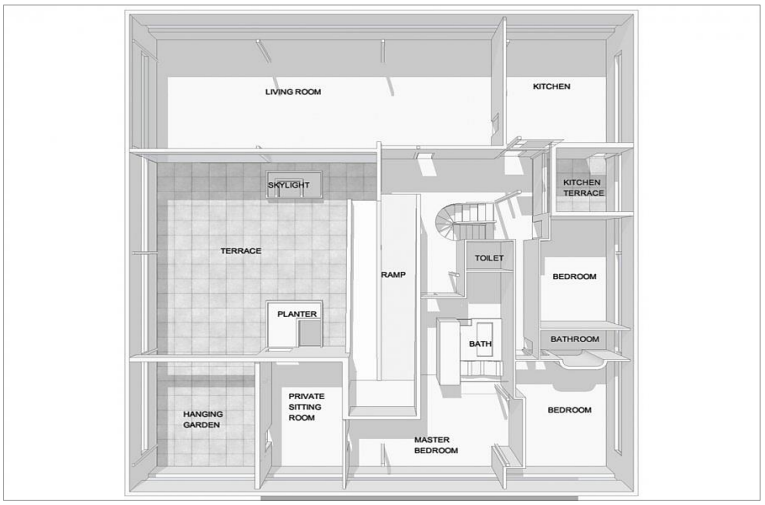


Fig. 27 - Planta piso 1, Villa Savoye

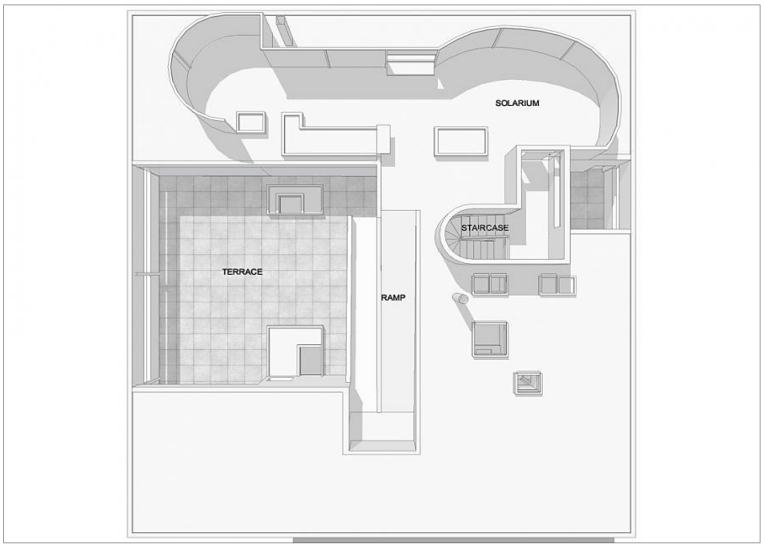


Fig. 28 - Planta piso 2, Villa Savoye

2.1.1.3 Casa da Cascata, 1934/36, Frank Lloyd Wright

A Casa da Cascata (Fig.29), como sendo um dos principais exemplos de uma arquitetura integrada na paisagem e na natureza, foi construída entre 1934 e 1936, na Pensilvânia, para Edgar Kaufman. Esta obra do arquiteto Frank Lloyd Wright, tinha como função ser uma casa de campo, com uma envolvente bastante arborizada e uma cascata, elemento esse que acabou por ser o ponto-chave do projeto, não só no aspeto visual, mas também pelo som que cria no ambiente.

Como já tinha sido referido anteriormente, este projeto permite relacionar a arquitetura, o Homem e a Natureza, não só pela envolvente que apresenta mas também pelo que o arquiteto pretendeu para o edifício, uma vez que, Frank Lloyd Wright pretendia que o edifício refletisse a naturalidade e contemplação das formas, expondo a fusão entre a imagem, o espaço, a função e a estrutura, sendo possível observar-se através das plantas abaixo apresentadas (Figs. 30, 31 e 32). Um edifício orgânico, uma vez que se integra na perfeição com a paisagem, adaptando-se ao declive do terreno e assentando sobre as rochas existentes, permitindo uma melhor contemplação da vista, nomeadamente da cascata.

Quando observamos atentamente a casa, rapidamente percebemos que tanto a lareira como sendo um elemento vertical e a varanda como elemento horizontal, se destacam não só pela materialidade, mas também pela sua imponência. Neste edifício de arquitetura orgânica, tanto a madeira, como o tijolo e a pedra, são os materiais predominantes, permitindo contrastar o edifício com a paisagem (Fig.33).

Deste modo, como o objetivo seria essencialmente usufruir da paisagem desde o interior da casa, é possível reparar nos enormes envidraçados que são feitos, nomeadamente na sala de estar, para que a natureza possa "entrar" para o interior, estabelecendo assim relações de interior/exterior com a floresta envolvente.

Ainda para reforçar essa ideia de continuidade para o exterior, são criados grandes terraços que permitem a comunicação com a natureza, bem como os tectos serem mais baixos com intuito de direcionar o olhar desde o interior para a paisagem (Fig.34).

É evidente a importância não só pela forma como também na materialidade adotada, na incidência de luz no interior, nos próprios espaços criados, sendo eles fluídos e flexíveis. Nesse sentido, é também importante perceber na forma como o edifício se integra e adapta ao terreno, preservando e destacando a cascata, o que permite a fusão entre o edificado e natureza (Fig.35).

Neste projeto, é possível reparar na idealização do arquiteto, no sentido tornar o edifício parte integrante da envolvente, desde o uso da pedra tradicional da própria região, como na incorporação de métodos tradicionais de construção, como por exemplo, as varandas suspensas em betão, compostas por grandes vãos de vidro que permite moldurar o espaço no interior da sala de estar. O modernismo da casa é evidente, principalmente no uso do betão armado, que procura desafiar os limites da técnica, com os vãos suspensos expostos sobre a cascata.

Deste modo, pode-se afirmar que, Frank Lloyd Wright procura também com esta obra uma arquitetura sustentável e com os conceitos organicistas bem vincados, uma vez que, neste projeto existe uma preocupação e intenção clara em preservar o meio ambiente, construindo a casa sobre as rochas existentes, mantendo assim toda a área da envolvente arborizada, bem como a cascata, integrada na proposta de forma coerente e harmoniosa com a natureza.



Fig. 29 - Integração do edifício com a Natureza, Casa da Cascata

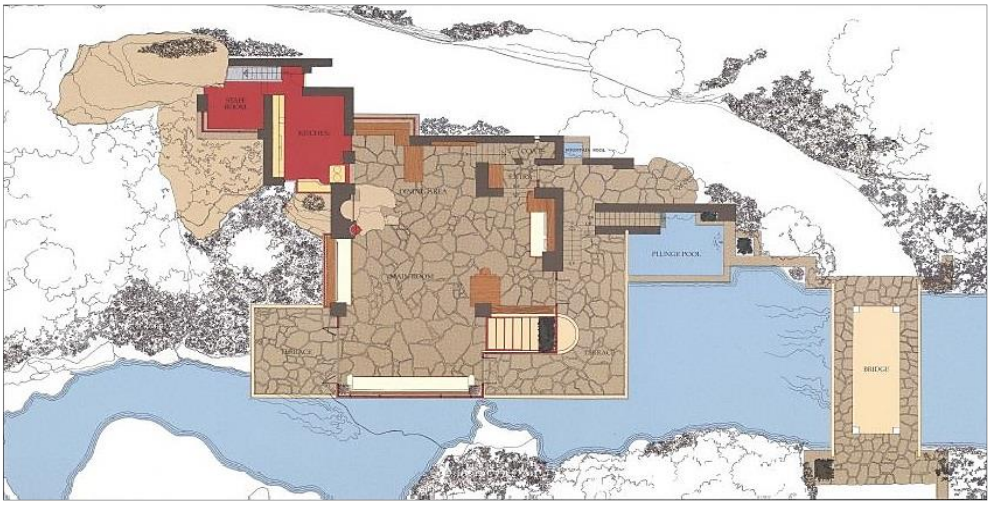


Fig. 30 - Planta piso -1, Casa da Cascata

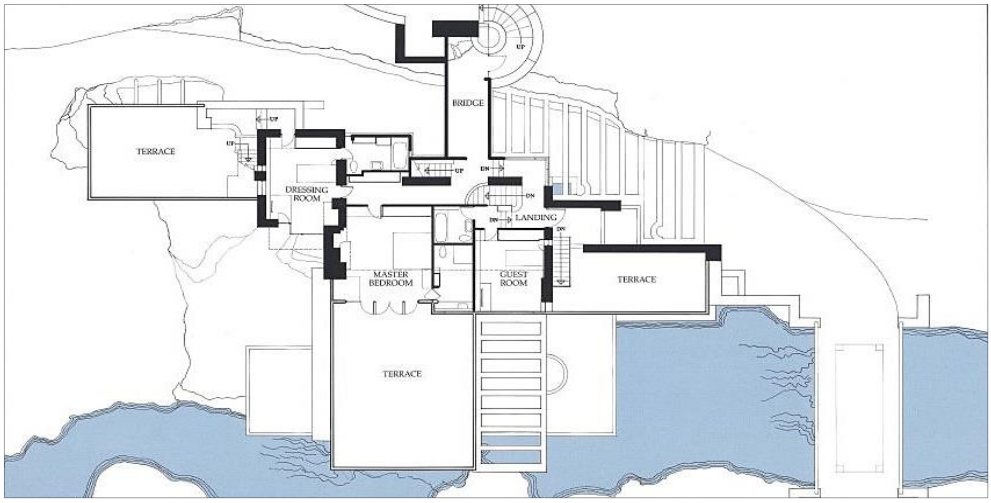


Fig. 31 - Planta piso 0, Casa da Cascata

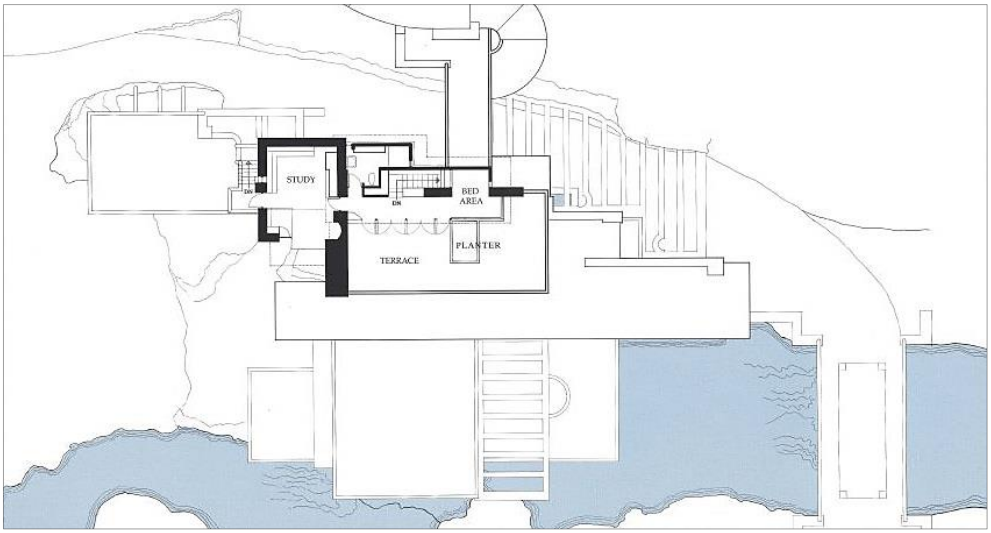


Fig. 32 - Planta piso 1, Casa da Cascata

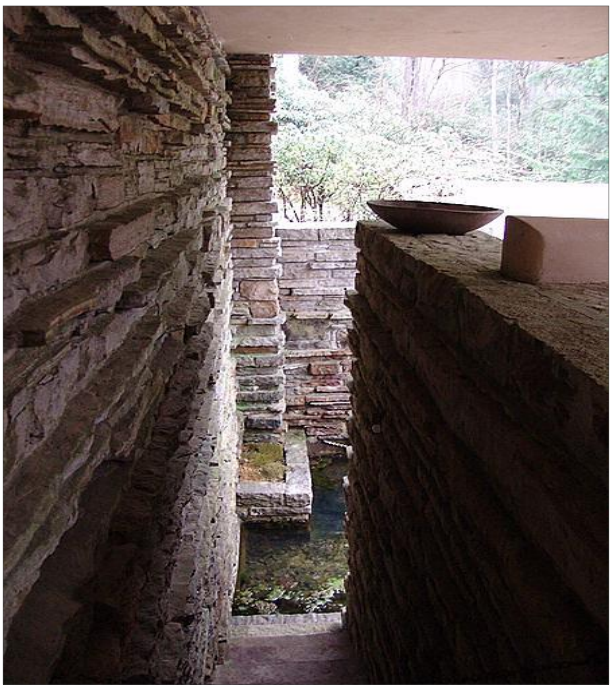


Fig. 33 - Materialidade da pedra, Casa da Cascata



Fig. 34 - Envidraçado na sala de estar, Casa da Cascata



Fig. 35 - Relação do edifício com a Natureza, Casa da Cascata

2.1.1.4 Farnsworth, 1945/51, Mies Van der Rohe

A Farnsworth (Fig.36), mais conhecida como a Casa de Vidro, foi projetada entre 194 e 1951, pelo arquiteto Mies Van de Rohe, está situada aproximadamente a 94 quilómetros de Chicago, em Linois. Num terreno bastante amplo, junto ao rio Fox, esta casa de férias está implantada numa zona arborizada, o que permite criar uma relação direta com a natureza (Fig.37).

A sua construção resume-se apenas em três planos horizontais, sendo eles a plataforma de terraço onde se desenvolve a entrada, revestida com pedra mármore, a plataforma da própria residência, considerado o pavimento interior, com a mesma materialidade, e a laje de cobertura. Este edifício no terraço eleva-se a 60cm do solo, sendo que, na plataforma que marca o pavimento principal é ligeiramente mais alto, neste caso 1,60m distanciada do solo.

O facto de essas alturas serem distintas, acabam por marcar a distinção entre ambos os espaços. É certo, que a elevação do edifício permite também marcar a sua presença na paisagem, no entanto, um dos principais motivos estava relacionado com as cheias que poderiam existir naquele lugar, uma vez que, como já tinha sido referido anteriormente, a construção está situada junto às margens do rio.

Para Mies, esta construção deveria ser o mais simples possível, usando os materiais predominantes dos perfis de ferro pintados de branco (Fig.38) para a própria estrutura e a procura pela desmaterialização do volume, através do vidro, uma vez que essa transparência permitia uma continuidade da paisagem, desde o exterior ao interior do edifício, com intuito de suavizar e integrar a construção na natureza (Fig.39).

Já no interior, a planta apresenta um desenho simples e simétrico. Esse rigor geométrico dos espaços começa a ser evidente quando no centro se desenvolve um corpo opaco que serve as casas de banho e nos topos opostos espaços utilitários dedicados a infraestruturas.

Porém, estes corpos são revestidos a madeira, por ser um material natural e que de alguma forma se relacionam e contrastam com a natureza. Este núcleo ao centro também permite dividir diferentes zonas, organizando um espaço circundante em torno dele natural e fluído (Fig.40). Tal como já tinha sido referido anteriormente, essa busca pela simplicidade na construção da casa, é visível não só no interior como também no exterior.

A estrutura que liberta o edifício do solo e o vidro como um elemento transparente e predominante em torno do edifício, permite que este, se integre e dilua na paisagem existente, tornando-se parte integrante da natureza.

Nesse sentido, é possível verificar todos esses aspetos através da planta, corte e alçado (Figs. 41, 42 e 43), abaixo apresentadas, que salientam e reforçam a ideia simplicista de Mies para esta obra, o que a torna um ícone da arquitetura modernista.

"(...) a geometria simples da casa e as impecáveis proporções das suas partes são a expressão de uma presença humana como contrapeso do imponente contexto natural arborizado. Desde dentro, a natureza é vista a partir de uma amplitude de 360ºgraus, através das paredes transparentes, (...) chega a formar parte integral e omnipresente da experiencia de todos, e de casa um dos momentos ali passados. A casa Farnsworth é um desenho clássico com implicações românticas, uma obra de arte que relaciona arquitetonicamente o homem e a natureza "[8]

[8] Schulze, F. (1986). *Mies Van Der Rohe, una biografia critica*. Madrid: Hermann Blume, pág.266.



Fig. 36 - Vista aérea, Farnsworth





Fig. 37 - Integração do edifício com a Natureza, Farnsworth



Fig. 38 - Perfis de ferro pintados de branco, Farnsworth



Fig. 39 - Integração da proposta com a Natureza, Farnsworth



Fig. 40 - Corpo opaco no interior, Farnsworth

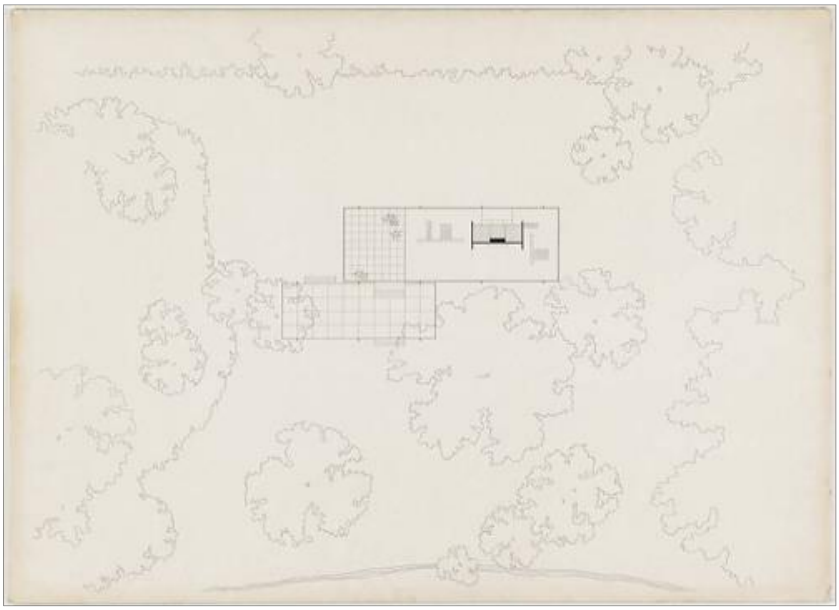


Fig. 41 - Planta, Farnsworth

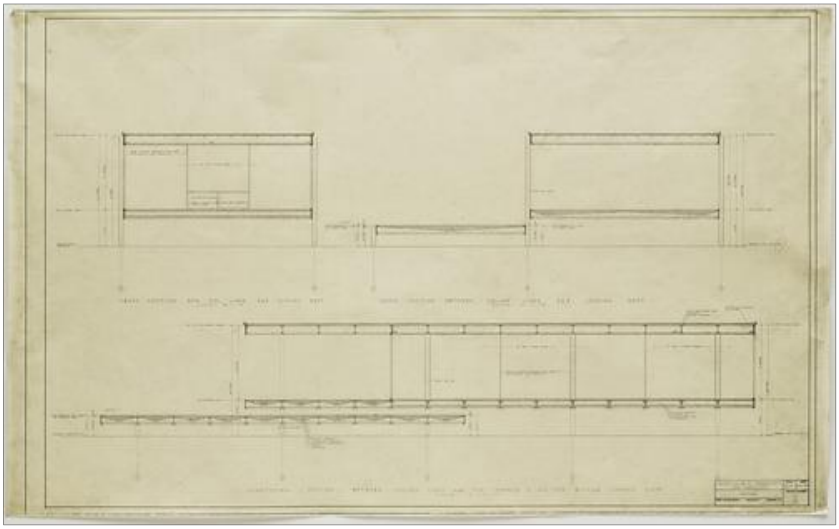


Fig. 42 - Corte, Farnsworth



Fig. 43 - Alçado, Farnswoth

2.2 Referências ao Projeto

2.2.1 Casa de Baião, 1990/93, Souto Moura

" A construção iniciou-se com a desmontagem do muro de suporte e a escavação da terra - a casa em negativo."[9]

O projeto da casa de Baião (Fig.44), da autoria do arquiteto Souto Moura, de 1990 a 1933, ilustra claramente a influência do modernismo de Mies Van der Rohe, não só na desmaterialização do edifício, como também na simplicidade na organização do espaço.

Esta obra surge através da recuperação de uma ruína, como mais um socalco, de pequenas dimensões, que procura integrar-se e camuflar-se no terreno existente.

Apresenta aspetos de uma arquitetura moderna, não só pelo programa, como também no relacionamento com a envolvente e pelos elementos existentes no lugar. Um dos objetivos do arquiteto para esta obra, seria o relacionamento com a natureza, direcionando a casa para a paisagem, funcionado como miradouro, uma vez que esta se encontra na encosta do Rio Douro (Fig.45).

Este projeto de apenas de um único piso, apresenta uma planta simples, com planos que delimitam os diferentes espaços no interior, sendo que todos eles estão direcionados e expostos sobre a paisagem. Um dos planos surge através de muro já existente em granito, que foi rodado 90° para o interior da casa, permitindo assim dividir o espaço comum, composto pela cozinha e sala, do espaço privado, que contêm os quartos (Fig.46). Já no alçado, o plano de vidro (Fig. 47), contrastando-se com o muro existente de blocos de pedra, permite dar uma nova vivência ao espaço interior da habitação.

Neste caso, o vidro funciona como uma barreira que divide o interior do exterior, sendo que, a sua transparência permite integrar e diluir a construção na paisagem.

"O único elemento emergente, a denunciar a presença da casa, é o longo painel refletor envidraçado que, (...) disfarça a espessura da laje de cobertura, (...)"[10]

[9] Moura, E. S. (1993). *Eduardo Souto Moura. A ambição é obra anónima - numa conversa com E.S.M.*. Lisboa, Blau, pág.144.
[10] Esposito, A.; Leoni, G. (2003). *Eduardo Souto Moura*. Barcelona: Gustavo Gili, pág. 90.

Quando Souto Moura estudou e analisou o lugar onde iria inserir a casa, achou que a ruína tinha uma forte presença simbólica no lugar, o que o levou a preserva-la, mantendo a sua identidade. Esta casa dissimulada no terreno, é reforçada devido á sua cobertura ajardinada (Fig.48), permitindo tornar a cobertura parte do terreno natural envolvente.

Deste modo, é evidente a procura no desenvolvimento de um confronto forte com a natureza circundante, respondendo a um desejo de estabelecer uma relação plástica e sensorial com o território, que reflete a imagem da natureza como negativo (Fig.49).

Tanto nesta obra como na casa Farnsworth, já referida anteriormente, é evidente a preocupação dos arquitetos em valorizar a relação entre o espaço interior e exterior, onde a envolvente e o próprio lugar enriquecem a vivência da casa, permitindo que a construção se dilua na natureza (Fig.50).

Neste projeto, existem aspetos importantes a salientar, não só na preocupação pela envolvente e a paisagem, como também na preservação do existente, reutilizando alguns elementos que são fundamentais para a reorganização do lugar. O edifício funde-se na paisagem e no próprio terreno, semi-enterrado e escavado na rocha, com intenção de ficar oculto, em que o próprio terreno funciona como uma segunda pele.

Pode-se ainda dizer, que o arquiteto procura nesta obra, simplicidade, no sentido de acrescentar valor á paisagem e ao ambiente. No entanto, a dualidade do natural/artificial e do espaço construído/não construído, mantêm um vínculo forte, o que permite ao edifício não só uma forte presença face há paisagem, como também uma presença discreta e oculta no próprio terreno, através dos materiais pré existentes que são aplicados na construção e que acabam por respeitar e valorizar o lugar.

Para Souto Moura, a ruína aparece como um elemento de reflexão que não precisaria de intervenção, valorizando e focando-se essencialmente na paisagem que o lugar proporciona: *"A ruína ficou consolidada, como um jardim delimitado e a vista da sala é muito bonita porque fronteia o Douro."*[11]

[11] Esposito, A.; Leoni, G. (2003). *Eduardo Souto Moura*. Barcelona: Gustavo Gili, pág. 144.

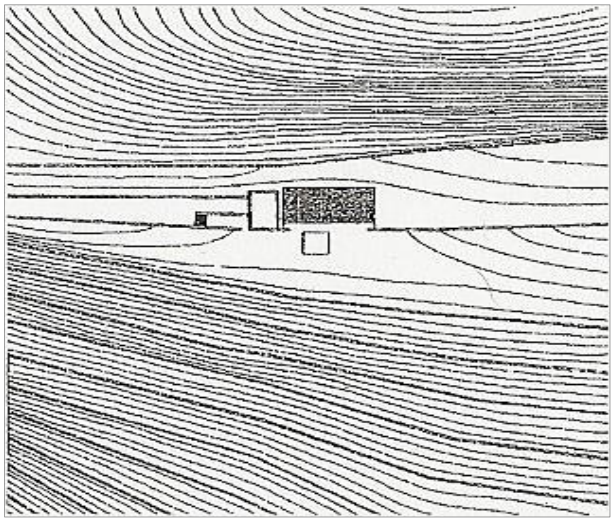


Fig. 44 - Implantação, Casa de Baião



Fig. 45 - Encosta do Rio Douro, Casa de Baião

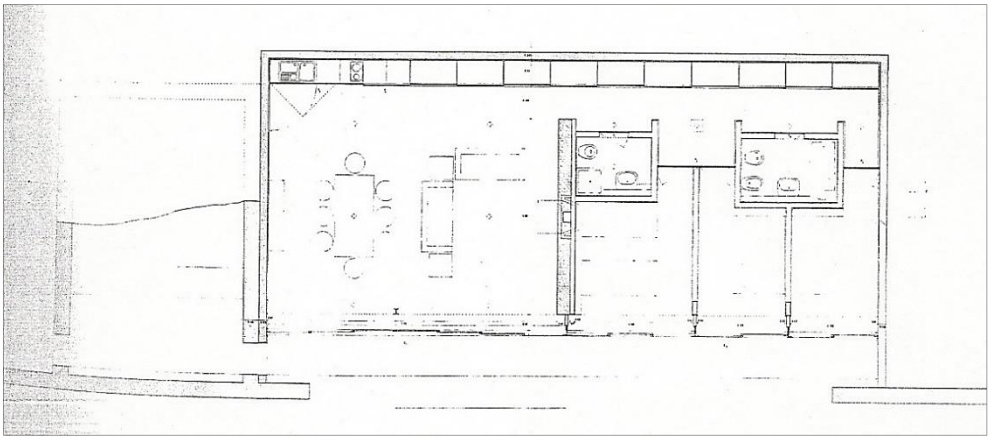


Fig. 46 - Planta do interior, Casa de Baião



Fig. 47 - Plano de vidro, Casa de Baião



Fig. 48 - Cobertura ajardinada, Casa de Baião



Fig. 49 - Integração do projeto com o território, Casa de Baião



Fig. 50 - Construção diluída na Natureza, Casa de Baião

2.2.2 Crematório "Uitzicht", 2010/11, Souto Moura

O crematório Uitzicht, em Kortrijk (Figs.51 e 52), da autoria do arquiteto Souto Moura, foi realizado ente 2010 e 2011. Situado na Bélgica, o projeto surge de um concurso realizado para a construção de um novo crematório, inserido num cemitério desenhado por Bernardo Secchi. Este edifício em betão armado, desenvolve-se ao nível térreo, que encaixa num desnível (Fig.53), sendo que surge na superfície como um corpo semi-enterrado e dissimulado por uma cobertura ajardinada, que permite não só ocultar como integrar o edifício no terreno, oferecendo uma continuidade da paisagem. Como forma de valorizar o lugar, seria importante camuflar o edifício, libertando o piso superior da cobertura através do jardim percorrível, com intuito de difundir e relacionar a construção com o terreno existente.

"Esta ideia de paisagem, da topografia, dos jardins quase naturais, é importante, porque provoca um estado de continuidade da paisagem verdadeiramente interessante."[12]

A entrada principal é feita por uma rampa (Fig.54) que nos conduz a um grande pátio (Fig.55), composto por alguns elementos, como por exemplo uma árvore, que desenha e define claramente aquele pátio, tornando-o um ponto de receção e de chegada.

Para esta obra, o arquiteto procura proporcionar espaços de reflexão, criando um edifício harmonioso e respeitável. A organização e composição dos pátios e iluminação no interior, oferece e atribui um novo significado ao edifício, em que analisando a planta de cobertura é possível verificar as diversas dimensões dos vazios e o que proporcionam.

Esse princípio, passaria por dividir o edifício entre os espaços interiores e exteriores, através da colocação pontual de claraboias (Fig.56) e com os respetivos pátios, que reforçariam uma das ideias fundamentais do projeto, já anteriormente referidas, na criação de zonas de reflexão pessoal.

Quanto á planta, é possível verificar, que apresenta um grande rigor geométrico, devido á forma do próprio volume, assim como, fluidez e simplicidade na criação dos diversos espaços, como se pode verificar na planta abaixo apresentada (Fig.57).

[12] Moura, E. S. (2005).*Eduardo Souto Moura. La Naturalidade das Cosas, 1995-2005*, entrevista de Luis Rojo de Castro. Madrid: Croquis Editorial, nº124, pág.10.

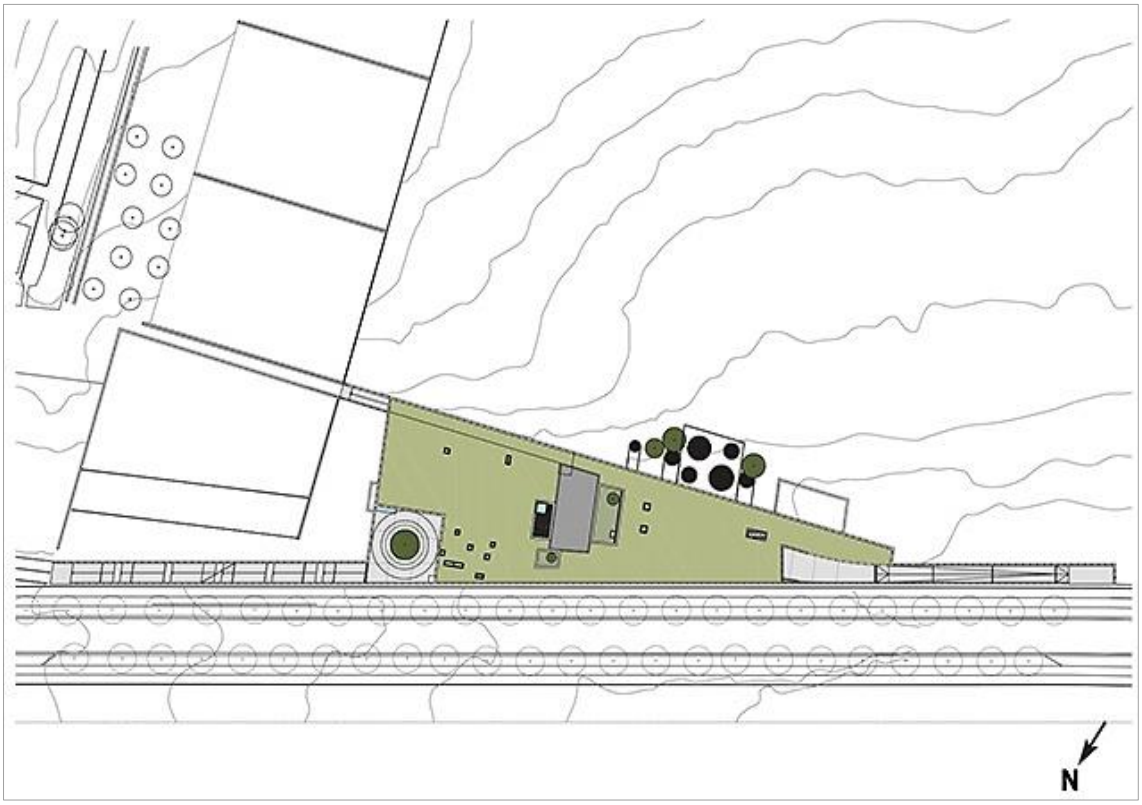


Fig. 51 - Implantação do edifício, Crematório de “Uitzicht”

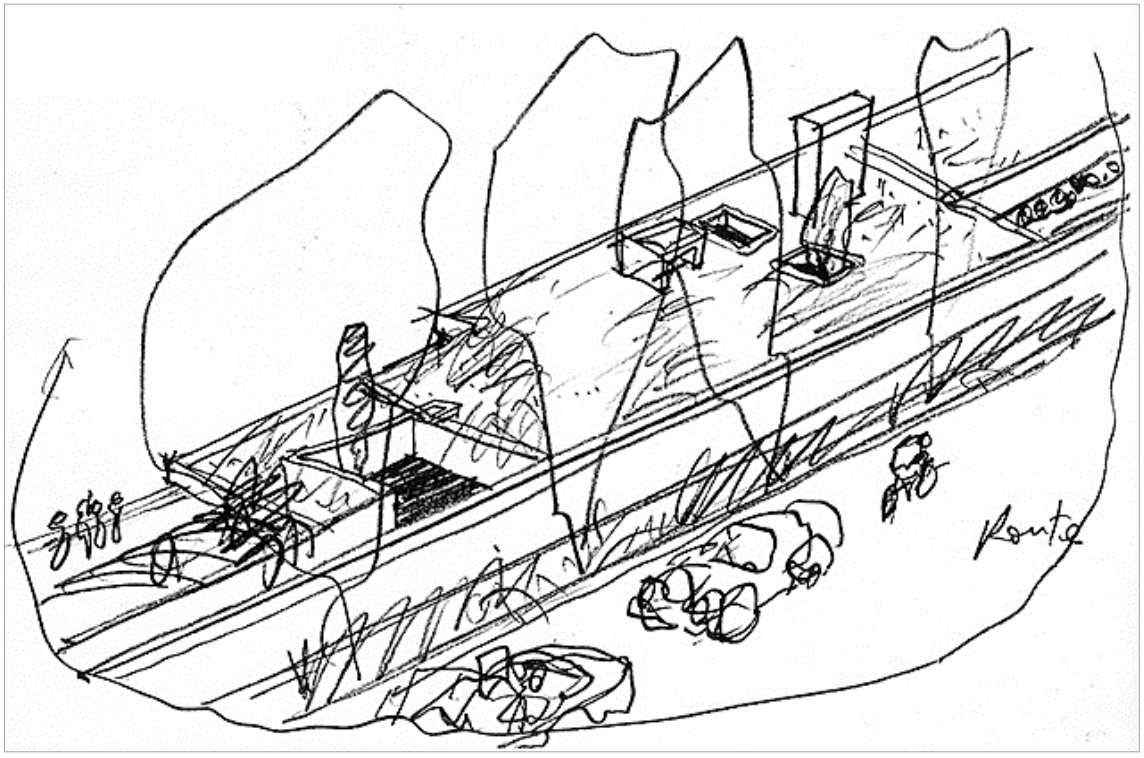


Fig. 52 - Esquiço da implantação do edifício, Crematório de “Uitzicht”

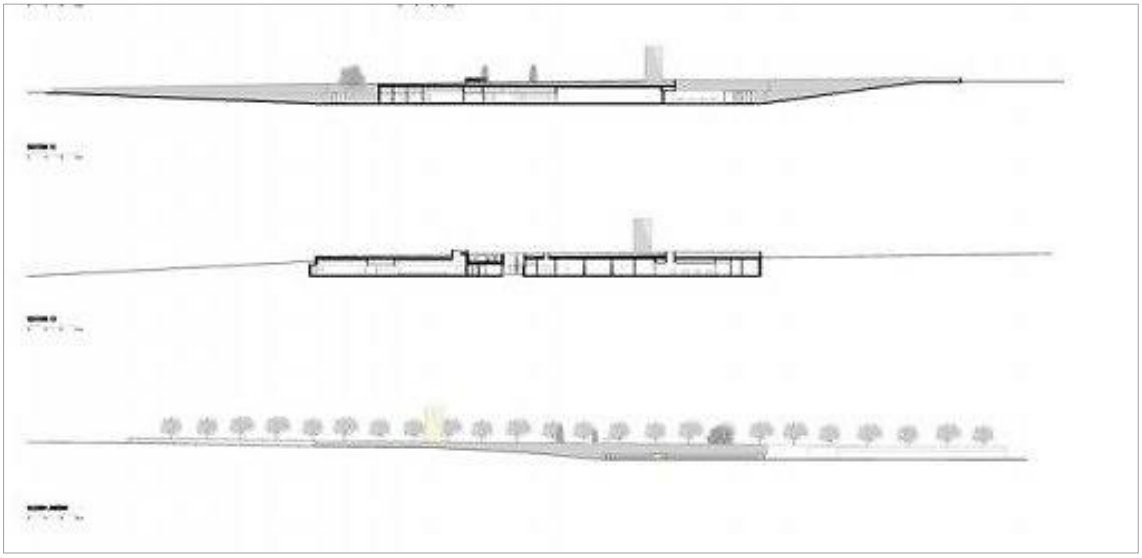


Fig. 53 - Cortes com os desníveis, Crematório de “Uitzicht”



Fig. 54 - Rampa de entrada, Crematório de “Uitzicht”



Fig. 55 - Cortes com o desnível do terreno, Crematório de “Uitzicht”



Fig. 56 - Claraboias no interior, Crematório de “Uitzicht”



Fig. 57 - Planta com pátios no interior, Crematório de “Uitzicht”

2.2.3 Riparian House, 2005, Architecture BRIO

O projeto da casa Ripariana House (Fig.58), realizado em 2005, por Architecture Brio, está situado Karjat, na India, abaixo do topo de uma colina (Fig.59). Com cobertura ajardinada percorrível, esta construção semi enterrada funde-se com o terreno existente, deixando apenas um dos alçados com vista privilegiada para a paisagem, direcionada para o lado Norte e Oeste, onde se encontram as montanhas e o rio (Fig.60).

A cobertura ajardinada, não só permite libertar área útil, como também cria uma extensão e continuidade da paisagem natural existente, o que seria importante para aquele lugar (Fig.61).

No entanto, é importante salientar que durante o processo de escavação foram descobertos pedregulhos, que foram preservados e reutilizados, com intuito de relacionar e unificar a construção da casa com os elementos existentes do local (Fig.62).

A entrada para a casa pode ser feita por dois lados, sendo que, no interior somos conduzidos por paredes de pedra que nos vão direcionando para paisagem principal com vista para a colina. As zonas da habitação, são compostas pela sala de jantar, sala de estar, quartos, cozinha e uma piscina no exterior, sendo que, todos estes espaços mantêm uma forte relação com a natureza (Fig.63).

Porém, é possível observar a luminosidade que é transportada para espaços principais da casa, através dos alçados Norte e Oeste, como também pelos pátios existentes. Observando a a planta (Fig.64) e o corte (Fig.65) abaixo anexados, é possível reparar nos pátios da casa, bem como o desnível do terreno existente.

Como já tinha sido referido, a materialidade da pedra que é aplicada na construção, procura confrontar e integrar o edifício com a envolvente. Porém, para reforçar essa relação do construído/não construído, no alçado exposto sobre a paisagem, utilizam-se varas de bambu, colocadas em linhas rítmicas, com pequenos afastamentos uns dos outros. Esse material, permite oferecer uma camada de privacidade ao interior, sem obstruir a vista para o rio e para as montanhas, além de proporcionar algum sombreamento e de ser um material contrastante com a natureza envolvente. (Fig.66).



Fig. 59 - Implantação, Riparian House

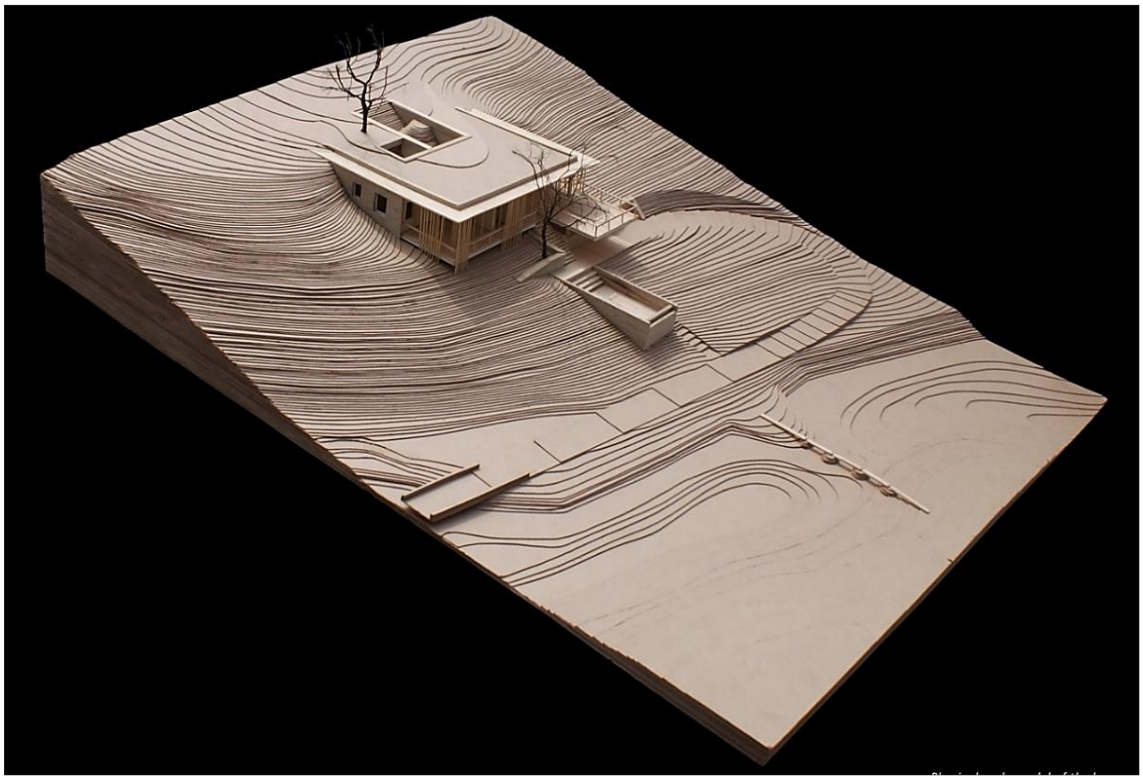


Fig. 58 - Integração com o terreno, Riparian House



Fig. 60 - Cobertura ajardinada, Riparian House



Fig. 61 - Alçado principal, Riparian House



Fig. 62 - Pátio com as pedras pré-existentes, Riparian House



Fig. 63 - Relação do interior/exterior, Riparian House

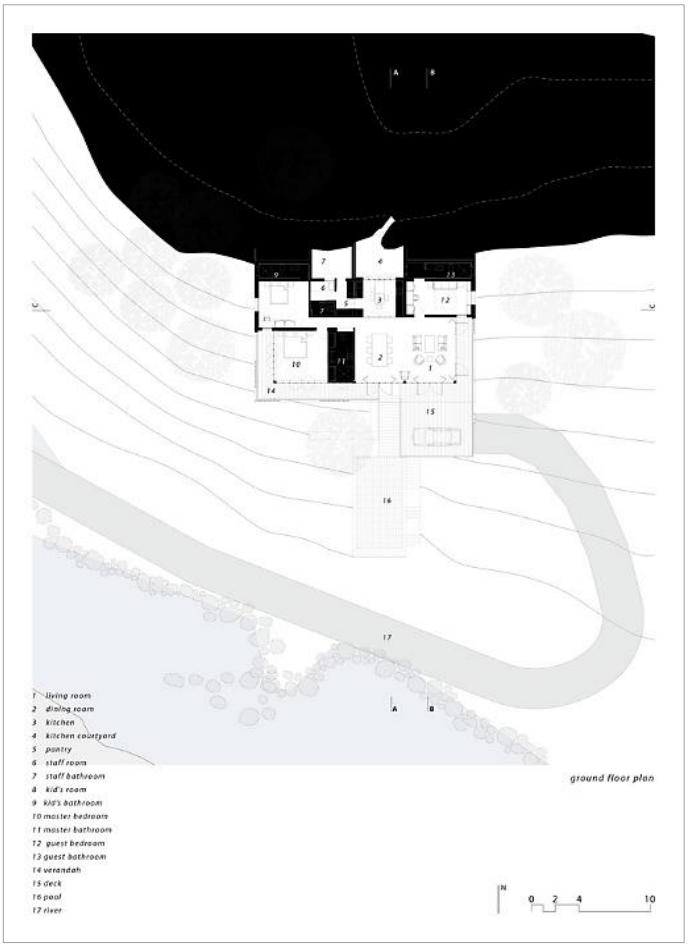


Fig. 64 - Planta, Riparian House

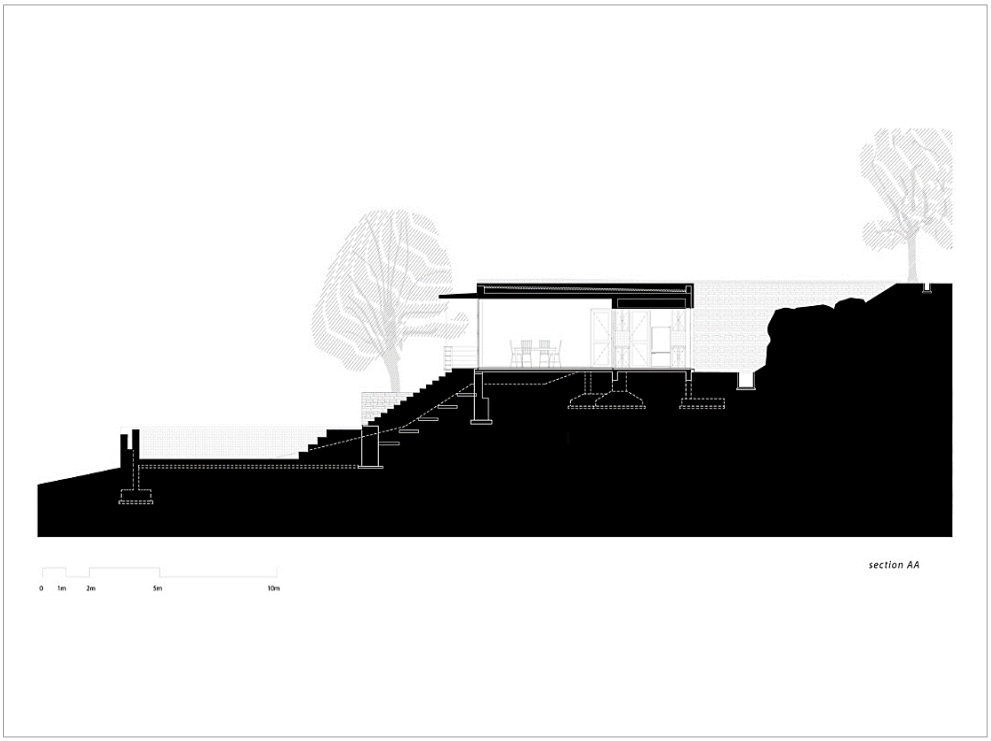


Fig. 65 - Corte, Riparian House

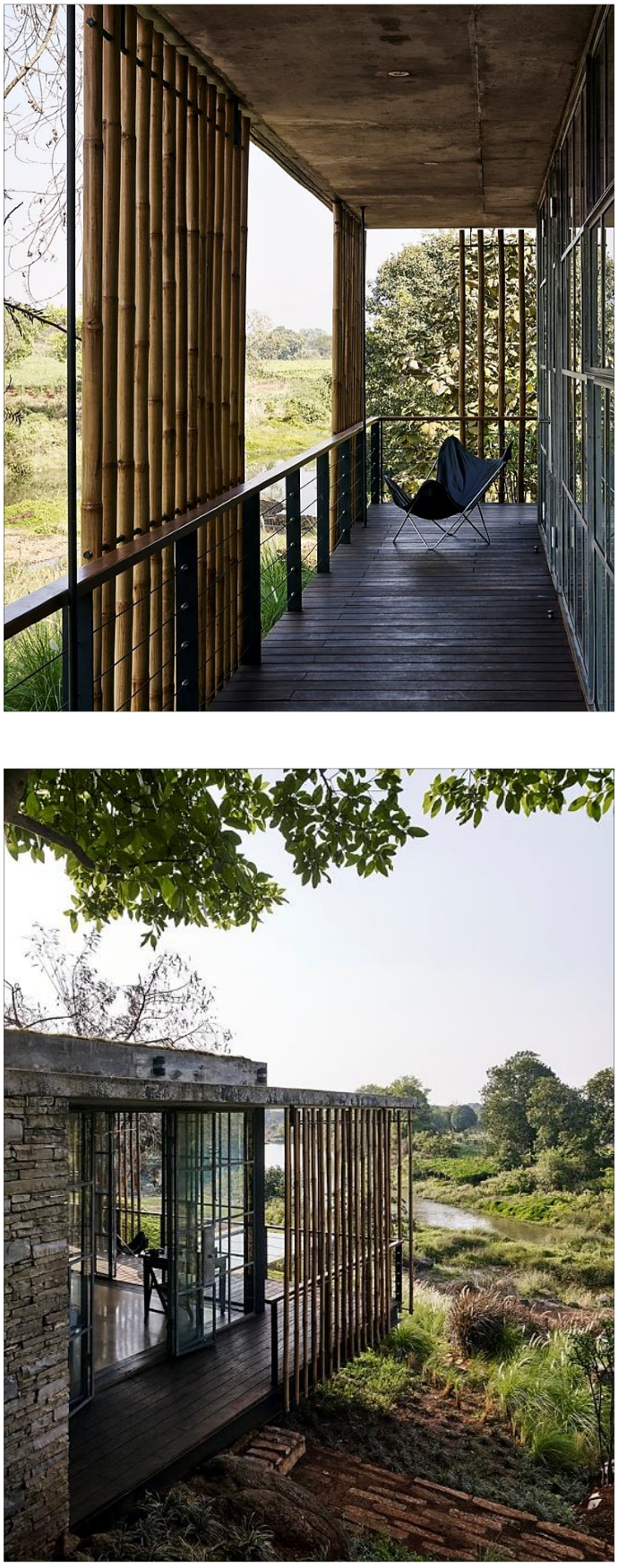


Fig. 66 - Varas de bambu, Riparian House

III. ANÁLISE COMPARATIVA

Quando partimos para a análise comparativa entre as referências abordadas e a nossa proposta de intervenção, facilmente encontramos diversas distinções e semelhanças entre os projetos, não só na própria implantação do volume, mas também na importância que é atribuída tanto ao espaço envolvente da natureza e paisagem, como também ao próprio lugar onde a proposta se insere.

Deste modo, no decorrer da proposta, foi importante a seleção de várias referências, todas elas diferentes, mas ao mesmo tempo, com finalidades idênticas, no que toca á valorização do espaço envolvente.

É fundamental perceber de que forma é que a proposta se insere num determinado local, neste caso na Quinta da Conceição, sendo considerado um lugar de grande importância, não só pela sua história mas também pelas obras que apresenta, de autoria de Fernando Távora e Siza Vieira.

Numa fase inicial, em que expomos e descrevemos o tema da dissertação, elegemos duas obras de diferentes arquitetos, que consideramos fundamentais para a compreensão do tema abordado, relativamente á paisagem e natureza.

O Centro das Artes, mais conhecido por Casa das Mudas de Paulo David, e o Museu de Foz Coa, de Camilo Rebelo, são duas obras de grande destaque face á paisagem que o local oferece, como também na procura pela valorização do próprio lugar onde se inserem. Neste sentido, são duas referências fundamentais, essencialmente por apresentarem finalidades idênticas á proposta de intervenção.

Por exemplo, recorrem á materialidade da envolvente, para integrar e diluir o volume na envolvente, um pouco o que acontece na proposta para a Escola de Dança, na Quinta da Conceição, em que a materialidade da pedra é aplicada na construção, como um elemento proveniente dos muros existentes, servindo como uma pele para edifício e permitindo a valorização dos elementos presentes naquele lugar.

Algumas obras que marcaram o movimento moderno, como Villa Savoye, a Casa da Cascata e a Farnsworth, foram também importantes na compreensão do próprio tema, uma vez que, nestas implantações, a valorização pelo lugar e território é evidente, sendo que cada caso específico pode ser analisado de diferentes perspetivas.

A meu ver, todas estas referências são importantes, não só para compreensão do próprio tema, no sentido de esclarecer como foi surgindo a necessidade de respeitar o lugar e a própria paisagem onde o volume se insere, como também para a proposta atual. Foi então que, após um estudo prévio a estes edifícios, que se concluiu o que se pretendia para a implantação volumétrica da proposta, na Quinta da Conceição.

No caso da Villa Savoye, é evidente a importância pelo território, o rigor e clareza da forma volumétrica, com os cinco pontos da arquitetura bem vincados, os pilotis, a planta livre, fachada livre, vãos contínuos e cobertura ajardinada, todos esses pontos referidos e explicados detalhadamente.

Porém, em comparação ao projeto da Escola de Dança, deparamo-nos com algumas semelhanças e diferenças, em primeiro lugar na própria implantação, em que no caso da Villa Savoye o volume está inserido no terreno de forma clara e imponente, com intuito de se evidenciar naquele espaço, enquanto que, na escola de dança observamos um edifício que está camuflado no próprio terreno, e diluído na paisagem.

No entanto, na Villa Savoye os pilotis são usados para libertar o piso térreo, transportando para a cobertura uma secção de espaço ajardinado de circulação, o mesmo que acontece na proposta atual, não pelo uso dos pilotis, mas sim pela cobertura percorrível.

Tendo em conta essas características e analisando o projeto para a escola de dança, pode-se comprovar algumas dessas semelhanças, no sentido de procurar acrescentar um novo piso através da cobertura, assim como acontece na referência abordada. Transpondo essa ideia, para além de integrar o edifício no terreno existente, o mesmo, permite não só oferecer uma circulação pedestre, como também uma continuidade da paisagem.

Obviamente que, em alguns casos, incluindo a Villa Savoye é possível verificar mais diferenças que semelhanças, no entanto, o simples facto de ser uma referência não obriga que ambas as obras tenham de ser idênticas, uma vez que o importante passa por perceber alguns conceitos e pormenores que nos facilitem uma melhor resolução e compreensão face à proposta.

Relativamente à Casa da Cascata, é possível verificar mais semelhanças á proposta de intervenção do que a Villa Savoye, uma vez que, neste caso facilmente observamos uma maior preocupação na integração da casa na natureza, com o intuito e finalidade de valorizar a envolvente. Exemplo disso, pode ser visto na própria materialidade, ou seja, o uso da pedra como um elemento fundamental daquele lugar, adaptando-se ao ambiente em que a casa se insere, como também o vidro, oferecendo transparência ao edifício.

Essa finalidade, permite criar relações entre o espaço interior/exterior, na procura pela harmonia no interior da habitação e a integração da mesma com a natureza envolvente. A forma volumétrica, também é fundamental na compreensão do próprio lugar, visto que, a construção assenta sobre as rochas existentes, respeitando não só o espaço arborizado á sua volta, como a cascata.

As próprias varandas, desenhadas com um rigor geométrico simples e claro, estão dispostas e direcionadas para a vegetação com intuito de reforçar a ideia de interação entre o interior e exterior. No entanto, alguns elementos, como as rochas, árvores e a própria cascata, são fundamentais para este projeto, não só por oferecerem vida aquele lugar, como permite ao edifício um contraste com a natureza e a paisagem.

Neste sentido, é possível reparar algumas semelhanças com a proposta de intervenção, uma vez que, o uso do vidro acaba por ter a mesma finalidade, bem como a preservação pela envolvente, nomeadamente as zonas arborizadas, que acabam por dar significado ao lugar. Apesar de serem espaços diferentes, a valorização e importância que é atribuída á natureza é evidente, bem como, a procura por uma implantação que facilmente se adapte ao território e que se dilua na paisagem.

Servindo também como base de estudo, foi a Farnsworth, sendo um edifício elevado do solo, que se exibe claramente no território onde se insere. No entanto, um dos aspetos fundamentais deste edifício, a meu ver, acaba por ser a própria materialidade que é usada, neste caso, o vidro, como material predominante, oferecendo uma transparência entre o volume e a paisagem. Deste modo, essa desmaterialização e peculiaridade do vidro, permite que o edifício não só se dilua na paisagem, como estabelece um forte relação entre o espaço interior/exterior, como se o edifício flutuasse na paisagem. Essa relação, com o objetivo de permitir que a natureza faça parte da habitação, assemelha-se à atual proposta de intervenção, para a Escola de Dança.

A valorização pelo lugar é evidente em ambos os projetos, bem como o uso do vidro, que reflete não só a paisagem, como também permite criar uma proximidade e interação do espaço interior do edifício com a natureza envolvente.

Logicamente que, ao analisar alguns projetos acima abordados, percebemos que só em alguns aspetos é que conseguimos estabelecer e encontrar semelhança à atual proposta de intervenção. No entanto, não deixam de ser importantes para o desenvolvimento e compreensão do próprio tema da dissertação, relativamente á valorização do lugar, não só na materialidade, como também na natureza e paisagem onde se inserem. Neste seguimento, pode-se dizer que grande parte destas obras foram essenciais para a evolução da arquitetura no Modernismo, sendo que novas conceções, técnicas construtivas, conceitos e ideologias foram sendo transportadas até a atualidade.

Com base em algumas referências, já acima referidas, servindo de base essencial para o desenvolvimento do tema e compreensão do próprio projeto, foram selecionadas outras obras, desta vez com maior proximidade á atual proposta de intervenção.

Nessa seleção de referências, ou seja, a casa de Baião, o Crematório "Uitzicht" de Souto Moura, e a Riparian House, é possível verificar uma grande proximidade á proposta de intervenção. Deste modo, estes projetos não só valorizam a envolvente, como também procuram uma integração do edifício, ocultos no próprio terreno onde se inserem.

Este objetivo e ideologia de camuflar todo o volume no terreno, através de um manto verde, de cobertura ajardinada permite manter uma continuidade da paisagem existente no próprio lugar, tal como acontece no projeto para a escola de dança.

A casa de Baião, como sendo a principal referência para a proposta de intervenção, procura não só valorizar o lugar onde se insere, isto é, preservando os elementos existentes no território, como também procura realçar e evidenciar a importância do edifício face á paisagem.

Na proposta para a Escola de Dança, tal como na casa de Baião, os elementos que descrevem e valorizam o lugar, neste caso a pedra, é transportada para o próprio edifício, no sentido de adaptar e integrar o edifício no território, como se este pertencesse ao lugar no qual fizesse parte.

Há que realçar que ambos os projetos procuram uma consonância entre materiais, neste caso da própria pedra com o vidro, tal como já tinha sido referido anteriormente, a pedra como elemento proveniente do lugar e o vidro como elemento transparente que não só serve para diluir e suavizar o volume no terreno, como também procura privilegiar as vistas sobre a paisagem e o horizonte.

"(...) pela primeira vez na minha vida, pude viver numa obra minha. Desta maneira dei-me conta de alguns erros de conceito como escapar durante a fase de projeto (...)

Unicamente pelo desejo de criar uma certa coerência nos materiais, desenhei o dormitório com as paredes totalmente de vidro com uma grande porta de correr, necessária para escurecer o quarto. Na realidade nunca abri esta porta mais de meio metro e todas as manhas me pergunto: Porquê coloquei uma parede de vidro de cinco metros? Só por uma questão de coerência dos materiais?"[13]

[13] Nufrio, A. (ed.). (2008). *Eduardo Souto Moura. Conversas com Estudantes.* Barcelona: Gustavo Gili, pág.69.

Pode-se dizer, que a materialidade que é usada na proposta de intervenção aproxima-se à casa de Baião, não só no plano de vidro que serve um dos alçados, como também na própria estrutura em betão que depois é revestida com a pedra.

No entanto, para a casa de Baião, Souto Moura também utiliza o vidro como: *"(...) um espelho para esconder o pavimento, sempre com a intenção de tornar os elementos de pedra, na medida do possível, abstratos, auto-suficientes, em descontinuidade com o resto da estrutura."* [14]

Tal como em obras anteriormente referidas, nesta obra é possível observar a continuidade da paisagem, através da cobertura ajardinada, que tal como a Escola de Dança, é percorrível e permite camuflar o edifício no terreno existente.

Já nos espaços interiores, apesar de serem edifícios com finalidades diferentes, é possível verificar na atual proposta de intervenção o mesmo que acontece na casa de Baião, isto é, a simplicidade dos espaços interiores e o intuito integrar o material que é usado no exterior do edifício para o interior, neste caso, um plano de pedra, que permite evidenciar a zona da entrada, mais uma vez, transportando e valorizando os elementos da envolvente para o próprio edifício.

Para Souto Moura, aquela ruína já existente, não só dava vida, como significado ao lugar, surgindo como um elemento de reflexão, no qual não seria necessário de intervir, no entanto, o arquiteto afirma que: *"Há duas maneiras de ver a ruína: Pode ser usada, e pode-se fazer uma Historia da Arquitetura com Historias das Ruinas"*[15].

Nesse seguimento, uma outra obra que serviu como referência, do mesmo arquiteto, foi o crematório "Uitzicht", em que o objetivo essencial de camuflar o edifício acaba por ser idêntico, uma vez que, o volume também surge diluído no terreno com cobertura ajardinada, permitindo uma continuidade da paisagem, como acontece na referência anteriormente abordada.

Neste caso, logicamente não é uma obra que procura preservar e utilizar os elementos da envolvente, uma vez que não era esse o objetivo primordial para este edifício, no entanto, deparamo-nos com um elemento deveras importante para a compreensão e desenvolvimento da atual proposta de intervenção, o pátio que serve a entrada para o edifício. Esse pátio, tanto para o crematório como para a Escola de Dança, não tendo o mesmo desenho, acabam por ter a mesma finalidade face ao projeto.

[14] Esposito, A.; Leoni, G. (2003). *Eduardo Souto Moura.* Barcelona: Gustavo Gili, pág.143.
[15] Moura, E. S. (1994). *Eduardo Souto Moura, a ambição é obra anónima- numa conversa com E.S.M.*, entrevista de Paulo Pais. Lisboa, Blau, pág.28.

Nesse sentido, fez-se um estudo e análise desse espaço, comparando-o com a atual proposta de intervenção, com intuito de perceber qual a sua importância e finalidade. Logicamente, chegou-se á conclusão que não só a própria dimensão do pátio, como na forma como é desenhado, são espaços distintos, no entanto, a sua função perante o volume é a mesma, sendo que, acabam por servir como espaços de chegada. A meu ver, o pátio é interpretado como um primeiro átrio que nos evidência e serve a entrada principal para o edifício.

Porém, nesta obra de Souto Moura, essencialmente procuram-se criar espaços harmoniosos, através das claraboias e dos pátios que são criados, permitindo iluminar o interior do edifício. Já na proposta para a Escola de Dança a iluminação não é feita por claraboias nem por pátios, mas sim pelo enorme envidraçado ao longo de toda a fachada direcionada a Este, que não só ilumina o interior, como também cria uma relação direta entre o espaço interior e a envolvente.

Deste modo, a obra do Crematório serviu para perceber como já tinha sido referido anteriormente, qual a principal função, importância e finalidade que é atribuída ao pátio que serve a entrada, como também na implantação do próprio edifício no terreno com cobertura percorrível. Pode-se dizer também que, foi importante analisar as plantas, no sentido de perceber e compreender de que forma vão surgindo os diferentes espaços de diversas funções no interior do edifício.

"O sentimento que transmite esta Arquitetura é de serenidade. Sem dúvida, e por uns instantes, revela-se quase insólita. Creio que esta segunda "natureza" da Arquitetura de Souto Moura deve muito á singularidade e complexidade da sua materialização."[16]

Por fim, uma outra referência, abordada numa fase mais tardia, foi a Riparian House, sendo que foi um edifício que surgiu através duma pesquisa que foi realizada com intuito de perceber como se pode construir um volume num terreno em que os elementos existentes valorizam e dão significado ao próprio lugar, tal como acontece na casa de Baião. No entanto, foi essencial compreender na forma como a casa é exposta e direcionada para uma paisagem, mantendo uma relação forte com a envolvente, neste caso, num espaço bastante arborizado que reflete o verdadeiro significado da natureza.

[16] Moura, E. S. (1990). *Centro Cultural do S.E.C.* Revista Architécti, nº5, pág. 83.

Neste edifício, a materialidade acaba por ser o mais importante, no sentido em que permite valorizar o lugar e relacionar o edifício com a natureza, por exemplo a madeira que é aplicada no alçado, através das varas de bambu, permitindo difundir a casa com a natureza envolvente.

Já a pedra, que é usada na construção das paredes é importante para a integração da proposta no terreno, bem como na preservação e reutilização de muros de pedra e zonas rochosas já existentes permitindo a valorização pelo próprio lugar.

Quando é feita a análise às referências, percebemos que tanto na casa de Baião como na Riparian House, há uma preocupação de expor o edifício sobre paisagem, valorizando a mesma. Nesse sentido, são obras que procuram camuflar e difundir o volume no terreno, recorrendo também ao uso dos materiais pré existentes na construção do edifício, com o intuito de o integrar na envolvente.

Claramente que, é possível verificar uma proximidade direta á atual proposta de intervenção, mesmo sendo edifícios com diferentes finalidades, neste caso, de duas casas e de um edifício público, as semelhanças são evidentes. Porém, estas referências servem essencialmente para expor e facilitar uma melhor compreensão na valorização pelo lugar, onde uma determinada proposta de insere.

Neste caso, para a Escola de Dança, tal como em obras referidas anteriormente, há uma procura pela valorização e preservação dos elementos da envolvente, que devem ser devidamente respeitados, não só pela casa já existente, como também pelo pelourinho e os muros de pedra, que de certa forma, dão significado e expressão ao lugar, sendo esse o maior desafio para a implantação do edifício na Quinta da Conceição.

(...) se excluo as primeiras obras (...) não acho que existem relações estreitas formais entre mim e o Távora, assim como não existem entre mim e Souto de Moura. Certamente existem influências no que se refere às ideias sobre a arquitetura".[17]

[17] Esposito, A.; Leoni, G. (2003). *Fernando Távora, Álvaro Siza, Eduardo Souto Moura*. Barcelona: Gustavo Gili, pág. 9.

IV. O LUGAR (Quinta da Conceição)

"O parque foi um Convento de frades que se instalaram ali no séc. XV e, depois, uma propriedade particular. Existiam a avenida, a capela, o claustro, os tanques e portanto havia já elementos que garantiam uma estrutura a manter."[18]

O Parque municipal da Quinta da Conceição, da autoria do arquiteto Fernando Távora, foi projetado entre 1956 e 1960, sendo que está localizado na marginal do Porto de Leixões, no sentido longitudinal e paralelo ao rio Leça, mais precisamente, em Matosinhos, entre a Rua de Vila Franca e a Avenida Dr. Antunes Guimarães, com entradas em ambos os lados (Figs. 67 e 68).

Esta Quinta, é caracterizada como um enorme espaço verde e aberto, sendo visível a diferença altimétrica, acentuada do próprio terreno, em oposição às plataformas niveladas portuárias de leixões. Inicialmente, era denominada de Quinta da Granja, pertencendo aos Frades Franciscanos, em meados do século XV, depois de terem abandonado o convento de S. Clemente das Penhas. Neste local, situava-se o Convento de Nossa Senhora da Conceição de São Francisco, que lá chegou em 1481, sendo ele composto apenas por um claustro, um portal e um convento.

Já no séc. XVI, o terreno foi doado á cidade do Porto, para a construção de um convento franciscano, porém, passadas algumas décadas, devido ao clima, o local fica abandonado durante aproximadamente três séculos. É então que 1834, em hasta pública, o terreno acaba por ser vendido, e mais tarde, no séc. XX, concebido à Administração do Porto de Douro e Leixões. Deste modo, é importante referir que nesse século, em 1956, parte da propriedade tinha sido arrendada pela comissão de Turismo da Câmara Municipal de Matosinhos, com intuito de criarem um lugar que servisse como parque da vila.

Atualmente, neste espaço de carácter público, ainda é possível verificar alguns vestígios, de décadas posteriores, tais como, o antigo claustro, alguns chafarizes, um portal de estilo manuelino que pertencia à própria igreja do convento, e por fim, a capela de São Francisco.

[18] Trigueiros, L. (ed.). (1993). *Fernando Távora, Parque Municipal Quinta da Conceição*. Lisboa, Blau, pág. 66.

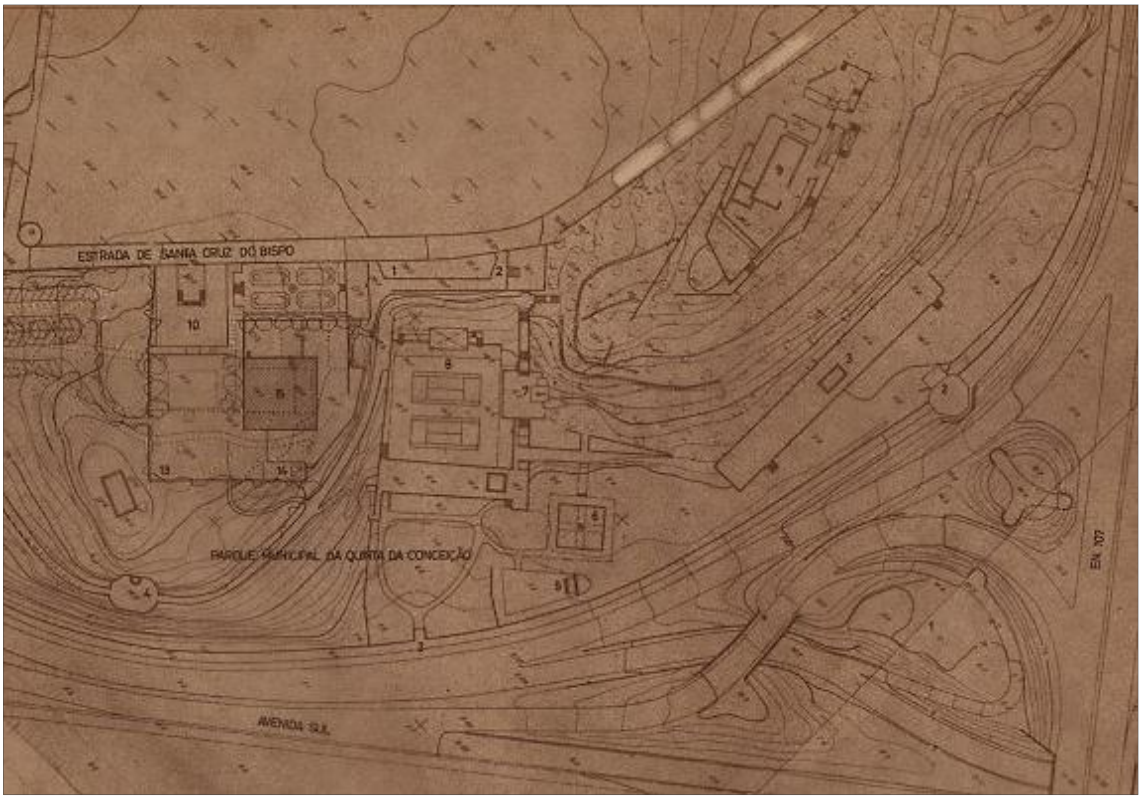


Fig. 67 - Planta, Quinta da Conceição

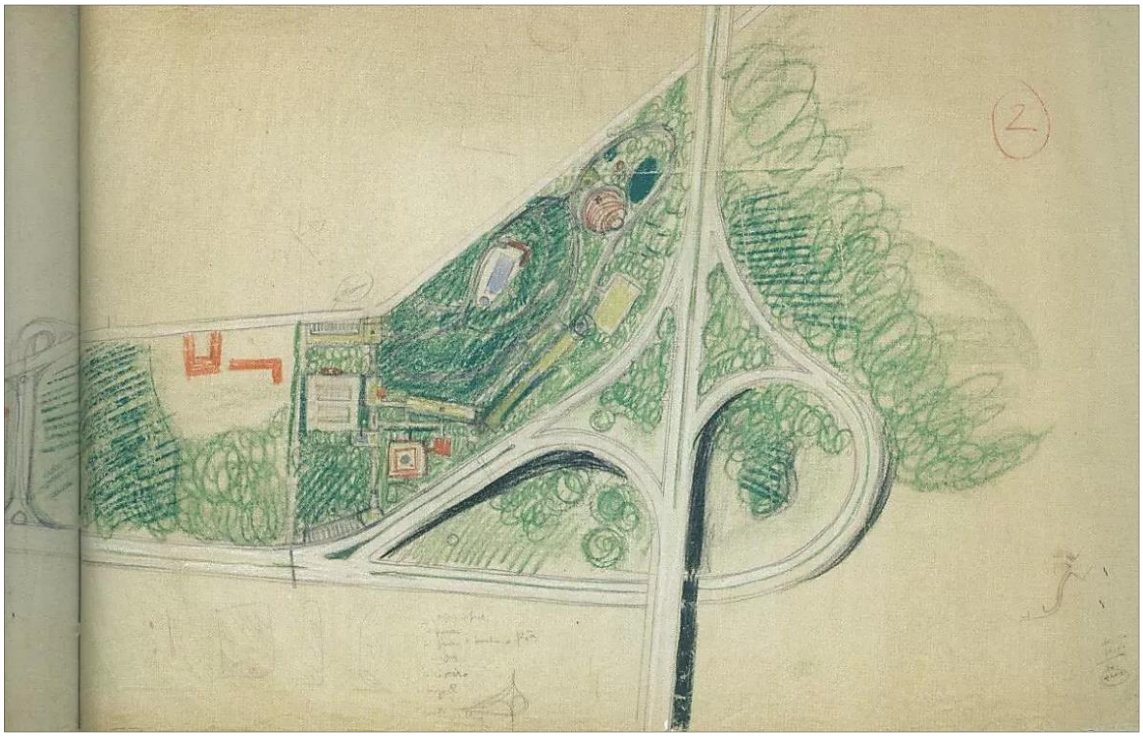


Fig. 68 - Esquiço da planta, Fernando Távora

No entanto, durante a década 60, a Quinta sofre alguns melhoramentos, principalmente com intervenção do arquiteto Fernando Távora, mas também do arquiteto Siza Vieira. Quando se pensou em intervir naquele local, Távora depara-se com um lugar desconfigurado e desorganizado, devido aos percursos que percorriam a Quinta e aos espaços que a compunham, sendo que, necessitavam de um desenho mais rigoroso e assertivo, definindo e explorando o lugar da melhor forma.

Deste modo, um dos objetivos primordiais do arquiteto, seria a reintegração desses mesmos elementos, bem como diversas estátuas e fragmentos arqueológicos na sua intervenção, oferecendo a importância e significado que aquele espaço, da Quinta da Conceição, necessitava.

Parte desses elementos, como por exemplo, a estátua no adro de acesso à piscina, como o pináculo do pátio vermelho, seriam repostos em diferentes lugares do parque, apenas para contribuírem para um novo sentido de um determinado espaço.

A estátua, na zona de entrada para a piscina, seria colocada em diálogo com um prisma de betão, com um tamanho idêntico, de modo a obter uma relação de simbiose entre ambos, ou seja, com intuito de transmitirem uma sintonia constante no ambiente onde se encontram. Já o pináculo, junto ao pátio vermelho, serviria apenas como elemento que marcava claramente a relação do novo com o pré existente, valorizando o lugar.

Esta intervenção, exigia a implantação de novos equipamentos, que incluía não só dois campos de ténis, como também, uma piscina, como forma de reaproveitamento de um tanque já existente, um ringue de patinagem, teatro ao ar livre, pavilhões de apoio, um museu e por fim um parque infantil. Porém, só alguns destes diversos espaços foram concluídos e implantados no interior da Quinta.

Tendo em conta todos estes equipamentos, pensou-se também na casa do guarda, que seria um outro reaproveitamento das pré- existências. Um dos objetivos principais, para além da construção ou requalificação de equipamentos, seria também a reconfiguração geral dos percursos e espaços da Quinta, que deveriam apresentar um novo conceito e significado.

Os percursos, necessitavam de alguma coesão e coerência, de modo a apresentarem uma definição e hierarquização, assim como zonas de estar e de contemplação que oferecessem conforto e permitissem uma relação direta com os elementos pré-existentes, que seriam reintegrados, como já tinha sido referido anteriormente.

Neste lugar, a arquitetura é feita essencialmente de muros e percursos que permitem construir uma segunda natureza, completando o existente. Num terreno com diversas cotas, Távora resolve organizar o espaço articulando polos de atividade diversa, criando e adaptando diferentes percursos, tais como, a avenida, o escadório, caminho e alameda.

Influências essas baseadas essencialmente nos jardins Japoneses, mais concretamente, no palácio de Katsura (Figs.69), que tal como na Quinta da Conceição (Figs. 70), agarrando-se às pré-existências, procura a valorização pelo espaço verde através dos jardins, a reintegração de equipamentos na envolvente e a contemplação em diversos espaços com elementos que permitem definir e atribuir um novo significado ao lugar.

"O que é boa arquitetura?

É uma arquitetura onde as pessoas se sentem bem. Gostamos de estar aqui. Isto é bonito…

Não sei se é belíssimo, talvez não seja.

Mas a boa qualidade é isto. Isto é boa arquitetura".[19]

Basicamente, pode-se dizer que esta noção de Távora, em preservar cada canto da Quinta, foi sempre tida em consideração, um pouco como se passa na atual proposta de intervenção, onde se procura implantar um volume respeitando a envolvente e as pré-existências, tanto na materialidade, como no espaço arborizado existente que caracteriza aquele espaço.

Isso é visível, não só na cobertura ajardinada preservando e mantendo a continuidade da paisagem, como também no intuito de tornar o volume parte integrante do terreno, estabelecendo relações do construído/não construído.

Já na materialidade, é aplicada a pedra, que reveste todo o edifício, uma vez que, era o material predominante dos muros da envolvente, procurando uma melhor integração do volume e respeitando o existente, inclusive a preservação do pelourinho, que de certo modo, acaba por ser um exemplo de um elemento deveras essencial para aquele lugar.

[19] Miranda, M. (ed.). (2001). *Fernando Távora.* Documentário. RTP. Produção/realização de Cristina Antunes.

Neste sentido, é importante referir um aspeto importante na descrição dos diferentes espaços que Távora procurou evidenciar, ou seja, o uso da cor na construção, tanto na escadaria, de cor vermelha permitindo a articulação das alamedas, como a amarela, refletindo um momento de grande tensão, isto é, a interceção de dois sistemas ortogonais diferentes, de cores distintas. Por exemplo, no pátio vermelho, a cor que é aplicada, permite o contraste dos muros com o verde da vegetação.

O acesso principal, é realizado junto ao Porto de Leixões, sendo este pontuado pela sua geometria no alinhamento do pavilhão e uma entrada secundária.

Ao longo do estudo que é realizado sobre toda esta parcela, alguns fatores ou elementos são vistos e compreendidos de uma outra forma, como por exemplo, uma árvore pré-existente que interrompe a continuidade de um dos muros, permitindo revelar o confronto entre a natureza e a intervenção humana.

Porém, como já tinha sido referido anteriormente, pode-se afirmar que, a Quinta é um lugar que valoriza essencialmente as pré-existências, respeitando essencialmente a natureza, sendo um percurso pontuado por um pátio, uma zona estatuária e diversos fragmentos que assinalam momentos de diferentes sensações.

"O arquiteto, pela sua profissão, é por excelência um criador de formas, um organizador do espaço; mas as formas que cria, os espaços que organiza, mantendo relações com a circunstância, cria circunstância (...)"[20]

[20] Távora, F. (1996). *Da organização do espaço*. Porto: FAUP, pág.73.



Fig. 69 - Acesso por escadas, Vila do Palácio de Katsura



Fig. 70 - Acesso por escadas, Quinta da Conceição

4.1 Pátio Vermelho, 1956/60, Fernando Távora

Nesta intervenção de Távora, para a Quinta da Conceição, pode-se dizer novamente que, o arquiteto procura e estuda algumas obras que serviram como suporte de referências para realização do projeto.

Deste modo, é evidente que este espaço, caracterizado como sendo o pátio vermelho, nos remete ao palácio de Katsura (Fig. 71), principalmente no desenho da porta, que é visível nas imagens abaixo apresentadas, uma vez que, a sua forma, sob uma trave em granito suspensa em duas paredes vermelhas, representa um traçado geométrico idêntico e ambas evidenciam a cor, que se contrasta com a envolvente (Fig.72). Quando entramos neste espaço, da Quinta, através de um acesso por escadas compostas por dez degraus, notámos que a linha do passeio se encontra ao nível da linha do horizonte, com o único propósito de diferenciar ambos os espaços, ou seja, a rua do pátio vermelho (exterior/interior) (Fig.73).

Claramente que em ambos os casos, procura-se a valorização pelo lugar, não só por se exporem e evidenciarem perante a natureza, como também na cor e materialidade que é adotada, permitindo um forte contraste com a envolvente. Távora, neste caso específico acaba por agir como um regionalista crítico, no sentido em que, se apropria da tradição de outro lugar, neste caso, no palácio Katsura.

Porém, o pátio vermelho acaba por ser um dos espaços mais importantes da Quinta, uma vez que, é o ponto de transição entre a rua e o parque (Fig.74).

Estes jogos de composição de diferentes níveis, permitem criar uma abstrata e quase inexistente perspetiva da envolvente exterior do parque. Essa mudança de ambiente e transição, diferencia claramente duas realidades ou espaços distintos entre o interior/exterior, ou seja, pátio/rua. O seu desenho segue como uma continuidade da avenida-escadório em que o muro vai-se adaptando à configuração da rua, através de um pináculo que é reintegrado nessa composição.

No entanto, são visíveis aspetos importantes que devem ser evidenciados, como os quatro muros vermelhos que contrastam com o ambiente arborizado da envolvente e o pavimento em talha regular de granito que não chega a tocar na parede da rua, como forma de distinguir e evidenciar os diferentes espaços, uma vez que, ao longo do parque, inclusive no pátio, o arquiteto procura estabelecer relações entre o novo e o pré-existente.



Fig. 71 - Porta, Palácio Katsura



Fig. 72 - Porta, Pátio Vermelho



Fig. 73 - Entrada por escadas, Pátio Vermelho



Fig. 74 - Ponto de transição entre a rua e o parque, Pátio Vermelho

O caminho, que é desenvolvido pela parte detrás do pavilhão de ténis, é também ele importante, não tanto quanto o anterior, mas devido ao seu desenho orgânico e materialidade, tornam este espaço essencial para aquele lugar. Os enfiamentos visuais aqui criados, ou seja, entre o octógono e o pavilhão de ténis, remetem-nos a um carácter entre o moderno e o vernacular, estabelecendo relações de reciprocidade e consonância entre ambos. Deste modo, este percurso acaba também por ser um dos mais relevantes e significativos para a Quinta.

Por fim, a escadaria que nos conduz até á piscina, obra essa de Siza Vieira, apesar de ser idêntica á avenida-escadório na materialidade e no caracter que lhe é atribuída, é um percurso secundário e menos importante, uma vez que, neste trajeto deparamo-nos com imensas árvores que não só invadem o percurso, como também o sombreia, transmitindo sensações de frieza e desconforto comparativamente ao anterior.

É evidente, que na restruturação destes diversos percursos que são desenvolvidos, Távora procura essencialmente a articulação das mesmas com o existente, o ambiente arborizado, a própria materialidade e outros fragmentos que teriam de ser devidamente respeitados.

Porém, nesses objetivos, está também inserida a vontade em criar espaços de contemplação e paragem momentânea, para que, o lugar possa ser usufruído e valorizado da melhor forma, transmitindo diversas sensações, preferencialmente de conforto e tranquilidade, atribuindo um novo significado aos diferentes espaços que compõem a Quinta.

(...) em cuja definição ou criação o homem não participa - e formas artificiais ou aquelas em cuja existência o homem toma parte ativa. Casos-limite, sem dúvida, pois que o próprio homem, enquanto forma, isto é na sua realidade física, é um misto de obra da natureza e de obra de si próprio, sendo difícil distinguir (...)[21]

[21] Távora, F. (1996). *Da organização do espaço*. Porto: FAUP, pág.13.

Tendo em conta a referência abordada anteriormente, do palácio de Katsura para o desenho da porta como o elemento de passagem entre duas realidades distintas, este desenho de Távora para o pátio vermelho, serviu também como referência a outros projetos de intervenção, mais especificamente, para a Fontes dos Amantes, de Luiz Barragán.

Este como sendo um projeto mais tardio, de 1964, procura também evidenciar e valorizar o novo do pré-existente, através da composição dos muros e da cor que lhes são atribuídos, remetendo-nos à abstração moderna e memória do lugar (Fig.75), tal como acontece no pátio vermelho, para a Quinta da Conceição (Fig.76).

Recuando novamente ao desenho de Fernando Távora, podemos dizer que neste espaço o arquiteto define uma hierarquização dos percursos, assim como a criação de enfiamentos visuais através da diferença de cotas, que reflete a imagem dos elementos reintegrados na sua composição. Neste caso, esses enfiamentos visuais acabam também por ter uma finalidade fulcral, no sentido de transporem e definirem as hierarquias dos diferentes espaços.

Através deste conceito, é legítimo afirmar que estes acabam por refletir a abstração que Távora procura para o lugar, através da linha do passeio que é considerada como linha do horizonte, bem como a cor vermelha aplicada nos muros existentes que permitem reforçar essa abstração e contraste com a envolvente, como já tinha sido referido anteriormente.

Expondo alguns exemplos dessa hierarquia de percursos e fazendo uma breve descrição dos mesmos, temos a rua, em que facilmente percebemos que a sua importância é a menos relevante, visto que pertence ao exterior da Quinta, e como tal reflete uma perspetiva menos interessante, comparada aos outros espaços.

Um outro exemplo, a avenida-escadório, que opondo-se ao anterior, é deveras importante, devido ao seu desenho ortogonal e linear relativamente ao pátio, por se situar no ponto de transição entre o interior e exterior do parque e pelos elementos que contêm, neste caso as sebes, sendo colocadas em conformidade com o espaço, de forma a oferecer uma nova importância e significado ao lugar.

"Num sentido amplo, eu diria que a arquitetura é uma segunda natureza (...)"[22]

[22] Távora, F. (1993). *A arquitetura é o dia a dia*, entrevista de Bernardo Pinto de Almeida. Porto: Boletim da U.P. nº19/20, pág.44.



Fig. 75 - Pátio dos Amantes, Luís Barragán



Fig. 76 - Pátio Vermelho, Fernando Távora

4.2 Pavilhão de Ténis, 1956/60, Fernando Távora

O pavilhão de ténis, foi projetado no decorrer da intervenção de Távora, para a Quinta da Conceição, ou seja, entre 1956 e 1960, refletindo claramente harmonia e equilíbrio das formas entre a obra e o lugar. Para o arquiteto: *"O problema que se colocava era o de marcar o parque com um edifício, criando ali um objeto dotado de presença, que afirmasse o eixo dos campos de ténis e que servisse como ponto de referência, (...)"*[23]

Desse modo, o pavilhão de ténis torna-se uma estrutura, que procura não só adaptar-se ao terreno, como aplica determinados materiais que se contrastam com a envolvente, remetendo-nos às casas rurais do Minho. Isso é possível comprovar, através do uso da telha, o embasamento em granito e a cobertura apoiada em asnas de madeira, unicamente com uma inclinação para o escoamento das águas (Fig.77).

Esta estrutura de madeira na cobertura, composta pelas asnas, assenta sobre uma grande viga de betão aparente, que permite essencialmente reforçar a horizontalidade do edifício, como se pode verificar na imagem abaixo apresentada (Fig.78). Na parte superior, desenvolve-se o espaço da tribuna, servindo de varanda e composta por quatro planos que nunca se tocam. Porém, o facto das paredes não se intersetarem, obriga que a cobertura seja suportada não só por peças metálicas, como também pela viga de betão. É também importante referir, que o plano de betão presente na fachada Norte do pavilhão, pode ser compreendida como uma pedra artificial, que se contrasta com os outros elementos, servindo apenas como muro de vedação, sem qualquer tipo de função estrutural (Figs.79 e 80).

Todo este dinamismo, composição, rigor e simetria clássica presente no projeto, reflete uma imagem de arquitetura neoplástica por parte do arquiteto, uma vez que, este procura explorar e desenvolver o desenho ao limite, através dos planos autónomos, que à imagem do edifício é considerado como um espaço aberto, valorizando e atribuindo um novo significado ao lugar onde o edifício se insere (Fig.81).

Neste sentido, a construção do pavilhão, marca uma presença muito forte na paisagem, devido não só à própria estrutura do volume, como também na marcação dos eixos do campo de ténis, que de certo modo, servem como ponto de referência naquele local.

[23] Trigueiros, L. (ed.). (1993). *Fernando Távora, Parque Municipal Quinta da Conceição*. Lisboa, Blau, pág.74.



Fig. 77 - Pavilhão de ténis, Fernando Távora



Fig. 78 - Asnas de madeira e viga de betão na tribuna, Pavilhão de ténis



Fig. 79 - Plano que serve de muro, Pavilhão de ténis



Fig. 80 - Muro de vedação para a tribuna, Pavilhão de ténis

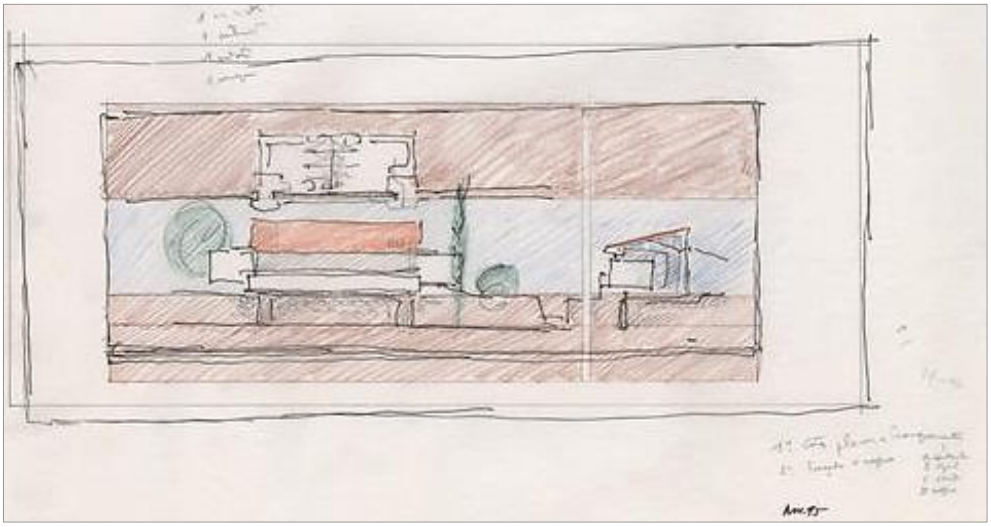


Fig. 81 - Esquiço do pavilhão de ténis, Fernando Távora

4.3 Piscina, 1958/65, Siza Vieira

O projeto para a piscina, teve início em 1958, no decorrer da intervenção de Távora, para a Quinta da Conceição. Concluída e inaugurada em 1965, por Siza Vieira, esta obra procura uma integração na topografia existente, acentuando de forma suave e coerente no terreno. A piscina surge do reaproveitamento de um tanque pré-existente, em que o objetivo seria a reabilitação e restruturação da mesma, através de paredes brancas, que serviam e trasponham a ideia de muros, criando relações abstratas, verticais e horizontais com a envolvente.

Esses planos, assentados em conformidade com o terreno e escalonados em diferentes níveis, permitem direcionar e conduzir o utilizador até ao interior, transmitindo sensações de expectativa e curiosidade ao longo do percurso que é realizado (Fig.82).

Esse objetivo, em organizar e estabelecer o trajeto, desde o exterior ao interior, procura respeitar essencialmente o terreno pré-existente. Desse modo, a relação entre o edificado e a natureza é constante, uma vez que ao longo do percurso surge gradualmente um ambiente arborizado, permitindo que a construção mantenha uma forte relação com a envolvente (Fig.83). A entrada é realizada a partir de um pequeno adro, que não sendo ortogonal com o caminho, contêm um pedestal e uma peça de betão, sendo que, ambos os elementos nos conduzem até à entrada, bem como, algumas árvores que vão surgindo pontualmente.

Estes dois elementos, ou seja, a estátua e o prisma de betão (Fig.84), são colocados frente a frente, criando ali uma relação tensa, mas ao mesmo tempo de conformidade com o ambiente onde se inserem, estabelecendo e reforçando a ideia de diálogo, entre a memória e a abstração moderna. O adro, onde estão inseridos estes dois elementos, acaba por ser o ponto primordial do projeto, uma vez que, serve como zona de transição entre o próprio parque e o espaço da piscina. Pode-se também referir, no cuidado que é tido em conta quando se criam espaços cobertos que surgem ao longo dos muros, uma vez que estes, não perturbam ou criam qualquer tipo de contacto com as árvores e a natureza envolvente, respeitando a mesma.

Por fim, outro aspeto a evidenciar, tem a ver com as relações visuais, entre o edificado e a paisagem, uma vez que, só é possível estabelecer esse contacto e confronto direto com o exterior quando nos encontramos nas plataformas mais elevadas (Fig.85), ou até mesmo no espaço que compõe os balneários, situado no ponto alto, que através de um ripado de madeira, nos oferece um contacto com o exterior (Fig.86).



Fig. 82 - Percurso até ao interior da piscina, Siza Vieira



Fig. 83 - Planos abstratos e a envolvente, Piscina



Fig. 84 - Estátua e prisma de betão que marcam a entrada, Piscina



Fig. 85 - Diferenciação de cotas através de plataformas, Piscina



Fig. 86 - Ripado de madeira entre o interior/exterior, Piscina

V. MEMÓRIA DESCRITIVA

Refere-se a presente memória descritiva e justificativa, a um projeto para uma Escola de Dança, com o objetivo de albergar diversos espaços, de carácter público e privado. Nesse sentido, inicialmente, foi importante perceber e estudar o local de intervenção, através de uma visita ao terreno em que foi realizado um levantamento fotográfico e alguns esquiços do mesmo, que mais tarde, viriam a servir para uma melhor compreensão do lugar. Nesse sentido, entendeu-se que o local onde seria implantado o edifício era deveras importante devido às construções vizinhas, de Távora e Siza, que valorizavam o lugar na Quinta da Conceição.

Juntamente com essas obras e aproximando-nos ao local a intervir, a construção de uma casa de pedra existente, iria claramente influenciar a proposta naquela parcela.

Tendo em conta essa casa, que de certo modo dava um significado especial ao lugar, foi exigido numa fase inicial a ligação entre a mesma e a proposta para a Escola de Dança. Nesse seguimento, resolveu-se fazer um desaterro, no lado Sul da casa, onde se criava o ponto de ligação de ambas as construções. Essa escavação bastante acentuada, permitia não só a libertação de um dos seus alçados, como também a criação de um pátio, todo ele com um desenho rigoroso de modo a unificar e servir de rótula entre ambas as construções, o novo do pré-existente.

No entanto, alguns elementos, como o pelourinho, o próprio ambiente arborizado do terreno e a materialidade da envolvente, seriam também fatores a ter em consideração no desenvolvimento da proposta, sendo estes essenciais para a definição e expressão do lugar. Assim sendo, percebeu-se que haviam obras que eram importantes e influentes naquele território: a primeira referência, do pavilhão de ténis (Fig.87), do arquiteto Fernando Távora; e a segunda referência, a piscina (Fig.88), do arquiteto Álvaro Siza.

Nesse sentido, a abordagem ao próprio projeto para a Escola de Dança, começava a ser vista de uma outra forma, uma vez que, tanto o pavilhão como a piscina eram duas obras de referência e como tal, achou-se por bem estudá-las, no sentido de procurar e compreender a abordagem a ser feita, tendo em conta alguns conceitos adotados para ambas as construções. Depois de um pequeno estudo a ambos os projetos, entendeu-se que, tanto um como outro tinham pelo menos uma ideia em comum, a valorização pela envolvente.

Desse modo, para o desenvolvimento do projeto, a preservação e requalificação da malha verde existente seria o mais importante, uma vez que, tal como nas obras referidas anteriormente, o terreno de intervenção era caracterizado por um ambiente

arborizado que percorria e completava toda aquela parcela e nesse caso, procurou-se manter esse ambiente, criando uma continuidade da paisagem (Fig.89).

Essas ideologias, obtidas através dos projetos para o pavilhão de ténis e para a piscina, seriam transportadas para a proposta atual, com um objetivo de valorizar a envolvente, atribuindo um novo significado e memória ao lugar.



Fig. 87 - Primeira referência, Pavilhão de ténis, Fernando Távora



Fig. 88 - Segunda referência, Piscina, Álvaro Siza





Fig. 89 - Terreno, esquiço do autor

A área de intervenção, localizada na Quinta da Conceição, atua numa zona urbana entre a rua Vila Franca e Avenida Antunes Guimarães, num terreno com pouca inclinação e com uma diferença altimétrica variável entre as cotas 23 e 27. Nesse sentido, é possível verificar aspetos importantes do local, como as pré existências que influenciaram claramente o desenho de implantação do edifício (Fig.90). No entanto, esta área inclui dois espaços distintos, que posteriormente, com a implantação do edifício, deverão funcionar como um só. Um deles serve um terreno aberto sobre paisagem e com vista para o pavilhão de ténis, caracterizado essencialmente pelo seu ambiente arborizado, que proporciona diversas sensações, nomeadamente de conforto e bem-estar com a natureza.

O segundo espaço, em continuidade com o anterior, serve atualmente de estacionamento para a casa e contém dois contentores destinados a zonas de trabalho. Entre ambos os terrenos é possível ver uma continuidade do mesmo, pelo ambiente que o lugar proporciona, no entanto, estes são divididos por um muro de pedra, que diferencia e serve como elemento de separação entre os diferentes espaços (Fig.91).

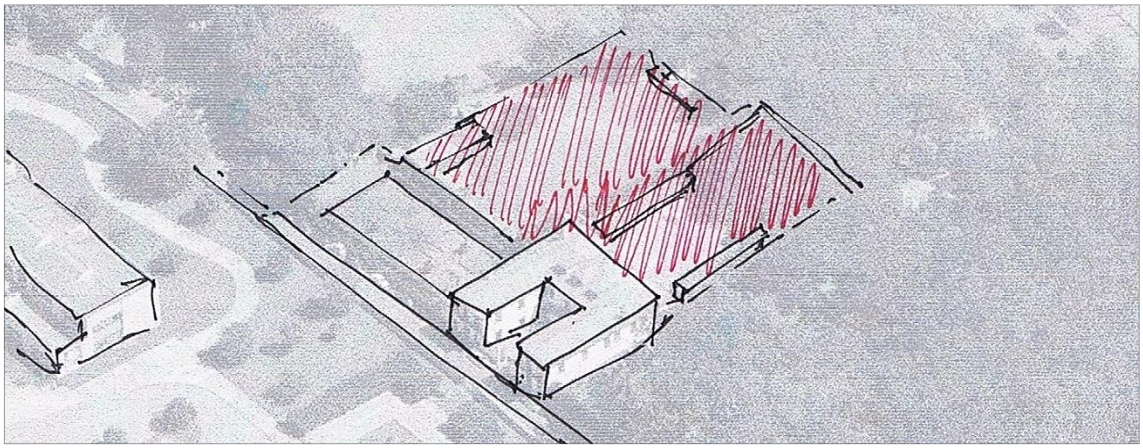


Fig. 90 - Área de intervenção, esquiço do autor



Fig. 91 - Área de intervenção, fotografia aérea

Quanto às influências do lugar, podemos referir a construção de uma casa em pedra (Fig. 92) que deveria ter ligação com o projeto atual, a preservação do pelourinho que define aquele lugar, no qual deve ser respeitado, a materialidade em pedra dos muros na envolvente, os acessos ao terreno (Fig.93) e por fim toda a malha verde que completa aquela parcela (Fig.94).

A meu ver, todos estes elementos são essenciais para a compreensão e definição daquele lugar e nesse sentido, para a proposta atual, procurava-se preservar e respeitar esses mesmos elementos. Nesse seguimento, após alguns esquiços relativamente á forma volumétrica, ou seja, na forma como se desenvolve o volume, procura-se uma integração do mesmo na topografia existente e uma difusão com o território, estabelecendo uma continuidade da paisagem existente, mantendo um manto verde sobre a construção. Estas ideologias, permitiam manter a essência e o significado que aquele lugar necessitava, através de todo o ambiente arborizado a manter.

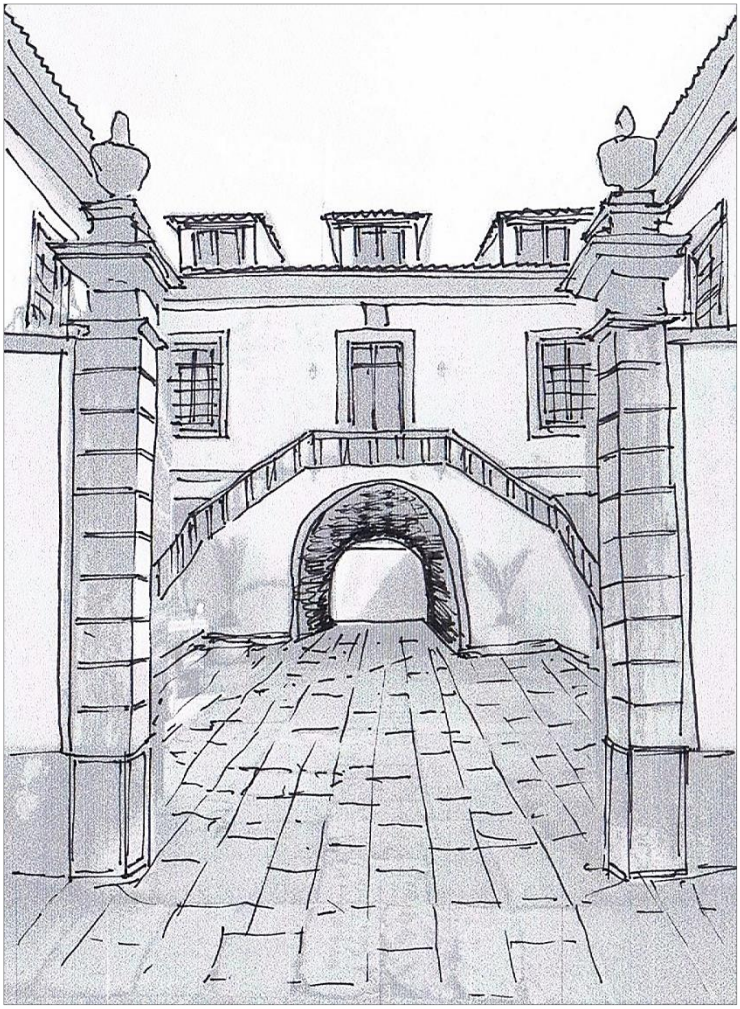


Fig. 92 - Entrada principal, casa existente

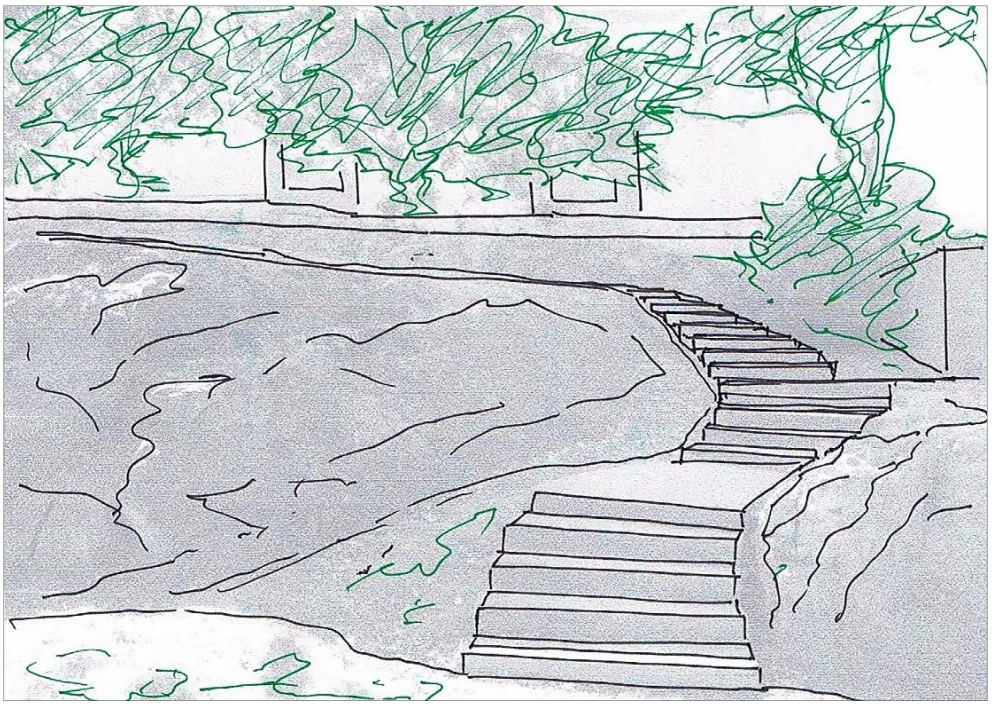


Fig. 93 - Escada de acesso em pedra, esquiço do autor



Fig. 94 - Ambiente arborizado do terreno, esquiço do autor

No entanto, foi crucial compreender alguns aspetos para o projeto, de que forma se desenvolvia a topografia, a exposição solar e como poderia explorar as vistas do edifício sobre a Quinta da Conceição, sendo que todos estes conceitos de alguma forma teriam influência para uma implantação que favorecesse estes critérios.

Durante o processo de desenvolvimento da proposta, surgiram algumas ideias da forma volumétrica do edifício e de que forma se adaptava ao terreno. A simplicidade e funcionalidade seriam as características predominantes para a elaboração do projeto, sendo que, inicialmente, o volume em forma em "L", era composto por dois retângulos, em que no ponto de convergência criava-se um eixo visual entre dois lados diferentes, Este e Oeste, como se pode verificar nos esquiços abaixo apresentados.

Nesse eixo, onde se fazia a zona de entrada era estabelecida uma métrica e simetria base, que permitiria definir algumas medidas como o caixilho, mobiliário interior, entre outros, em volta dessa mesma métrica. Essas formas retangulares, inseridas no terreno em forma de "L" permitiam a preservação de grande parte do espaço verde existente, como também na criação de um pátio, entre a proposta e a casa (Fig. 95).

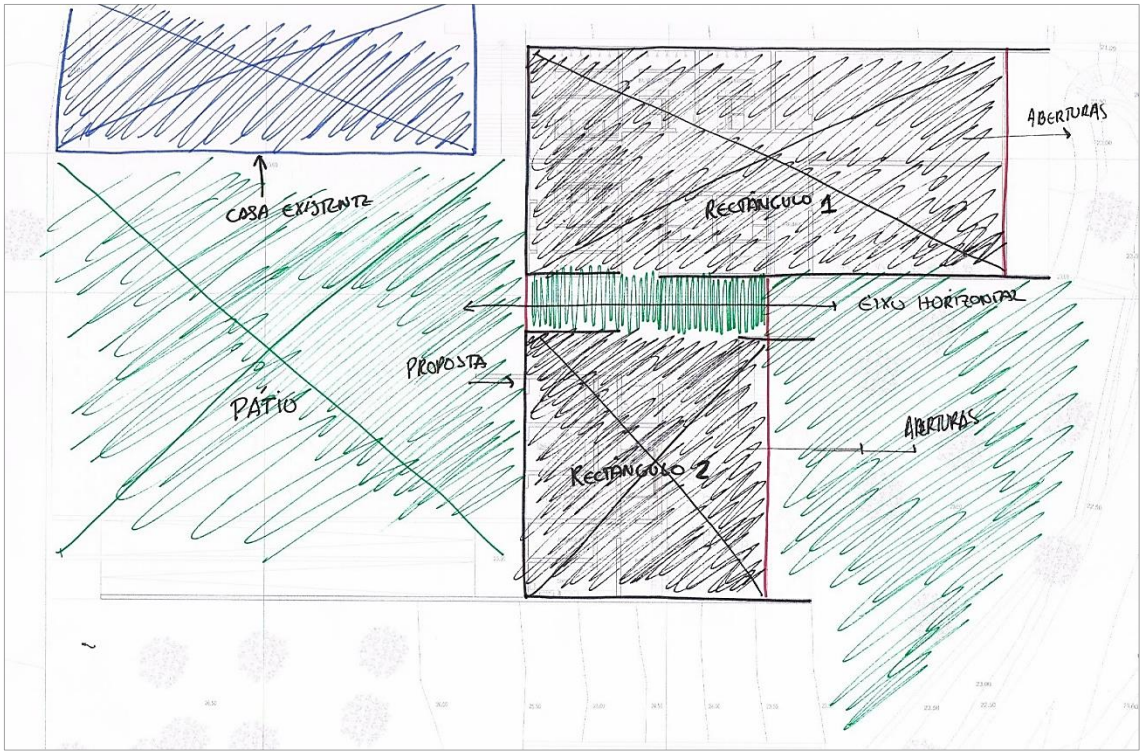


Fig. 95 - Ideia inicial dos volumes, esquiço do autor

Esse pátio com pavimento de pedra, acaba por ser deveras importante para o projeto, uma vez que, permite unificar ambas as construções e serve a entrada principal para o edifício. Do lado oposto a esse pátio, nasce um jardim, com um caracter natural, libertando todo o alçado para a Quinta, um pouco como acontece na Casa de Baião, de Eduardo Souto Moura, em que um dos alçados, através de um plano de vidro, é libertado e direcionado sobre a paisagem, servindo como miradouro.

Ainda recorrendo a essa referência, sendo essa uma das principais para o desenvolvimento do projeto, recorre-se á ideia de criar uma cobertura ajardinada, de forma a ocultar edifício no terreno, tornando-o parte integrante do meio envolvente e portanto, manter o espaço verde do local. Porém, pode-se também incluir aa valorização pelo lugar, na procura em preservar o pelourinho (Fig.96) e o uso dos materiais, provenientes da envolvente na própria construção, neste caso, a pedra (Fig.97).



Fig. 96 - Pelourinho, local de intervenção



Fig. 97 - Materialidade da pedra na envolvente, local de intervenção

Para a ideia de volumetria, procurava-se que a forma se integrasse com o terreno existente e nesse sentido a questão começaria a ficar resolvida, uma vez que, a forma adotada em "L", permitia manter o jardim principal livre com aberturas para o campo de ténis e preservaria alguns elementos presentes do local. Com o decorrer do processo de estudo, nomeadamente a implantação do edifício, composto por dois pisos, apresentava alguns problemas, nomeadamente nos percursos e acessos.

Com o desenvolvimento do mesmo, depois de uma abordagem e análise a esses problemas, redesenha-se novamente a forma, mantendo algumas ideias anteriores, como por exemplo, a valorização pela envolvente e a criação de um eixo visual entre dois lados, Este e Oeste, onde se desenvolvem as entradas.

Após alguns desses esquiços, em que a forma em "L" se invertia, procurava-se uma melhor adaptação e integração da mesma com o terreno (Fig.98), sendo que, desta vez o edifício era composto por um único piso principal e um segundo que se destinava apenas à área das maquinarias (Fig.99).

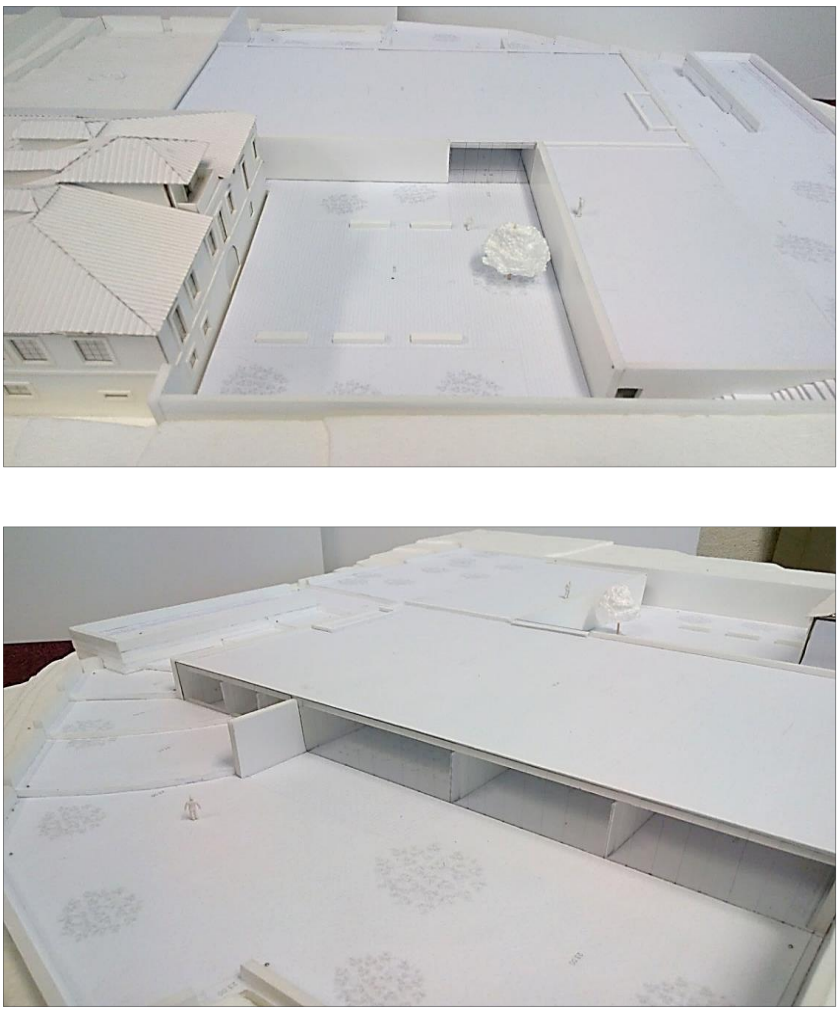


Fig. 98 - Maquete final da volumetria, proposta Escola de Dança

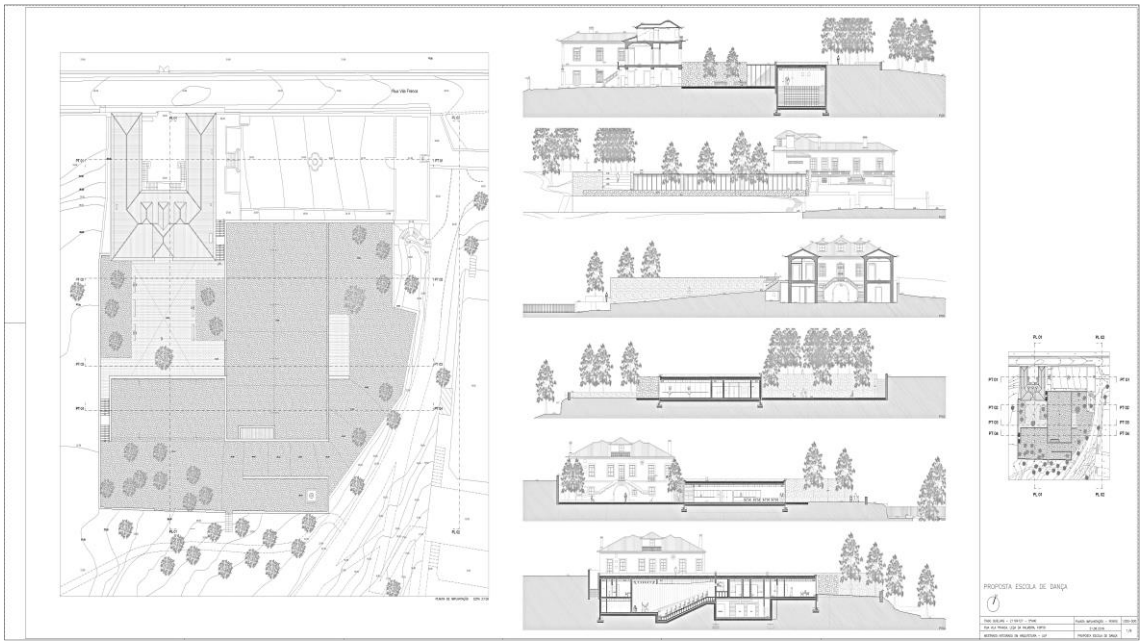


Fig. 99 - Planta de implantação e perfis, proposta Escola de Dança

Uniformizando alguns espaços no interior, nomeadamente o auditório, que na proposta anterior pertencia ao piso -1, foi deslocado e transportado para o piso de cima, para uma zona do terreno, onde antes se desenvolvia um acesso feito por rampas.

Logicamente que, essas rampas anteriormente desenhadas, foram retiradas daquele sítio para dar lugar não só a um novo espaço, neste caso do auditório, como também um acesso por escadas numa extremidade, permitindo a ligação das diferentes cotas do terreno. Esse acesso por escada, permite unir a cota 27, sendo a mais alta do terreno, com a cota do pátio que se encontra á 23.

Nesse sentido, procura-se criar uma acessibilidade entre as diferentes cotas, de modo estabelecer um percurso contínuo no terreno de intervenção, assim como acontece com a cobertura ajardinada e o desnível junto ao pelourinho para reforçar essa ideia de circulação fluída no exterior do edifício.

Remetendo-nos novamente á nova forma do volume, pode-se dizer que, com o decorrer e desenvolvimento da mesma, pensou-se também no interior, sendo que foi feito um organograma com os espaços exigidos, seguindo o programa de forma clara e rigoroso, com intuito de perceber como iria funcionar os diferentes espaços no interior, em conformidade com o exterior. (Fig.100).



Fig. 100 - Plantas com organograma, proposta Escola de Dança

Nesse sentido, através do pátio implantado á cota 23, do lado Oeste, somos recebidos na zona de entrada por um grande átrio, que oferece a zona de receção com arrumos, e do lado oposto a cafetaria, com uma zona de copa e uma esplanada virada para o jardim, situado a Este, servindo também uma entrada, mas de carácter secundário.

Ainda neste primeiro retângulo, do lado Norte do edifício, criam-se as zonas de balneários, arrumos e as salas de dança, sendo estas últimas também direcionadas para o jardim, com intuito de estabelecer relações entre o espaço interior e exterior.

Já do lado oposto, a Sul do edifício, toda a forma retangular destina-se essencialmente ao auditório, no entanto, é também composto por instalações sanitárias, públicas e privadas e os gabinetes administrativos.

A zona de administração, tal como acontece, nas salas de dança e na esplanada da cafetaria, oferece um enorme plano envidraçado no alçado, referenciado através da casa de Baião (Fig. 101).

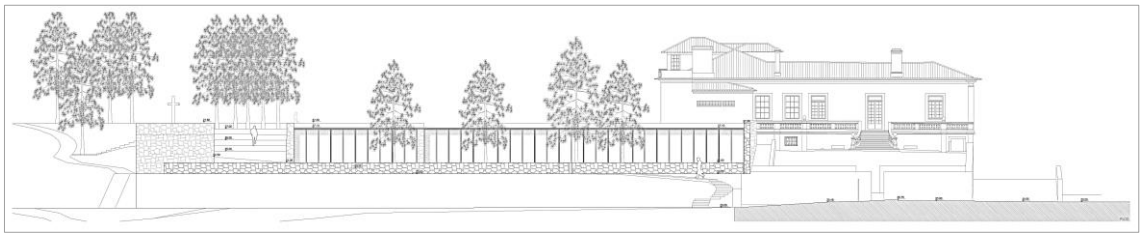


Fig. 101 - Plano envidraçado no alçado Oeste, proposta Escola de Dança

O objetivo principal para o alçado, seria favorecer a vista sobre paisagem e estabelecer um confronto direto entre o interior e o ambiente arborizado do exterior, que o lugar proporciona. Já o auditório, que ocupa grande parte do volume, num dos seus extremos, do lado da casa existente, desenvolve-se em dois pisos, que por sua vez servem os camarins, um acesso por escadas e monta-cargas. Já no piso inferior, nesse mesmo lado e ao nível do palco, fazem-se zonas de arrumos e salas de ensaio. Nessa mesma cota, mais baixa, mas do lado oposto, mais especificamente, por baixo das instalações sanitárias do piso 0, desenvolve-se o espaço técnico, composto pelas máquinas necessárias para o funcionamento do edifício, sendo que estas respiram por uma grelha que é visível na cobertura do edifício.

Para o interior, o grande desafio seria composição dos diferentes espaços, isto é, a separação entre o público e privado e a criação de espaços amplos e fluídos, com intuito de transmitir sensações de conforto e bem-estar (Fig102).

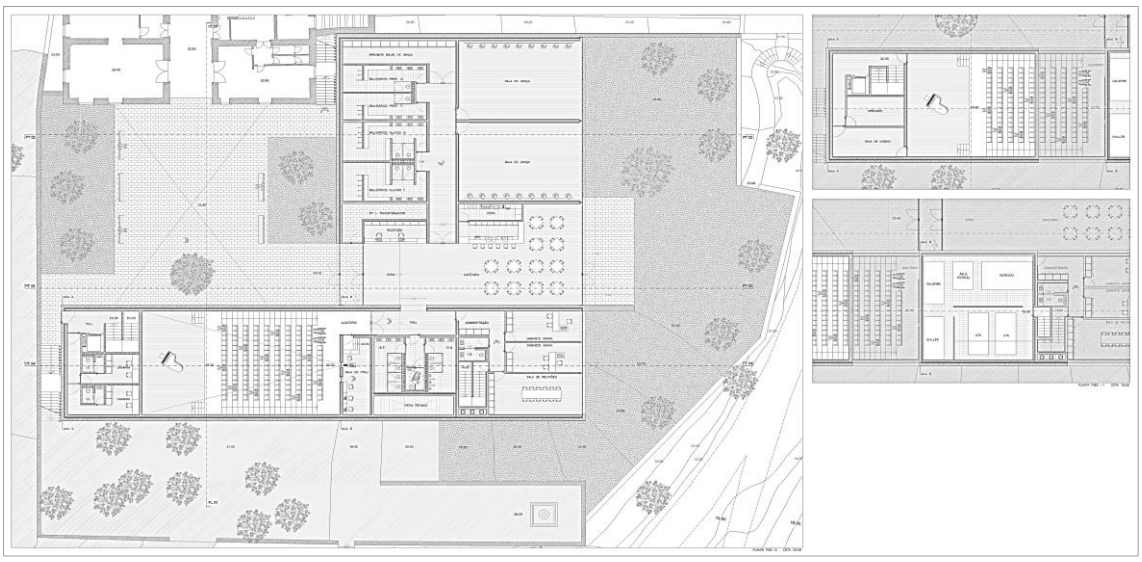


Fig. 102 - Plantas piso 0 e -1, proposta Escola de Dança

A materialidade no interior, resume-se através de paredes em pladour, que permitem esconder a estrutura de betão, bem como painéis de madeira em alguns espaços, de forma a transmitir sensações. Neste sentido, para além dos painéis de madeira, o edifício contem dois planos de pedra, presentes no eixo horizontal, na zona de entrada, prolongando-se desde o exterior até ao interior. Ambos os planos, são colocados em sentidos opostos e transpõem a lógica de continuidade e de direção, quase como se convidasse uma pessoa a entrar no edifício para descobrir o que se passa no interior e nesse sentido, reforçando a ideia de estabelecer a relação entre o edificado e a envolvente.

Essa lógica, de optar por um material diferente para criar diversas sensações, serve para reforçar ainda mais essa ideia, sendo que, no alçado principal que está direcionado para o campo de ténis, é feito um enorme plano envidraçado, como já tinha sido referido anteriormente, de forma a estabelecer esse contacto com o jardim principal, oferecendo ao espaço interior um ambiente agradável. Para o exterior, foram elaborados uma série de esquiços que nos permitiram perceber qual seria a materialidade a adotar, sendo que o mais importante seria a valorização pela envolvente.

Nesse sentido, tendo em conta que os muros que cercam a parcela são em pedra, bem como outros elementos, como por exemplo o pelourinho e a casa, optou-se por escolher o mesmo tipo de material. Porém, como a estrutura seria feita através das paredes de betão do edifício, optou-se por usar a pedra para revestir essas paredes e desse modo, oferecer ao volume uma melhor integração do mesmo com o terreno e o lugar onde se insere, como se pode verificar nos cortes abaixo apresentados. (Fig.103).

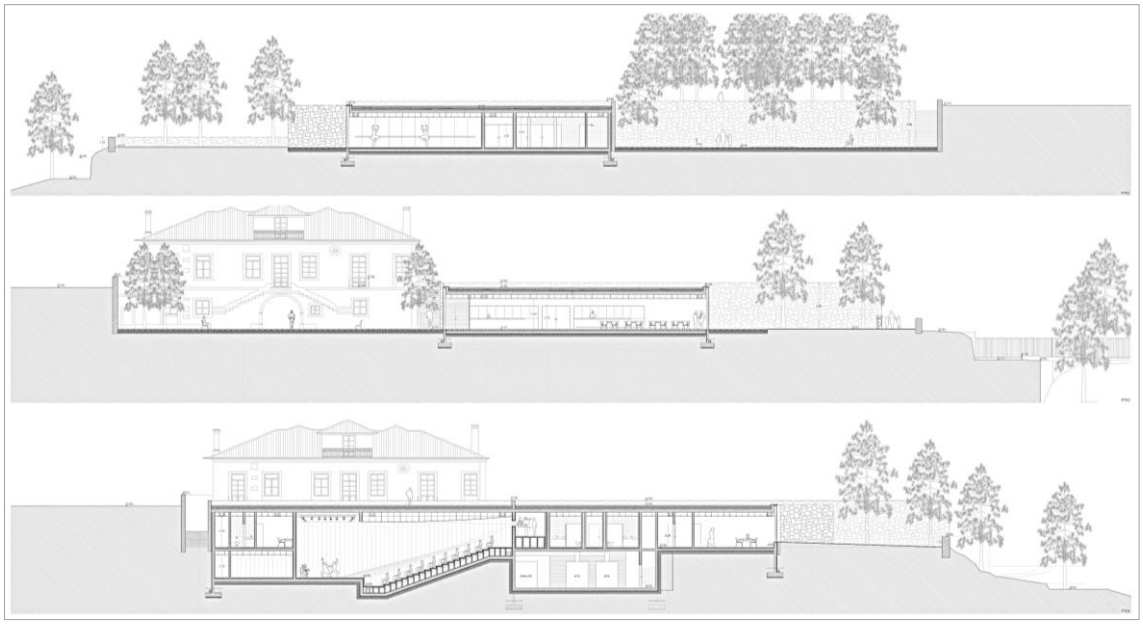


Fig. 103 - Materialidade do edifício, proposta Escola de Dança

Foi importante, inicialmente, estudar e analisar diversas referências, algumas delas já abordadas anteriormente, uma vez que nos mostram a importância da implantação de um projeto para um determinado lugar. Não só no significado e valor que é atribuído ao lugar, ou seja à implantação e integração da proposta no terreno, como também, na procura em preservar o que a natureza e o lugar nos oferecem, como por exemplo, o pelourinho presente naquele local, como também a própria materialidade tradicional do sítio que é visível nos muros existentes, sendo essa lógica transportada para o próprio edifício. Estes aspetos permitem não só redesenhar o volume várias vezes, até à proposta final, como nos obriga a desenhar o meio envolvente, sendo que neste caso, o espaço verde daquele lugar seria o fator mais importante a ter em consideração, para o desenvolvimento do projeto. Neste sentido, grande parte da malha verde foi preservada ao limite, ou seja, preservou-se parte do jardim principal e uma outra secção foi reposta na cobertura do edifício. A acessibilidade pode ser feita em diversos pontos, não só pelas escadas em pedra (Fig.104), junto á entrada da Quinta da Conceição, como também pela casa existente (Fig.105), através do pátio que foi desenhado para essa finalidade, ou então por um acesso posterior e de menor importância que fica a Sul do terreno de intervenção (Fig.106).

Já no interior, a acessibilidade é simples e fluída, uma vez que, apenas se estabelece a ligação em dois pisos na zona de serviços, por escadas. Pode-se dizer também que, a circulação, como por exemplo a dos corredores, é confortável, tendo em conta a amplitude e dimensões dos espaços, bem como as diversas sensações que vão surgindo no percurso, não só pela materialidade da parede, como também do pavimento, com intuito de criar um ambiente harmonioso no interior do edifício. Para concluir, resumidamente, pode-se afirmar que com o decorrer da proposta, tendo em conta várias abordagens e perspetivas, recorreu-se sempre a várias referências, no sentido de perceber e clarificar a ideia de projeto para aquele terreno, nomeadamente a implantação e composição do edifício.

Através dessas referências seria fulcral perceber de que forma é que o edifício iria inserir na paisagem e a relação que teria com a envolvente, o que obrigava a uma série de esquiços sobre a volumetria, materialidade, espacialidade no interior, entre outros, que de algum modo servissem de apoio para o desenvolvimento do projeto. Dito isto, para a proposta, procurava-se criar um projeto que respeita-se essencialmente a envolvente, mantendo o espaço verde que a caracteriza, e valorizando o lugar onde pertence, na Quinta da Conceição.

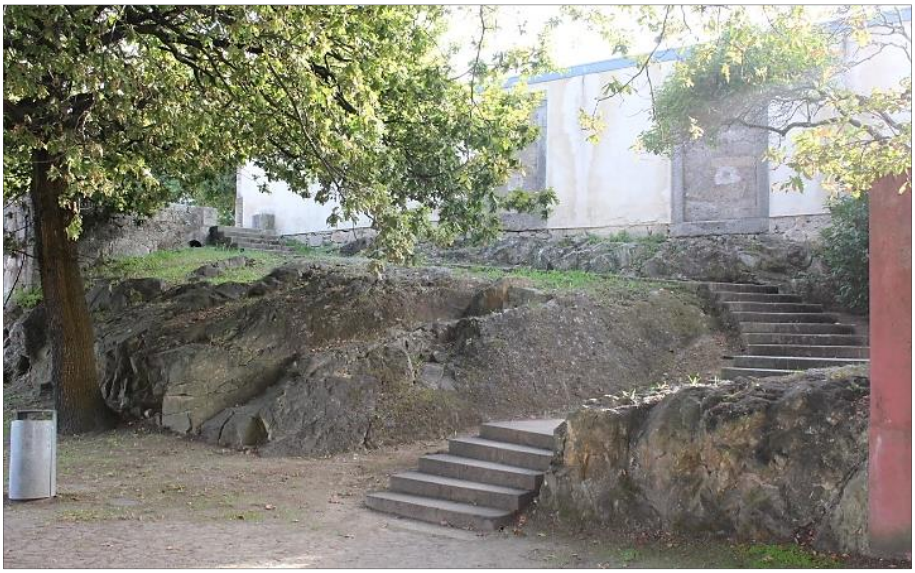


Fig. 104 - Entrada secundária por escadas, local de intervenção



Fig. 105 - Entrada principal pelo pátio, local de intervenção



Fig. 106 - Entrada terciária por escadas, local de intervenção

VI. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação, partiu de um estudo dos fundamentos desde a arquitetura moderna até á actualidade, relativamente à valorização do espaço verde, da natureza e paisagem. Para tal, foram selecionadas várias referências, ordenadas cronologicamente ao longo do processo, expondo diversos conceitos e ideologias, mas que no entanto, procuram uma integração do projecto com o lugar e envolvente. Como objectivo principal, para facilitar essa compreensão, são desenvolvidas abordagens e análises de diversas obras específicias, que foram surgindo ao longo dos anos.

Essa ideologia, tem como intuito transpor uma ideia de viagem, que nos permite dar a conhecer um pouco mais sobre o tema abordado na arquitetura. Uma viagem que percorre grande parte do séc.XX e XXI, isto é, do movimento moderno à actualidade, em que várias obras, de diferentes arquitetos, se cruzam com a proposta actual.

Através desta lógica, criando esse fio condutor que nos vai guiando e dando a conhecer a evolução e valorização do espaço verde na cidade e nas referências abordadas, procura-se ligar o mesmo à proposta actual, através de uma análise comparativa, que expõe determinados conceitos e influências que foram tidas em consideração no desenvolvimento da proposta, para a Escola de Dança.

Inicialmente, foi essencial o estudo da arquitetura moderna de Le Corbusier, onde se faz uma breve reflexão da sua presença e influência na construção das cidades e dos edifícios, bem como a arquitetura de Frank Loyd Wright e Mies Van der Rohe, apresentando edificios distintos mas com uma forte relação com a natureza.

Nesse sentido, tendo em conta os arquitetos acima referenciados, considerados na minha opinião, mestres da arquitetura, são selecionadas obras como a Villa Savoye, a Casa da Cascata e a Farsnworth, mais conhecida como a Casa de Vidro, que permitem facilitar a compreensão do tema adoptado, uma vez que, através das mesmas analisamos diferentes perspectivas da integração de um edificio na envolvente.

Juntamente com essas obras, consideradas a meu ver, marcos da arquitetura, optou-se por um selecção de edificios mais recentes, não só por se aproximarem mais à proposta de intervenção, mas também, para nos facilitar um melhor entendimento na forma como estas obras foram de algum modo, influenciadas por outras posteriores. Esta procura, tendo por base várias referências que serviram de apoio tanto á proposta como para o desenvolvimento da dissertação, logicamente contribuiram para um maior conhecimento de determinados conceitos, ideologias e métodos construtivos aplicados na arquitetura, sendo que, ao longo dos anos foram sendo utilizados e adaptados ás construções actuais.

Nesse sentido, entende-se que, a valorização pelo espaço verde cada vez é mais evidente num projecto de arquitetura, tornado-o parte integrante de um edificio, onde em determinadas obras são estabelecidas relações entre o interior/exterior e o construido/não cosntruido. Tendo em conta esses fundamentos, para a proposta de intervenção foi importante seguir rigorosamente essas bases, com intuito de valorizar o local de intervenção. Desse modo, pode-se dizer que, o facto de camuflar e diluir a construção no terreno, contibui para o melhor integração do mesmo no territorio, bem como, o plano envidraçado num dos alçados que estabelece relações entre o edificio e a envolvente.

A envolvente, ou seja, natureza, a paisagem e as pré-existencias presentes no local, são elementos que compõem o lugar e nesse sentido penso que, ao longo dos tempos foi havendo uma procura cada vez maior em valorizar o ambiente arborizado, ou seja o espaço verde de um determinado local, não só nas cidades, mas principalmente nos edificios. Essa importância pela natureza, é também evidente na proposta actual, uma vez que o sítio onde a proposta actua é composto por diversas árvores que permitem caracterizar o lugar e portanto, seria essencial preservar grande parte dessas árvores.

Quanto à paisagem, é possivél verificar no próprio projecto a importância e o significado da mesma, através da cobertura ajardinada e do plano envidraçado, presente no alçado. Na continuação, transpondo a ideia de manto verde na cobertura e a transparência do vidro, procurou-se obter uma continuidade da paisagem.

Abordando diversas referências ao longo da dissertação e contibuindo para o desenvolvimento da proposta, foram elaborados uma série de fundamentos e ideias que seviram como base de suporte para o projecto da Escola de Dança. Essas bases foram bastante importantes no decorrer do processo, uma vez que depois de analisadas, algumas delas foram sendo adpatadas à proposta actual, tendo como o objectivo principal para o projecto, a melhor integração possível do edificio no terreno, respeitando sempre o lugar, que é a Quinta da Conceição.

Para concluir, pode-se dizer que a escolha do tema surgiu com o desenvolvimento da proposta, visto que naquele local, da Quinta da Conceição, um dos factores principais e que a meu ver mais caracteriza aquele lugar, é todo o ambiente arborizado que percorre toda a parcela. Nesse sentido, procurou-se então fazer um estudo que abrangisse várias obras, de vários arquitetos, intercalando essas referências com a proposta de intervenção para a Escola de Dança e por fim, perceber e dar a conhecer o principais fundamentos do tema, presentes nesta dissertação.

BIBLIOGRAFIA

Livros / Revistas

- Baker, G. (1986). *Le Corbusier- Análisis de la Forma.* Barcelona: Gustavo Gili.

- David, P. (2006). *Arquitetura Viva nº109*. Madrid: Portugal Panorâmico.

- Esposito, A.; Leoni, G. (2003). *Eduardo Souto Moura*. Barcelona: Gustavo Gili.

- Fernandes, C.; Miguel, J.; Alves, P.; Marques, P. (2011). *Morfologia e Biodiversidade nos Espaços Verdes da Cidade do Porto, Livro I, Seleção das Áreas de Estudo*. Porto: CIBIO (Centro de Investigação em Biodiversidade e Recursos Genéticos).

- Ferreira, S. (2010). *História da Arquitetura no Ocidente*. Lisboa: Nova Veja.

- Galvão, M. E. (2º ed.). (2000). *Urbanismo. Le Corbusier*. São Paulo: Martins Fontes.

- Miranda, M. (ed.). (2001). *Fernando Távora*. Documentário. RTP. Produção/realização de Cristina Antunes.

- Moura, E. S. (1990). *Centro Cultural do S.E.C.* Revista Architécti, nº5.

- Moura, E. S. (1994). *Eduardo Souto Moura, a ambição é obra anónima- numa conversa com E.S.M*. Lisboa, Blau.

- Moura, E. S. (1998). *Eduardo Souto Moura, obra recente*, entrevista de Xavier Guell. Revista Internacional de Arquitetura 2G, nº5. Barcelona: Gustavo Gili.

- Moura, E. S. (2005). *Eduardo Souto Moura. La Naturalidade das Cosas, 1995-2005*, entrevista de Luis Rojo de Castro. Madrid: Croquis Editorial, nº124.

- Nufrio, A. (ed.). (2008). *Eduardo Souto Moura. Conversas com Estudantes.* Barcelona: Gustavo Gili.

- Távora, F. (1947). *O problema da casa portuguesa.* Lisboa: Manuel João Leal (Cadernos de Arquitetura, nº1.

- Távora, F. (1993). *A arquitetura é o dia a dia*, entrevista de Bernardo Pinto de Almeida. Porto: Boletim da U.P. nº19/20.

- Távora, F. (1996). *Da organização do espaço*. Porto: FAUP.

- Trigueiros, L. (ed.). (1993). *Fernando Távora*. Lisboa: Blau.

- Trigueiros, L. (ed.). (2000). *Eduardo Souto Moura*. Lisboa: Blau.

- Siza, Á. (2000). *Imaginar a evidência*. Lisboa: Edições 70.

Teses

- Alegria C. A. T. P. (2011). *O modernismo na Arquitetura e na Arquitetura Paisagista em Portugal: projetos conjuntos, ideias, contextos, formas*. (Tese de Mestrado). FAUP, Porto.

- Araújo T. R. P. (2005). *Natural e Artificial na obra de Souto Moura*. (Prova Final para Licenciatura). FAUP, Porto

- Fernandes L. M. (2009). *Eduardo Souto Moura, Arquitetura e Paisagem*. (Prova Final para Licenciatura). FAUP, Porto.

- Francisco J. J. T. C. (2015). *A Construção Contemporânea como uma continuidade do Moderno: num Hotel do Porto*. (Tese de Mestrado). ULP, Porto.

- Furtado. J. M. C. (2014). *Percorrer, Habitar, Representar: estratégias do projeto de Fernando Távora para a Quinta da Conceição*. (Tese de Mestrado). FAUP, Porto.

- Machado C. M. C. C. (2009). *Do Fragmento á memória na obra de Souto Moura: da casa de Baião é casa das histórias de Paula Rego*. (Tese de Mestrado). FAUP, Porto.

- Mourão A. M. C. (2013). *A reabilitação como procura de uma identidade*. (Tese de Mestrado). FAUP, Porto.

- Oliveira T. R. (2005). *Memória, Contexto e Materialidade, Modernidade na arquitetura pós-guerra: Le Corbusier, Ernesto Rogers e Fernando Távora*. (Prova Final para Licenciatura). FAUP, Porto.

- Reis L. M. L. T. R. (2004). *Fernando Távora, para uma Arquitetura Natural*. (Prova Final para Licenciatura). FAUP, Porto.

- Rodrigues A. L. J. M. (2008). *A habilidade do espaço doméstico: o cliente, o arquiteto, o habitante e a casa*. (Tese de Doutoramento). UM, Porto.

- Silva A. (2007). *Movimento Moderno na Arquitetura Portuguesa: reflexo do binómio Le Corbusier / Frank Lloyd Wright, nas histórias mais discretas*. (Tese de Mestrado). FAUP, Porto.

- Silva V.S. (2001). *Arquitetura e Paisagem: estratégias de intervenção arquitetónica*. (Tese de Mestrado). FAUP, Porto.

(Normas de Escrita - APA 6ºedição)

Webgafria

http://archtectureclub.blogspot.pt/2010/10/plano-voisin.html
Consultado a: 10.6.2016

https://sites.google.com/site/corbusiermodelo/disciplinas/calc
Consultado a: 10.6.2016

http://diretodeparis.com/villa-savoye-um-passeio-arquitetural-a-30-km-de-paris/
Consultado a: 22.06.2016

http://www.archdaily.com/84524/ad-classics-villa-savoye-le-corbusier
Consultado a: 22.06.2016

http://www.archdaily.com.br/br/01-53156/classicos-da-arquitetura-casa-da-cascata-frank-lloyd-wright
Consultado a: 25.06.2016

http://www.archdaily.com.br/br/01-40344/classicos-da-arquitetura-casa-farnsworth-mies-van-der-rohe
Consultado a: 29.06.2016

http://www.archdaily.com/783402/house-by-a-river-architecture-brio
Consultado a: 29.07.2016

http://www.leca-palmeira.com/quinta-da-conceicao-2/
Consultado a: 29.07.2016

https://vakkum.com/2014/06/20/1956-60-parque-municipal-quinta-da-conceicao-fernando-tavora/ -
Consultado a: 22.08.2016

http://gloriaishizaka.blogspot.pt/2011/08/japao-kyoto-katsura-rikyu-imperial.html
Consultado a: 22.08.2016

http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquiteturismo/03.029/1537
Consultado a: 5.09.2016

http://www.archdaily.com.br/br/office/luis-barragan
Consultado a: 9.09.2016

REFERÊNCIAS DAS IMAGENS

Fig. 1 - Primeiro contacto com terreno, Quinta da Conceição
Fotografia do autor (2.10.2015)

Fig. 2 - Casa das Mudas, Paulo David
http://www.archdaily.com.br/br/01-7783/centro-de-artes-casa-das-mudas-paulo-david (10.6.2016)

Fig. 3 - Museu de Foz Coa, Camilo Rebelo
http://www.archdaily.com.br/br/01-45392/museu-de-arte-e-arqueologia-do-vale-do-coa-camilo-rebelo-e-tiago-pimentel (10.6.2016)

Fig. 4 - Implantado num vale sobre o mar, Casa das Mudas
http://www.archdaily.com.br/br/01-7783/centro-de-artes-casa-das-mudas-paulo-david (10.6.2016)

Fig. 5 - Átrio de distribuição no interior, Casa das Mudas
http://www.archdaily.com.br/br/01-7783/centro-de-artes-casa-das-mudas-paulo-david (10.6.2016)

Fig. 6 - Entrada para o edifício, Casa das Mudas
http://www.archdaily.com.br/br/01-7783/centro-de-artes-casa-das-mudas-paulo-david (10.6.2016)

Fig. 7 - Geometria irregular do edifício, Casa das Mudas
http://www.archdaily.com.br/br/01-7783/centro-de-artes-casa-das-mudas-paulo-david (10.6.2016)

Fig. 8 - Geometria irregular do edifício, Casa das Mudas
http://www.archdaily.com.br/br/01-7783/centro-de-artes-casa-das-mudas-paulo-david (10.6.2016)

Fig. 9 - Corte da adaptação do edifício á topografia, Casa das Mudas
http://www.archdaily.com.br/br/01-7783/centro-de-artes-casa-das-mudas-paulo-david (10.6.2016)

Fig. 10 - Implantação, Museu de Foz Coa
http://www.archdaily.com.br/br/01-7783/centro-de-artes-casa-das-mudas-paulo-david (12.6.2016)

Fig. 11 - Integração com a paisagem, Museu de Foz Coa
http://www.archdaily.com.br/br/01-45392/museu-de-arte-e-arqueologia-do-vale-do-coa-camilo-rebelo-e-tiago-pimentel (12.6.2016)

Fig. 12 - Maquete do edifício, Museu de Foz Coa
http://www.archdaily.com.br/br/01-45392/museu-de-arte-e-arqueologia-do-vale-do-coa-camilo-rebelo-e-tiago-pimentel. (12.6.2016)

Fig. 13- Continuidade cromática da paisagem, Museu de Foz Coa
http://www.archdaily.com.br/br/01-45392/museu-de-arte-e-arqueologia-do-vale-do-coa-camilo-rebelo-e-tiago-pimentel (12.6.2016)

Fig. 14 - Materialidade proveniente da região, Museu de Foz Coa
http://www.archdaily.com.br/br/01-45392/museu-de-arte-e-arqueologia-do-vale-do-coa-camilo-rebelo-e-tiago-pimentel (14.6.2016)

Fig. 15 - Plano Voisin. "Cidade Ideal"
http://www.fondationlecorbusier.fr/CorbuCache/900x720_2049_1708.jpg?r=0 (14.6.2016)

Fig. 16 - Esquema de funções, Plano Voisin
http://urbanidades.arq.br/bancodeimagens/displayimage.php?pid=22&fullsize=1 (14.6.2016)

Fig. 17 – "Organismo" da cidade
http://www.fondationlecorbusier.fr/corbuweb/morpheus.aspx?sysId=13&IrisObjectId=6159&sysLanguage=en-en&itemPos=2&itemCount=2&sysParentName=Home&sysParentId=65 (15.06.2016)

Fig. 18 - Construção em altura
http://www.fondationlecorbusier.fr/corbuweb/morpheus.aspx?sysId=13&IrisObjectId=6159&sysLanguage=en-en&itemPos=2&itemCount=2&sysParentName=Home&sysParentId=65 (15.06.2016)

Fig. 19 - Perspetiva da cidade moderna
http://www.fondationlecorbusier.fr/corbuweb/morpheus.aspx?sysId=13&IrisObjectId=6159&sysLanguage=en-en&itemPos=2&itemCount=2&sysParentName=Home&sysParentId=65 (15.06.2016)

Fig. 20 - Perspetiva da residência, Villa Savoye
https://upload.wikimedia.org/wikipedia/en/3/3c/VillaSavoye.jpg (20.06.2016)

Fig. 21 - Alçado da Villa Savoye
https://upload.wikimedia.org/wikipedia/en/3/3c/VillaSavoye.jpg (20.06.2016)

Fig. 22 - Integração do edifício com a Natureza, Villa Savoye
https://upload.wikimedia.org/wikipedia/en/3/3c/VillaSavoye.jpg (20.06.2016)

Fig. 23 - Cobertura ajardinada, Villa Savoye
http://diretodeparis.com/wp-content/uploads/2014/05/DSC05877-1.jpg (20.6.2016)

Fig. 24 - Fachada livre, Villa Savoye
http://diretodeparis.com/wp-content/uploads/2014/05/DSC05751-1.jpg (20.06.2016)

Fig. 25 - Vão contínuo, Villa Savoye
http://diretodeparis.com/wp-content/uploads/2014/05/DSC05813-1.jpg (22.06.2016)

Fig. 26 - Planta piso 0, Villa Savoye
http://www.cristinamello.com.br/?p=6109 (22.06.2016)

Fig. 27 - Planta piso 1, Villa Savoye
http://www.cristinamello.com.br/?p=6109 (22.06.2016)

Fig. 28 - Planta piso 2, Villa Savoye
http://www.cristinamello.com.br/?p=6109 (22.06.2016)

Fig. 29 - Integração do edifício com a Natureza, Casa da Cascata
http://www.archdaily.com.br/br/01-53156/classicos-da-arquitetura-casa-da-cascata-frank-lloyd-wright (22.06.2016)

Fig. 30 - Planta piso -1, Casa da Cascata
http://www.archdaily.com.br/br/01-53156/classicos-da-arquitetura-casa-da-cascata-frank-lloyd-wright (25.06.2016)

Fig. 31 - Planta piso 0, Casa da Cascata
http://www.archdaily.com.br/br/01-53156/classicos-da-arquitetura-casa-da-cascata-frank-lloyd-wright (25.06.2016)

Fig. 32- Planta piso 1, Casa da Cascata
http://www.archdaily.com.br/br/01-53156/classicos-da-arquitetura-casa-da-cascata-frank-lloyd-wright (25.06.2016)

Fig. 33 - Materialidade da pedra, Casa da Cascata
http://radames.manosso.nom.br/arquitetura/casas/casa-da-cascata/?occur=1&cover=0&album=21&photo=173 (25.06.2016)

Fig. 34 - Envidraçado na sala de estar, Casa da Cascata
http://radames.manosso.nom.br/arquitetura/casas/casa-da-cascata/?occur=1&cover=0&album=21&photo=173 (25.06.2016)

Fig. 35 - Relação do edifício com a Natureza, Casa da Cascata
http://radames.manosso.nom.br/arquitetura/casas/casa-da-cascata/?occur=1&cover=0&album=21&photo=173 (25.06.2016)

Fig. 36 - Vista aérea, Farnsworth
http://66.media.tumblr.com/b218ca3a8cae1db1abd6b6200d6ce57c/tumblr_n15tcsT5iA1r2ll09o1_1280.jpg (27.06.2016)

Fig. 37 - Integração do edifício com a Natureza, Farnsworth
https://nthp-savingplaces.s3.amazonaws.com/2015/11/24/11/51/08/311/Farnsworth-carousel-1.jpg (27.06.2016)

Fig. 38 - Perfis de ferro pintados de branco, Farnsworth
http://www.archdaily.com.br/br/01-40344/classicos-da-arquitetura-casa-farnsworth-mies-van-der-rohe/40344_40353 (27.06.2016)

Fig. 39 - Integração da proposta com a Natureza, Farnsworth
http://www.archdaily.com.br/br/01-40344/classicos-da-arquitetura-casa-farnsworth-mies-van-der-rohe/40344_40352 (27.06.2016)

Fig. 40 - Corpo opaco no interior, Farnsworth
http://www.archdaily.com.br/br/01-40344/classicos-da-arquitetura-casa-farnsworth-mies-van-der-rohe/40344_40354 (29.06.2016)

Fig. 41 - Planta, Farnsworth
http://www.archdaily.com.br/br/01-40344/classicos-da-arquitetura-casa-farnsworth-mies-van-der-rohe (29.06.2016)

Fig. 42 - Corte, Farnsworth
http://www.archdaily.com.br/br/01-40344/classicos-da-arquitetura-casa-farnsworth-mies-van-der-rohe (29.06.2016)

Fig. 43 - Alçado, Farnswoth
http://www.archdaily.com.br/br/01-40344/classicos-da-arquitetura-casa-farnsworth-mies-van-der-rohe (29.06.2016)

Fig. 44 - Implantação, Casa de Baião
http://casaembaiao.blogspot.pt/ (20.07.2016)

Fig. 45 - Encosta do Rio Douro, Casa de Baião
http://palavrasdoinconscientee.blogspot.pt/2010/04/arquitectura-iv.html (20.07.2016)

Fig. 46 - Planta do interior, Casa de Baião
http://casaembaiao.blogspot.pt/ (20.07.2016)

Fig. 47 - Plano de vidro, Casa de Baião
http://palavrasdoinconscientee.blogspot.pt/2010/04/arquitectura-iv.html (23.07.2016)

Fig. 48 - Cobertura ajardinada, Casa de Baião
http://casaembaiao.blogspot.pt/ (23.07.2016)

Fig. 49 - Integração do projeto com o território, Casa de Baião
http://palavrasdoinconscientee.blogspot.pt/2010/04/arquitectura-iv.html (23.07.2016)

Fig. 50 - Construção diluída na Natureza, Casa de Baião
http://palavrasdoinconscientee.blogspot.pt/2010/04/arquitectura-iv.html (23.07.2016)

Fig. 51 - Implantação do edifício, Crematório de "Uitzicht"
http://hicarquitectura.com/2013/03/sumproject-souto-de-moura-crematorium-uitzicht-in-kortrijk/ (26.07.2016)

Fig. 52 - Esquiço da implantação do edifício, Crematório de "Uitzicht"
http://hicarquitectura.com/2013/03/sumproject-souto-de-moura-crematorium-uitzicht-in-kortrijk/ (26.07.2016)

Fig. 53 - Cortes com o desnível do terreno, Crematório de "Uitzicht"
http://hicarquitectura.com/2013/03/sumproject-souto-de-moura-crematorium-uitzicht-in-kortrijk/ (26.07.2016)

Fig. 54 - Rampa de entrada, Crematório de "Uitzicht"
http://hicarquitectura.com/2013/03/sumproject-souto-de-moura-crematorium-uitzicht-in-kortrijk/ (28.07.2016)

Fig. 55 - Pátio de entrada, Crematório de "Uitzicht"
http://hicarquitectura.com/2013/03/sumproject-souto-de-moura-crematorium-uitzicht-in-kortrijk/ (28.07.2016)

Fig. 56 - Claraboias no interior, Crematório de "Uitzicht"
http://hicarquitectura.com/2013/03/sumproject-souto-de-moura-crematorium-uitzicht-in-kortrijk/ (28.07.2016)

Fig. 57 – Planta com pátios no interior, Crematório de "Uitzicht"
http://hicarquitectura.com/2013/03/sumproject-souto-de-moura-crematorium-uitzicht-in-kortrijk/ (28.07.2016)

Fig. 58 - Implantação, Riparian House
http://www.archdaily.com/783402/house-by-a-river-architecture-brio (29.07.2016)

Fig. 59 - Integração com o terreno, Riparian House
http://www.archdaily.com/783402/house-by-a-river-architecture-brio (29.07.2016)

Fig. 60 - Alçado principal, Riparian House
http://www.archdaily.com/783402/house-by-a-river-architecture-brio (29.07.2016)

Fig. 61 - Cobertura ajardinada, Riparian House
http://www.archdaily.com/783402/house-by-a-river-architecture-brio (30.07.2016)

Fig. 62 - Pátio com as pedras pré-existentes, Riparian House
http://www.archdaily.com/783402/house-by-a-river-architecture-brio/56debf5ae58eced2d4000196-house-by-a-river-architecture-brio-photo (30.07.2016)

Fig. 63 - Relação do interior/exterior, Riparian House
http://www.archdaily.com/783402/house-by-a-river-architecture-brio (30.07.2016)

Fig. 64 - Planta, Riparian House
http://www.archdaily.com/783402/house-by-a-river-architecture-brio (30.07.2016)

Fig. 65 - Corte, Riparian House
http://www.archdaily.com/783402/house-by-a-river-architecture-brio (30.07.2016

Fig. 66 - Varas de bambu, Riparian House
http://www.archdaily.com/783402/house-by-a-river-architecture-brio (30.07.2016)

Fig. 67 - Planta, Quinta da Conceição
Consultada na Fundação Marques da Silva (1.09.2016)

Fig. 68 - Esquiço da planta, Fernando Távora
Consultada na Fundação Marques da Silva (1.09.2016)

Fig. 69 - Acesso por escadas, Vila do Palácio Katsura
https://www.google.pt/search?biw=1920&bih=950&tbm=isch&sa=1&q=palacio+katsura+fotografias&oq=palacio+katsura+fotografias&gs_l=img.3...14463.18265.0.18362.0.0.0.0.0.0.0.0..0.0....0...1c.1.64.img..0.0.0.RGctZJ-goik#imgrc=KkmcV1p878MCoM%3A (15.09.2016)

Fig. 70 - Acesso por escadas, Quinta da Conceição
Fotografia do autor (2.10.2015)

Fig. 71 - Porta, Palácio Katsura
Extraída da Tese de Mestrado. Furtado. J. M. C. (2014). *Percorrer, Habitar, Representar: estratégias do projeto de Fernando Távora para a Quinta da Conceição*. FAUP, Porto (15.09.2016)

Fig. 72 - Porta, Pátio Vermelho
Fotografia do autor (2.10.2015)

Fig. 73 - Entrada por escadas, Pátio Vermelho
Fotografia do autor (2.10.2015)

Fig. 74 - Ponto de transição entre a rua e o parque, Pátio Vermelho
Fotografia do autor (2.10.2015)

Fig. 75 - Pátios dos Amantes, Luiz Barragan
https://www.google.pt/search?q=patio+dos+amantes+barragan&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwjMvJXSkqvPAhXBVRoKHa3tAY8Q_AUICCgB&biw=1920&bih=950#imgrc=5U7IJQ1YJbsEiM%3A (15.9.2016)

Fig. 76 - Pátio Vermelho, Fernando Távora
Fotografia do autor (2.10.2015)

Fig. 77 - Pavilhão de ténis, Fernando Távora
Fotografia do autor (2.10.2015)

Fig. 78 - Asnas de madeira e viga de betão na tribuna, Pavilhão de ténis
Fotografia do autor (2.10.2015)

Fig. 79 - Plano que serve de muro, Pavilhão de ténis
Fotografia do autor (2.10.2015)

Fig. 80 - Muro de vedação para a tribuna, Pavilhão de ténis
Fotografia do autor (2.10.2015)

Fig. 81 - Esquiço do pavilhão de ténis, Fernando Távora
https://arquivoatom.up.pt/index.php/pavilhao-de-tenis-da-quinta-da-conceicao (20.9.2015)

Fig. 82 – Percurso até ao interior da piscina, Siza Vieira
Fotografia do autor (2.10.2015)

Fig. 83 - Planos abstratos e a envolvente, Piscina
Fotografia do autor (2.10.2015)

Fig. 84 - Estátua e prisma de betão que marcam a entrada, Piscina
Fotografia do autor (2.10.2015)

Fig. 85 - Diferenciação de cotas através de plataformas, Piscina
Fotografia do autor (2.10.2015)

Fig. 86 - Ripado de madeira entre o interior/exterior, Piscina
Fotografia do autor (2.10.2015)

Fig. 87- Primeira referência, pavilhão de ténis, Fernando Távora
http://www.vegasolaz.com/wp-content/uploads/2013/02/IMG_1296-1024x768.jpg (29.09.2016)

Fig. 88 - Segunda referência, piscina, Siza Vieira
http://www.matosinhosport.com/gca/?id=501 (29.09.2016)

Fig.89 - Área de intervenção, esquiço do autor
Esquiço do autor (15.10.2015)

Fig.90 - Terreno, esquiço do autor
Esquiço do autor (15.10.2015)

Fig.91 - Área de intervenção, fotografia aérea
Extraída do Google Earth (5.10.2015)

Fig.92 - Entrada principal, esquiço do autor
Esquiço do autor (15.10.2015)

Fig.93 - Escada de acesso em pedra, esquiço do autor
Esquiço do autor (15.10.2015)

Fig.94 - Ambiente arborizado do terreno, esquiço do autor
Esquiço do autor (15.10.2015)

Fig.95 - Ideia inicial dos volumes, esquiço do autor
Esquiço do autor (6.10.2015)

Fig.96 - Pelourinho, local de intervenção
Fotografia do autor (2.10.2015)

Fig.97 - Materialidade da pedra na envolvente, local de intervenção
Fotografia do autor (2.10.2015)

Fig.98 - Maquete final da volumetria, proposta Escola de Dança
Fotografia do autor (21.06.2015)

Fig.99 - Planta de implantação e perfis, proposta Escola de Dança
Painel da proposta final (21.06.2015)

Fig.100 - Plantas com organograma, proposta Escola de Dança
Painel da proposta final (21.06.2015)

Fig.101 - Plano envidraçado no alçado Oeste, proposta Escola de Dança
Painel da proposta final (21.06.2015)

Fig.102 - Plantas piso 0 e -1, proposta Escola de Dança
Painel da proposta final (21.06.2015)

Fig.103 - Materialidade do edifício, proposta Escola de Dança
Painel da proposta final (21.06.2015)

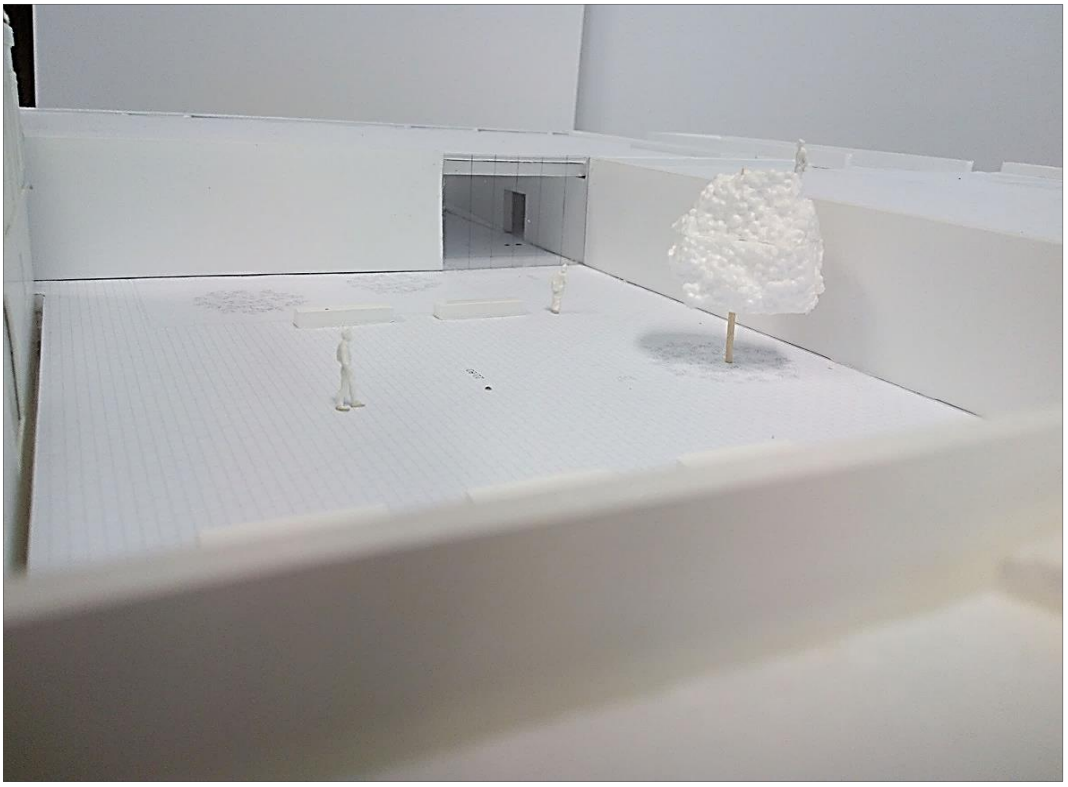
Fig. 104 - Entrada secundária por escadas, local de intervenção
Fotografia do autor (2.10.2015)

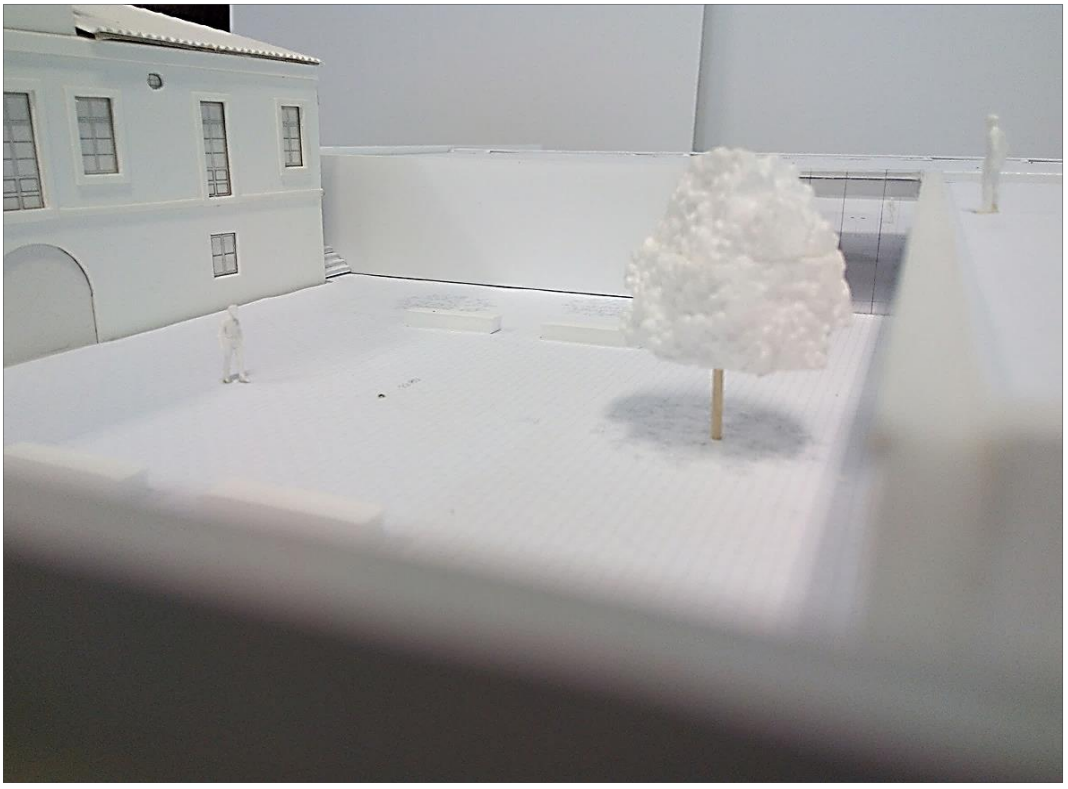
Fig. 105 - Entrada principal pelo pátio, local de intervenção
Fotografia do autor (2.10.2015)

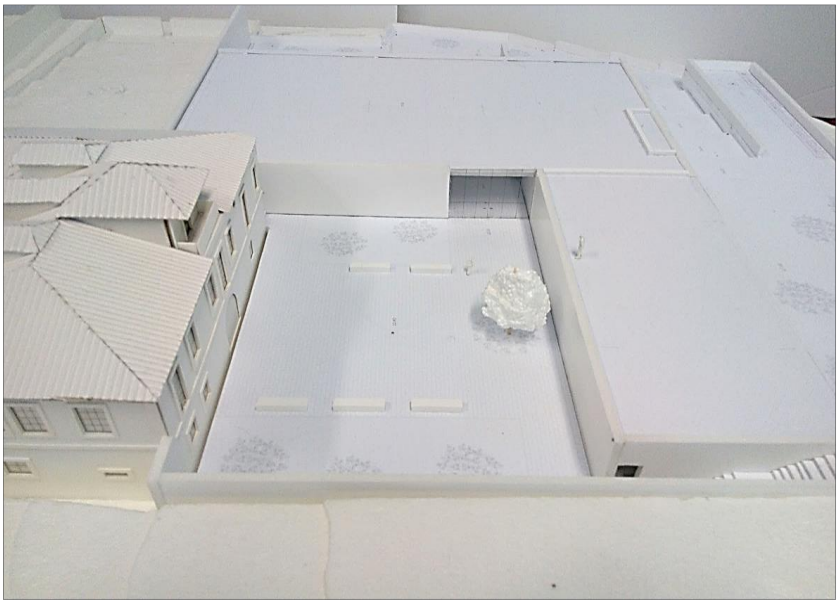
Fig. 106 - Entrada terciária por escadas, local de intervenção
Fotografia do autor (2.10.2015)

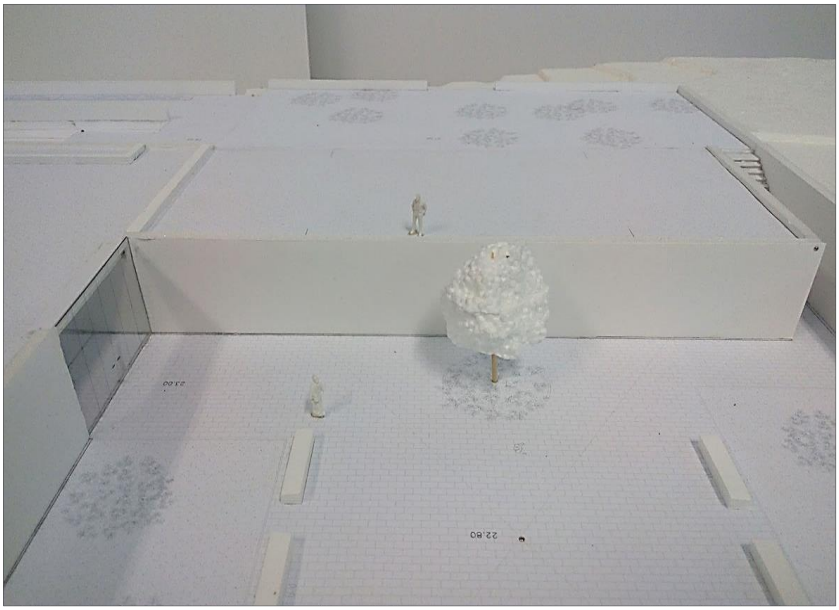
ANEXOS (Projeto Escola de Dança)

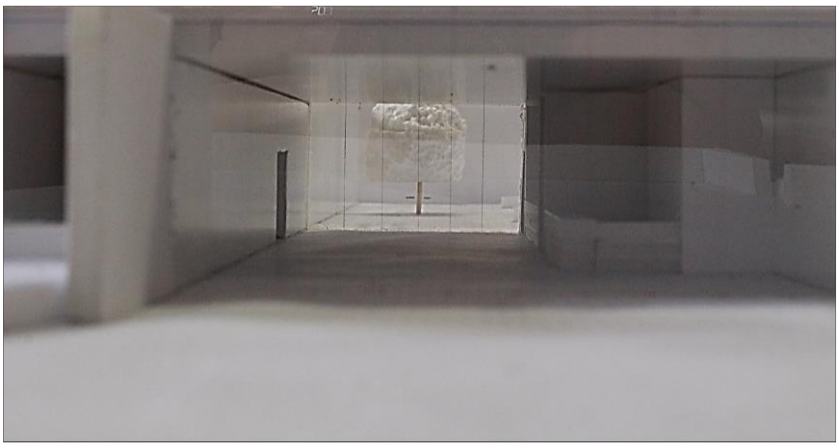
Fotografias da maquete

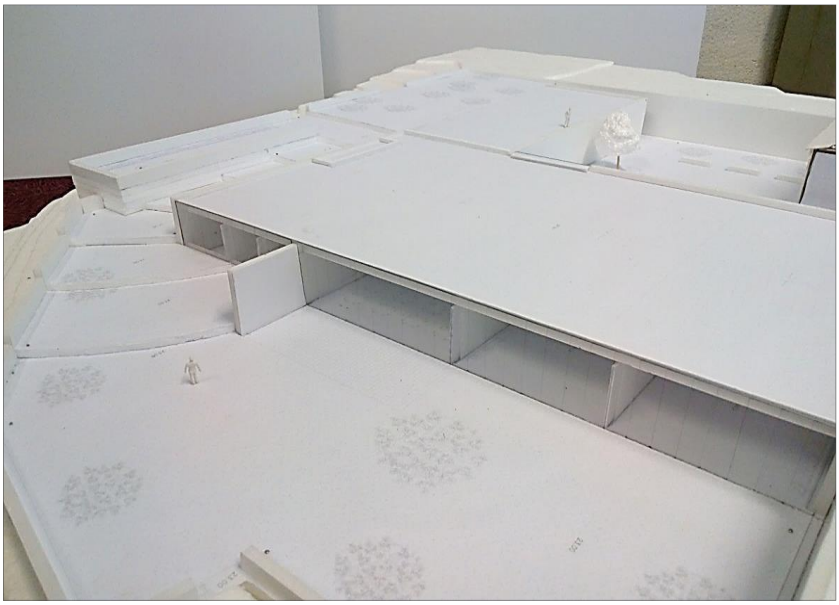




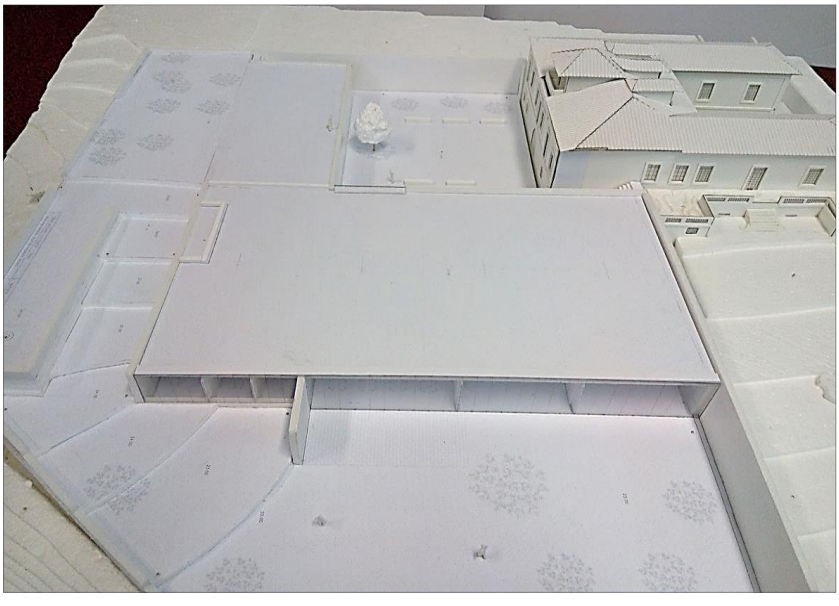


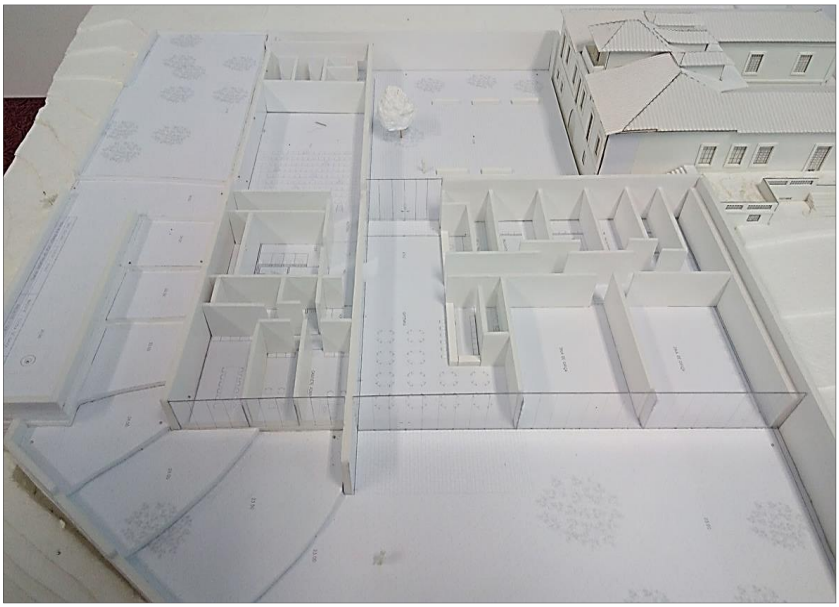


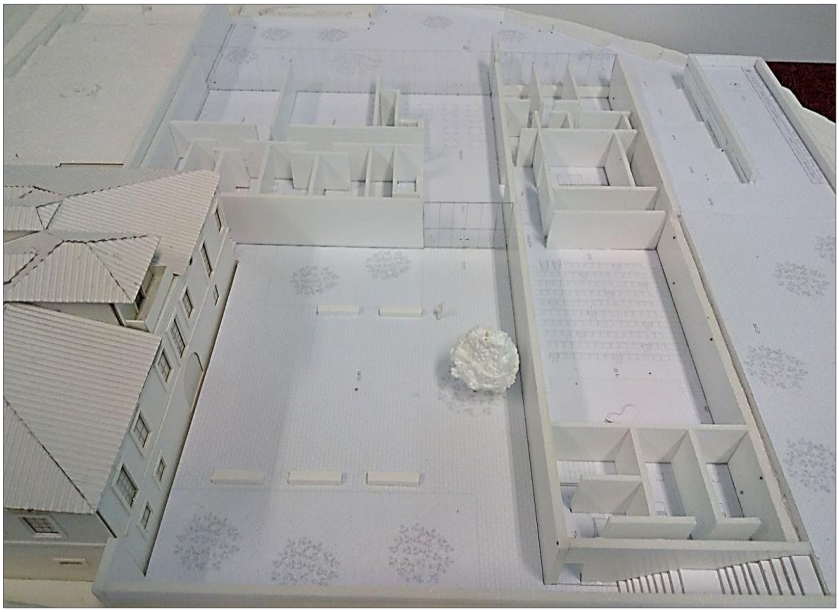














Painéis Finais

Painel 1

- Planta de implantação, esc.1.200
- Perfis do terreno, esc.1.500

Painel 2

- Plantas piso 0 e piso -1, esc.1.100

Painel 3

- Alçados/Cortes Norte, Este e Oeste, esc.1.100

Painel 4

- Cortes do edifício, esc.1.100

Painel 5

- Organograma das plantas e Esquema estrutural, esc.1.200

Painel 6

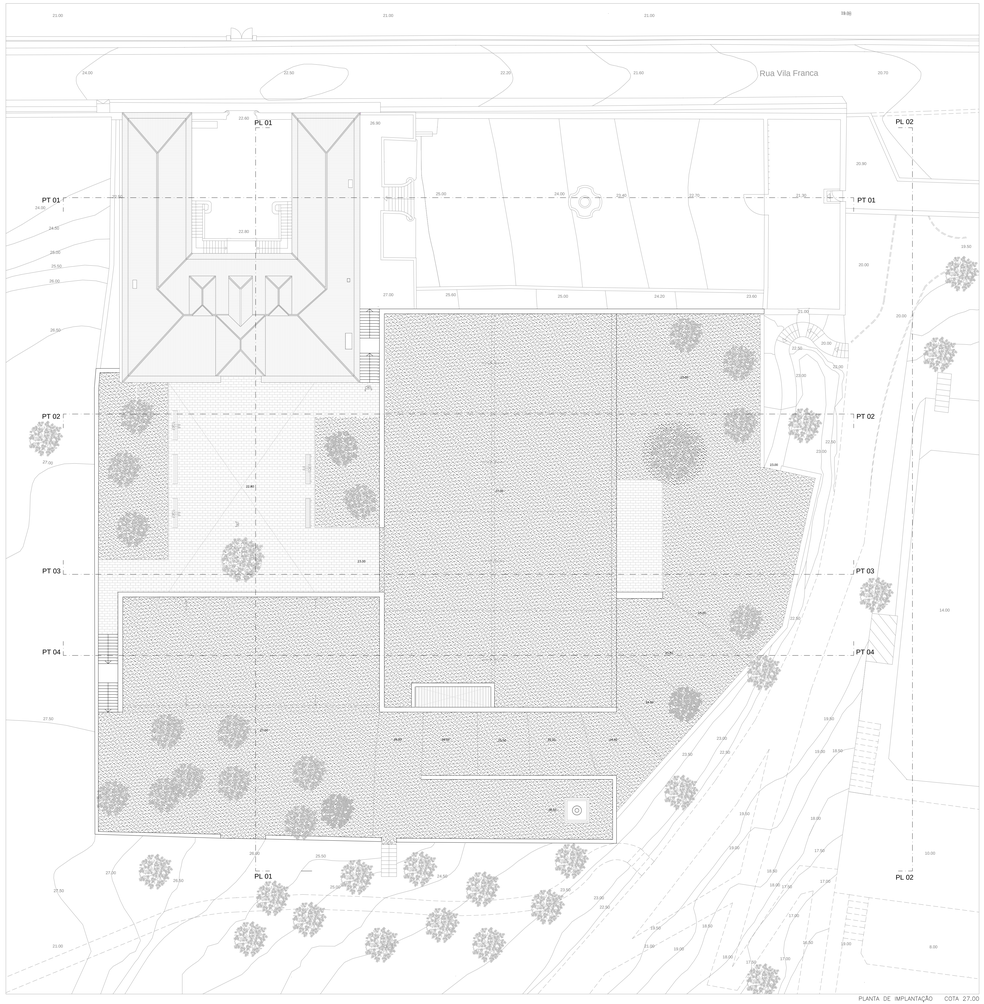
- Secção do átrio, planta piso 0, esc. 1.50
- Pormenores da secção, esc.1.20

Painel 7

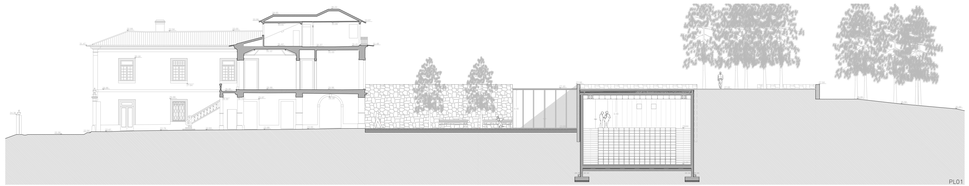
- Alçado/Corte Oeste, esc.1.50
- Pormenor do caixilho, Alçado Oeste, esc.1.20
- Pormenor de fachada, Corte Oeste, esc.1.20 e 1.10

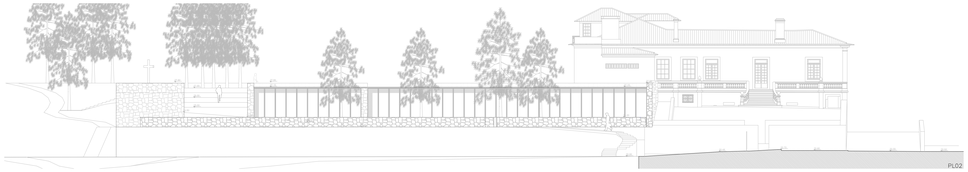
Painel 8

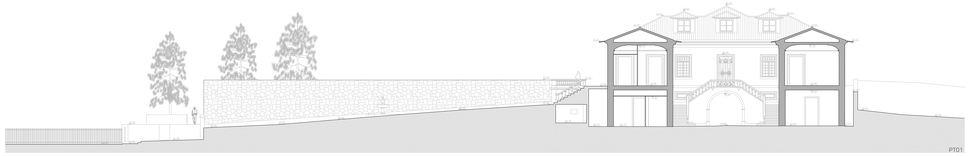
- Secção do átrio, corte, esc.1.50 e 1.20
- Pormenor construtivo, pela fachada, esc.1.10
- Pormenores de caixilharia e tubo de queda, esc.1.5



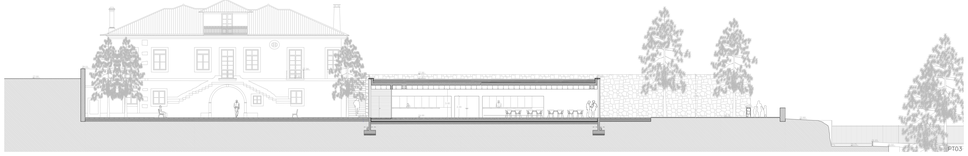
PLANTA DE IMPLANTAÇÃO COTA 27.00

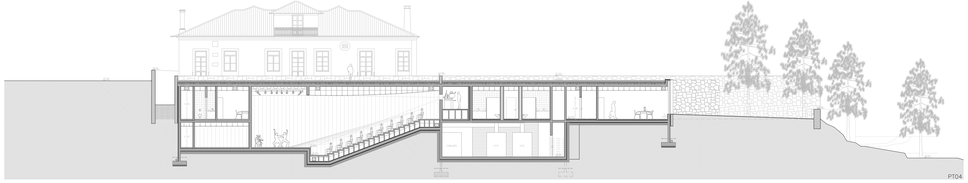

PL01

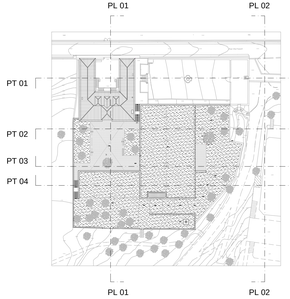

PL02


PT01


PT02


PT03

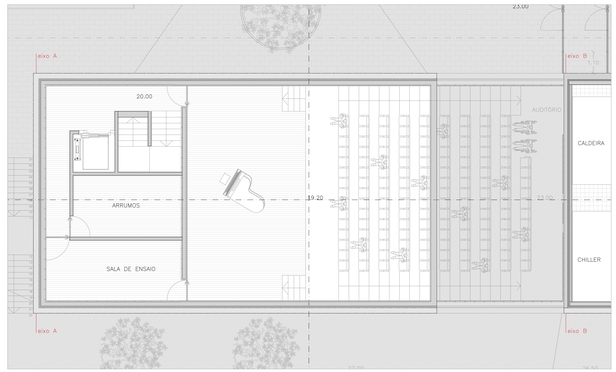

PT04

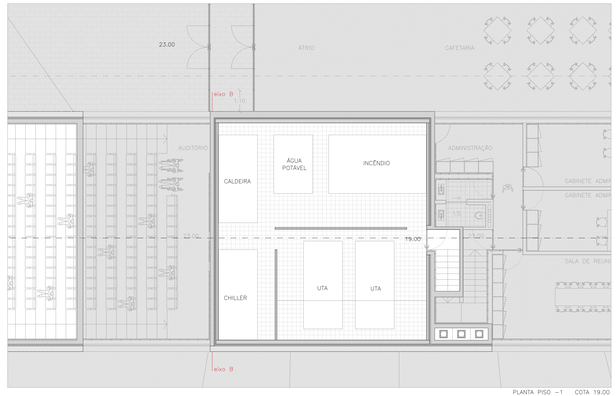


PROPOSTA ESCOLA DE DANÇA

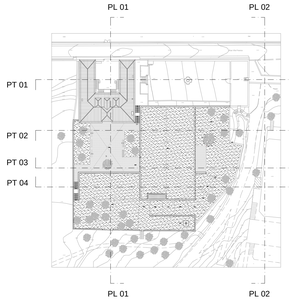
TIAGO QUELHAS – 21104727 – 5ºANO	PLANTA IMPLANTAÇÃO – PERFIS	1:200-500
RUA VILA FRANCA, LEÇA DA PALMEIRA, PORTO	21.06.2016	1/8
MESTRADO INTEGRADO EM ARQUITETURA – ULP	PROPOSTA ESCOLA DE DANÇA	







PLANTA PISO -1 COTA 19.00



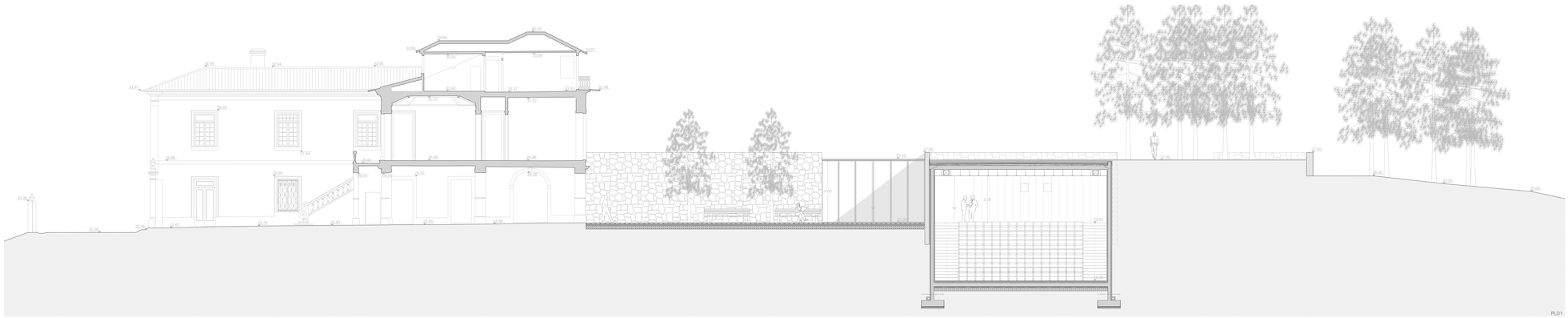
PROPOSTA ESCOLA DE DANÇA

LEGENDA

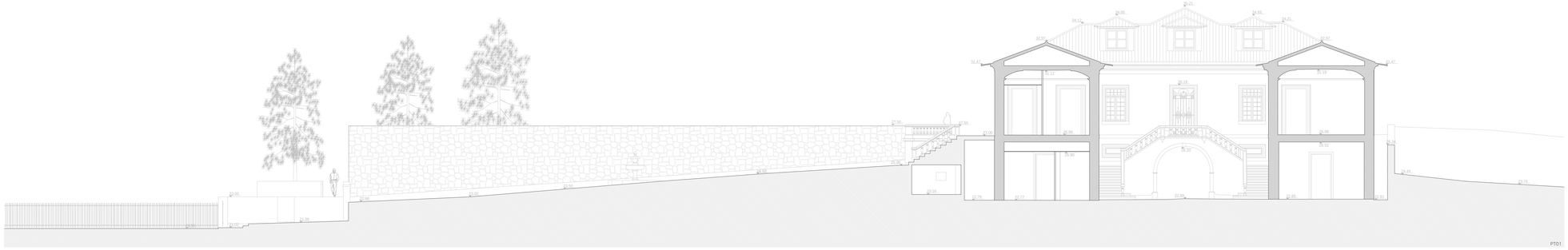
ESPAÇO EXTERIOR	**1891.80 m2**
JARDIM	1467.10 m2
PÁTIO	424.70 m2
ENTRADA – CAFETARIA	**228.60 m2**
ÁTRIO	83.80 m2
BALCÃO DE ATENDIMENTO	15.10 m2
BAR	104.50 m2
BALCÃO (C/COPA)	25.20 m2
INSTALAÇÃO SANITÁRIA – ADMINISTRAÇÃO	**154.80 m2**
INSTALAÇÕES SANITÁRIAS PÚBLICO (HOMENS)	15.75 m2
INSTALAÇÕES SANITÁRIAS PÚBLICO (MULHERES)	15.75 m2
INSTALAÇÕES SANITÁRIAS PÚBLICO (DEFICIENTES)	4.20 m2
ADMINISTRAÇÃO (HALL)	12.00 m2
ZONA DE CIRCULAÇÃO	6.10 m2
INSTALAÇÕES SANITÁRIAS PRIVADO	6.50 m2
ACESSOS VERTICAIS (ESCADAS)	12.50 m2
GABINETE ADMINISTRATIVO 1	22.00 m2
GABINETE ADMINISTRATIVO 2	22.00 m2
SALA DE REUNIÕES	38.00 m2
AUDITÓRIO	**352.10 m2**
AUDITÓRIO (150 LUGARES)	218.20 m2
SALA DE PROJECÇÃO	21.85 m2
ÁTRIO DOS SERVIÇOS (C/ ELEVADOR E ESCADAS)	27.85 m2
ZONA DE CIRCULAÇÃO	6.40 m2
CAMARIM 1	17.45 m2
CAMARIM 2	21.45 m2
ARRUMOS	17.45 m2
SALA DE ENSAIO	21.45 m2
SALAS DE DANÇA	**349.80 m2**
ZONA DE CIRCULAÇÃO	42.40 m2
SALA DE DANÇA 1	100.00 m2
SALA DE DANÇA 2	100.00 m2
ARRUMOS DAS SALAS	32.00 m2
BALNEÁRIO 1 (ALUNOS)	32.00 m2
BALNEÁRIO 2 (ALUNOS)	21.70 m2
BALNEÁRIO 3 (PROFESSORES)	21.70 m2
BALNEÁRIO 4 (PROFESSORES)	
ÁREAS TÉCNICAS	**160.00 m2**
ÁREA TÉCNICA (PT+TRASNFORMADOR)	18.40 m2
ÁREA TÉCNICA (MÁQUINAS)	124.30 m2
PÁTIO TÉCNICO	17.30 m2

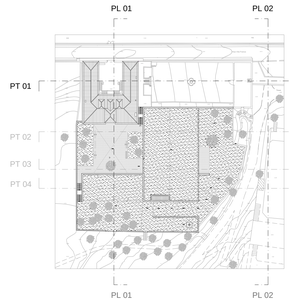
TIAGO QUELHAS – 21104727 – 5ºANO
RUA VILA FRANCA, LEÇA DA PALMEIRA, PORTO
MESTRADO INTEGRADO EM ARQUITETURA – ULP

PLANTAS – PISO 0 E PISO -1 | 1:100
21.06.2016
PROPOSTA ESCOLA DE DANÇA
2/8









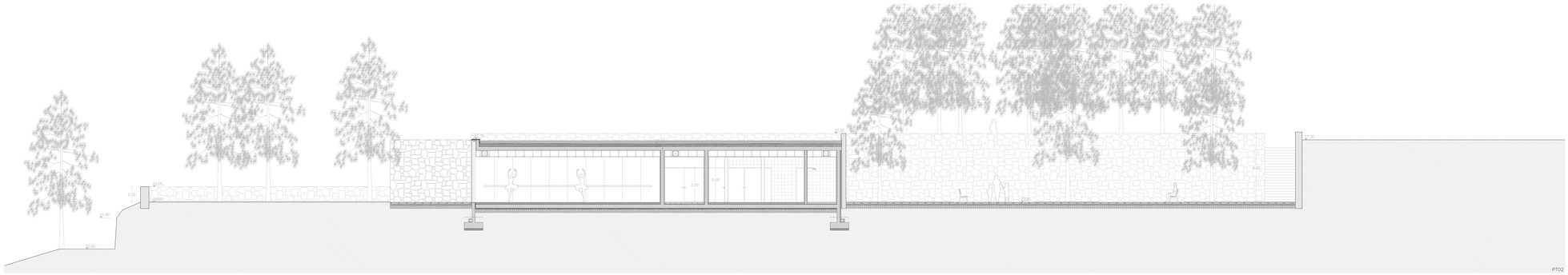
PROPOSTA ESCOLA DE DANÇA

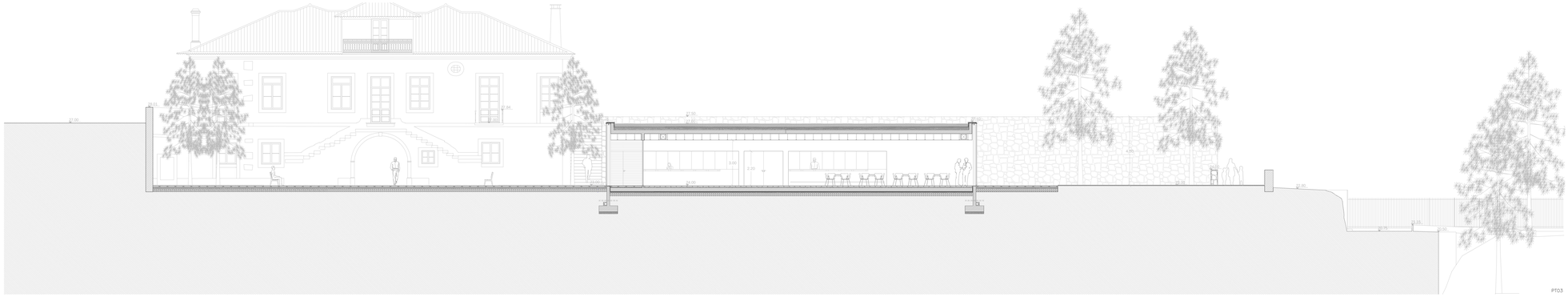
LEGENDA

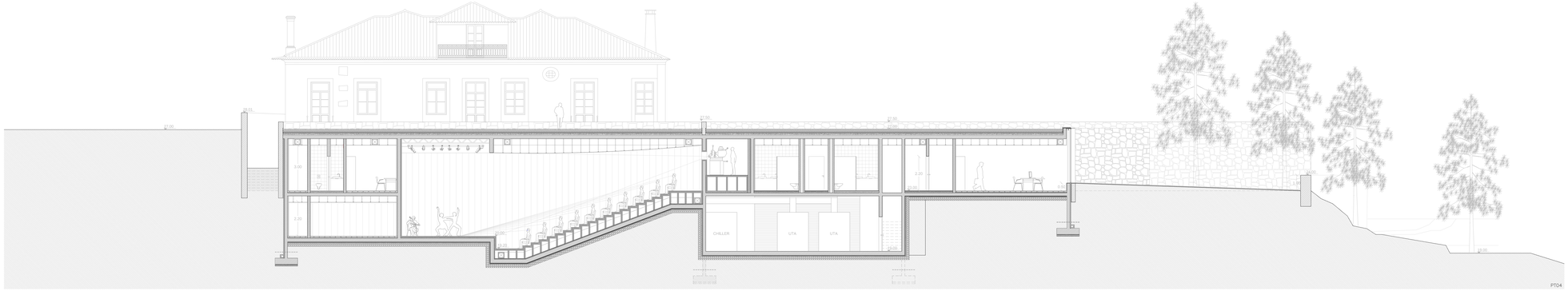
- TERRENO
- PEDRA
- BETÃO
- TIJOLO
- ISOLAMENTO TÉRMICO (POLIESTIRENO EXTRUDIDO)
- ISOLAMENTO ACÚSTICO
- PAVIMENTO DE PEDRA
- PAVIMENTO DE MADEIRA (SOALHO)
- PAVIMENTO AUTONIVELANTE
- BETÃO DE LIMPEZA
- ARGAMASSA
- SUBSTRATO VEGETAL
- CAMADA DE BRITA
- PAREDES DE PEDRA (ALÇADO)
- GRELHA (ÁREAS TÉCNICAS)

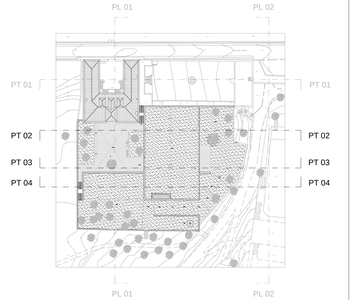
N

TIAGO QUELHAS – 21104727 – 5ºANO	PERFIS TRANS. E LONGITUDINAIS	1:100
RUA VILA FRANCA, LEÇA DA PALMEIRA, PORTO	21.06.2016	3/8
MESTRADO INTEGRADO EM ARQUITETURA – ULP	PROPOSTA ESCOLA DE DANÇA	









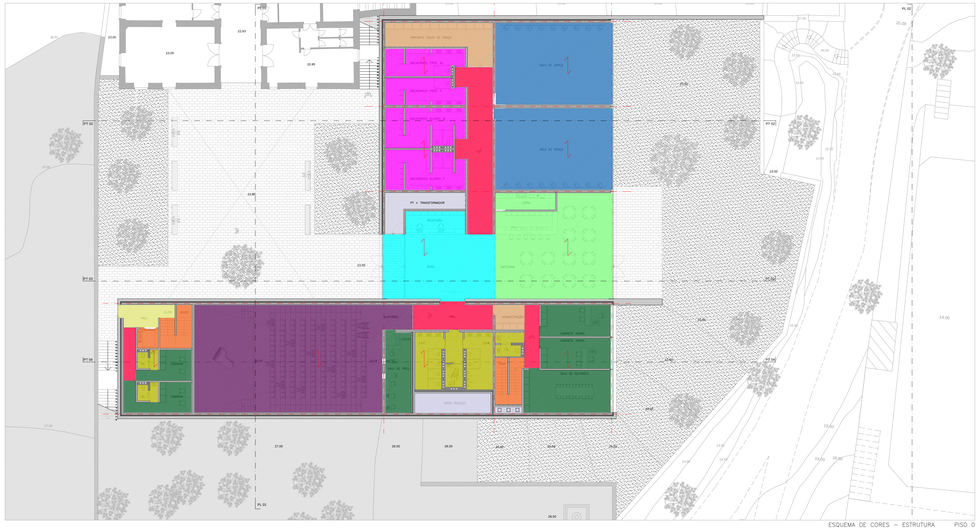
PROPOSTA ESCOLA DE DANÇA

LEGENDA

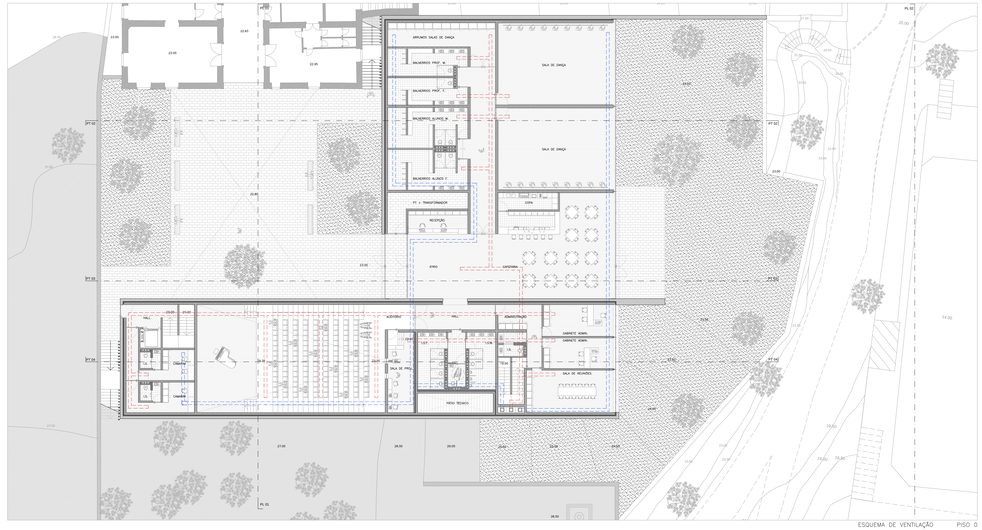
- TERRENO
- PEDRA
- BETÃO
- TIJOLO
- ISOLAMENTO TÉRMICO (POLIESTIRENO EXTRUDIDO)
- ISOLAMENTO ACÚSTICO
- PAVIMENTO DE PEDRA
- PAVIMENTO DE MADEIRA (SOALHO)
- PAVIMENTO AUTONIVELANTE
- BETÃO DE LIMPEZA
- ARGAMASSA
- SUBSTRATO VEGETAL
- CAMADA DE BRITA
- PAREDES DE PEDRA (ALÇADO)
- GRELHA (ÁREAS TÉCNICAS)

N

TIAGO QUELHAS – 21104727 – 5ºANO	PERFIS TRANS. E LONGITUDINAIS	1:100
RUA VILA FRANCA, LEÇA DA PALMEIRA, PORTO	21.06.2016	4/8
MESTRADO INTEGRADO EM ARQUITETURA – ULP	PROPOSTA ESCOLA DE DANÇA	



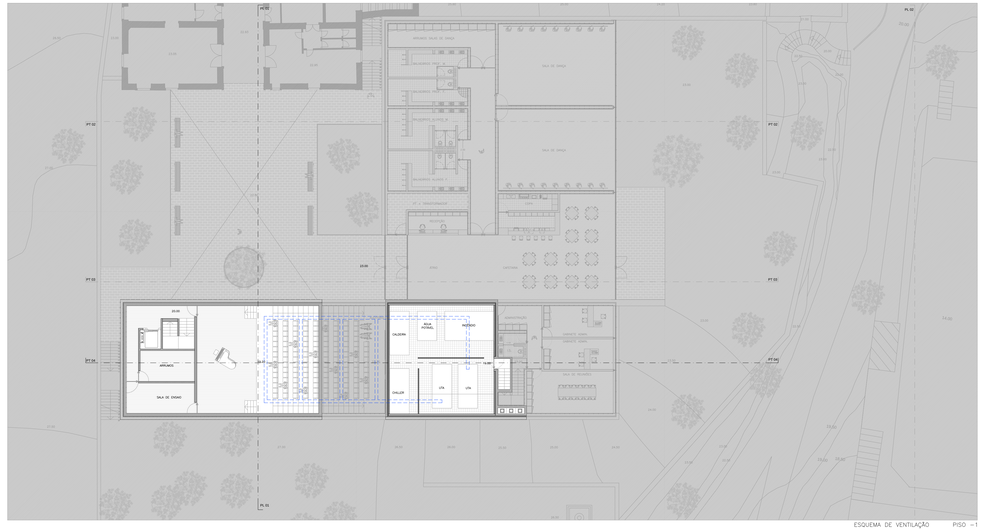
ESQUEMA DE CORES – ESTRUTURA PISO 0



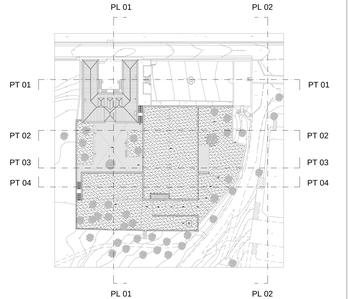
ESQUEMA DE VENTILAÇÃO PISO 0



ESQUEMA DE CORES – ESTRUTURA PISO -1



ESQUEMA DE VENTILAÇÃO PISO -1



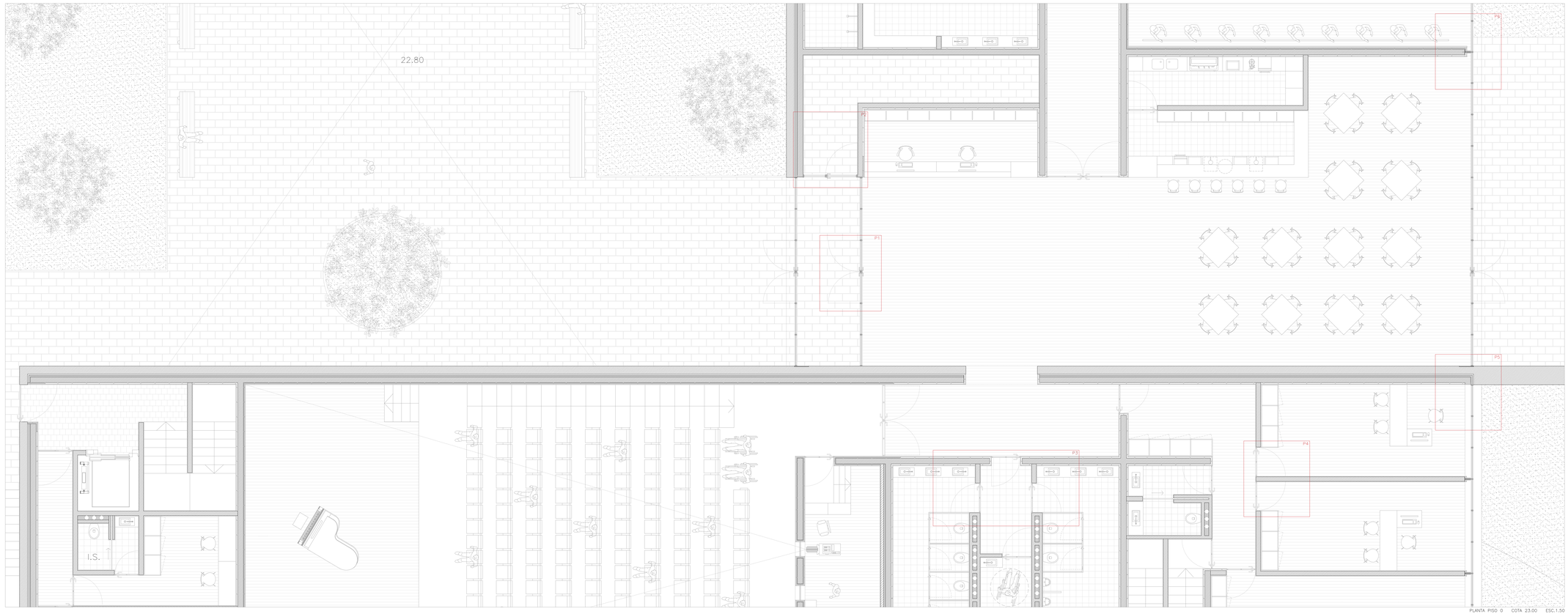
PROPOSTA ESCOLA DE DANÇA

LEGENDA

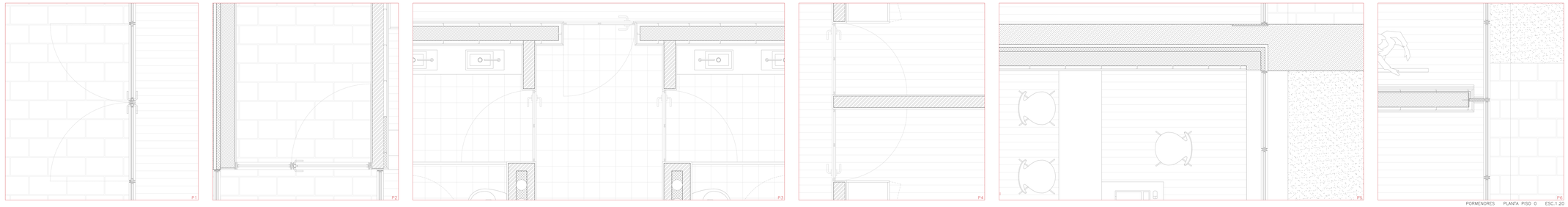
- ATRIO
- HALL
- GABINETES/CAMARINS
- SERVIÇOS/ARRUMOS
- ÁREAS TÉCNICAS
- CAFETARIA
- ACESSOS VERTICAIS
- ZONAS DE CIRCULAÇÃO
- BALNEÁRIOS
- SALAS DE DANÇA
- INSTALAÇÕES SANITÁRIAS
- AUDITÓRIO
- LINHA ESTRUTURAL
- INSUFLAÇÃO
- EXTRACÇÃO

N

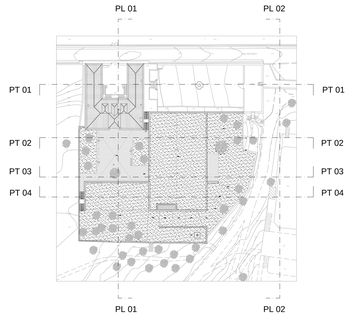
TIAGO QUELHAS – 21104727 – 5ºANO	PLANTAS ESQUEMÁTICAS	1:100
RUA VILA FRANCA, LEÇA DA PALMEIRA, PORTO	21.06.2016	5/8
MESTRADO INTEGRADO EM ARQUITETURA – ULP	PROPOSTA ESCOLA DE DANÇA	



PLANTA PISO 0 COTA 23.00 ESC.1:50



PORMENORES PLANTA PISO 0 ESC.1:20



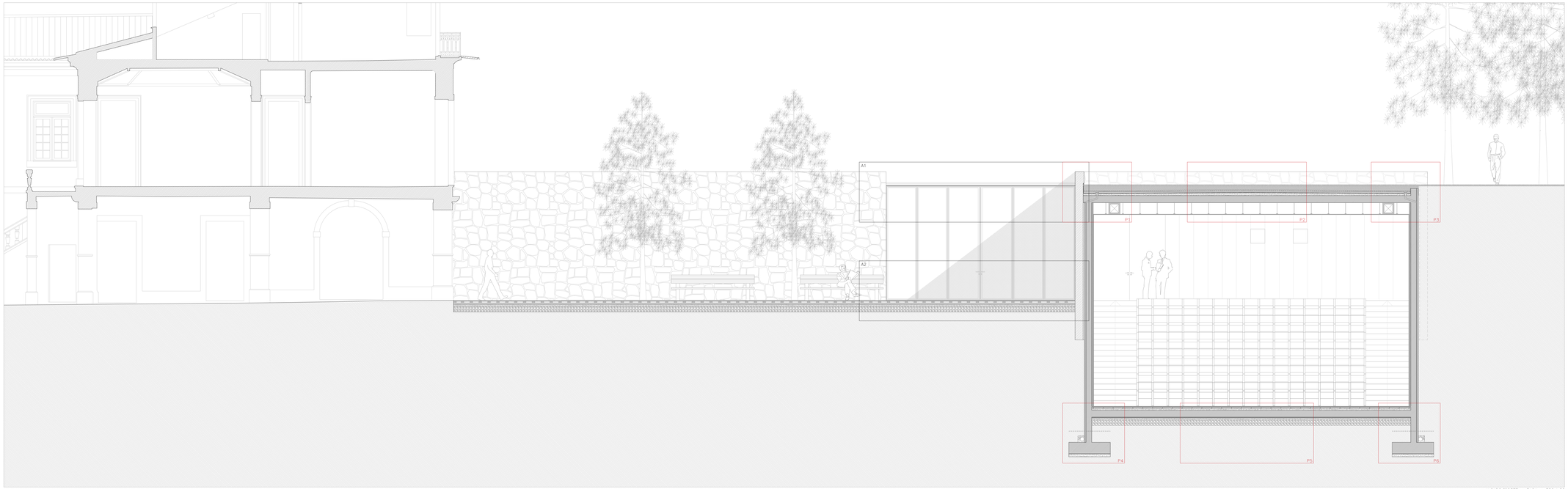
PROPOSTA ESCOLA DE DANÇA

LEGENDA

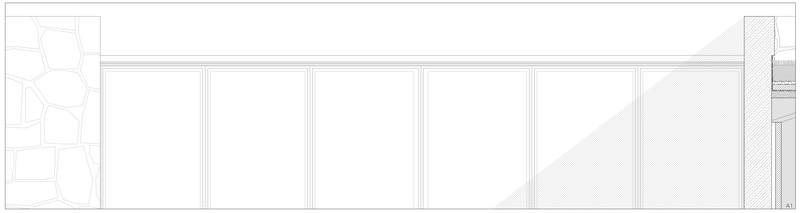
- PEDRA
- BETÃO
- TIJOLO
- ISOLAMENTO TÉRMICO (POLIESTIRENO EXTRUDIDO)
- ISOLAMENTO ACÚSTICO
- PAVIMENTO DE PEDRA (BLOCOS DE GRANITO)
- PAVIMENTO DE MADEIRA (SOALHO)
- RELVA

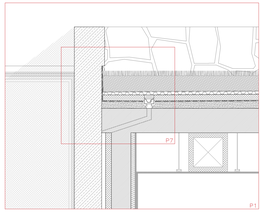
N

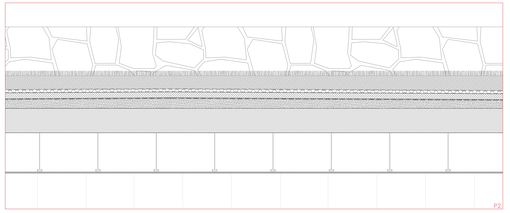
TIAGO QUELHAS – 21104727 – 5ºANO	PORMENORES PLANTA PISO 0	1:50-1:20
RUA VILA FRANCA, LEÇA DA PALMEIRA, PORTO	21.06.2016	6/8
MESTRADO INTEGRADO EM ARQUITETURA – ULP	PROPOSTA ESCOLA DE DANÇA	

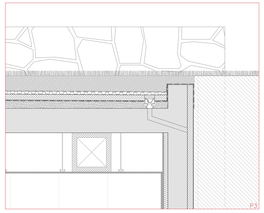


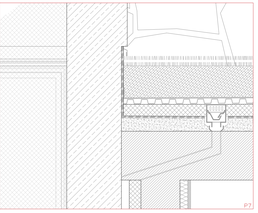
ALÇADO/CORTE PL01 ESC.1:50

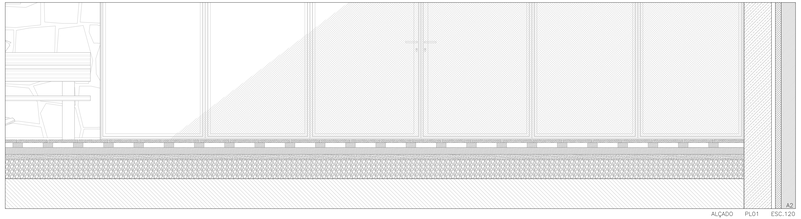




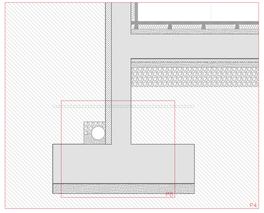


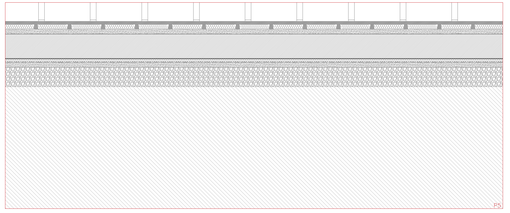


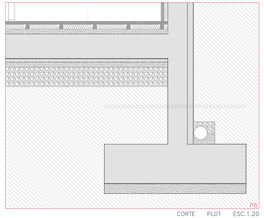




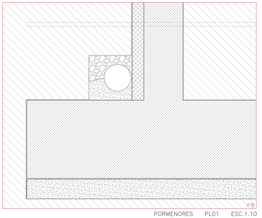
ALÇADO PL01 ESC.1:20



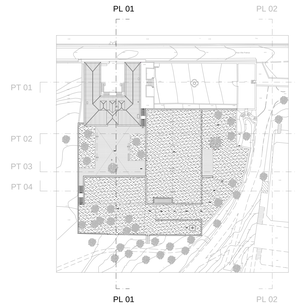




CORTE PL01 ESC.1:20



PORMENORES PL01 ESC.1:10



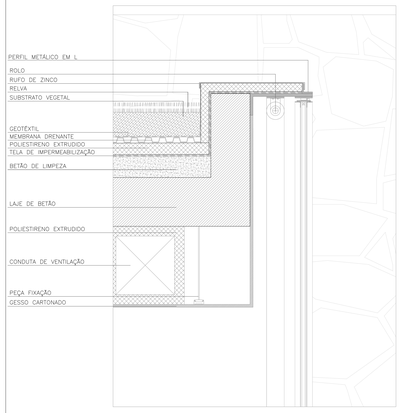
PROPOSTA ESCOLA DE DANÇA

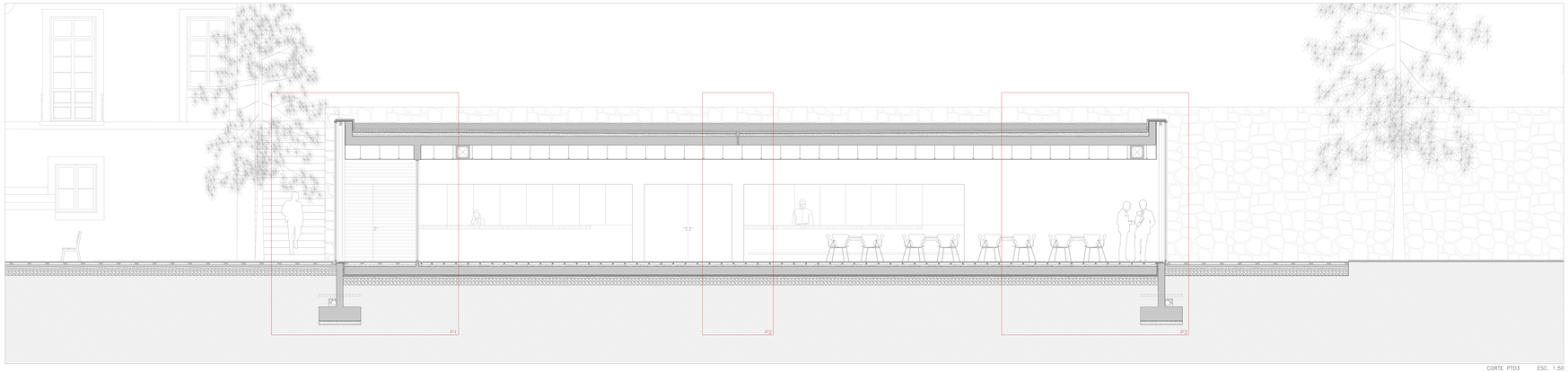
LEGENDA

- TERRENO
- PEDRA
- BETÃO
- TIJOLO
- ISOLAMENTO TÉRMICO (POLIESTIRENO EXTRUDIDO)
- ISOLAMENTO ACÚSTICO
- PAVIMENTO DE PEDRA
- PAVIMENTO DE MADEIRA (SOALHO)
- PAVIMENTO AUTONIVELANTE
- BETÃO DE LIMPEZA
- ARGAMASSA
- SUBSTRATO VEGETAL
- CAMADA DE BRITA
- PAREDES DE PEDRA (ALÇADO)
- GRELHA (ÁREAS TÉCNICAS)

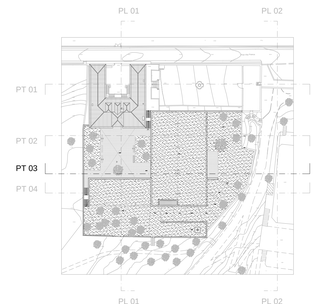
N

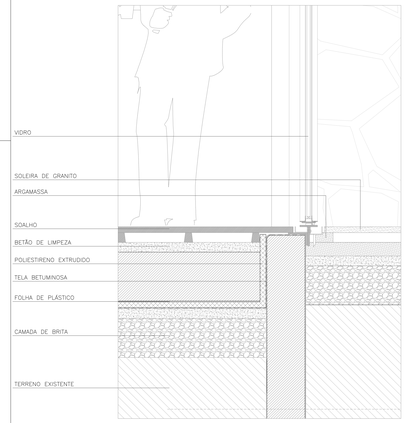
TIAGO QUELHAS – 21104727 – 5ºANO	PORMENORES PL01	1:50-1:20-1:10
RUA VILA FRANCA, LEÇA DA PALMEIRA, PORTO	21.06.2016	7/8
MESTRADO INTEGRADO EM ARQUITETURA – ULP	PROPOSTA ESCOLA DE DANÇA	

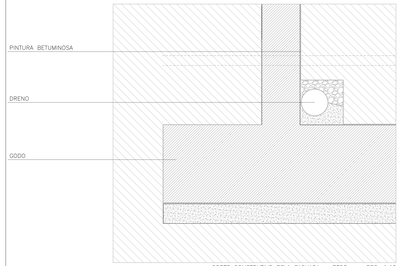




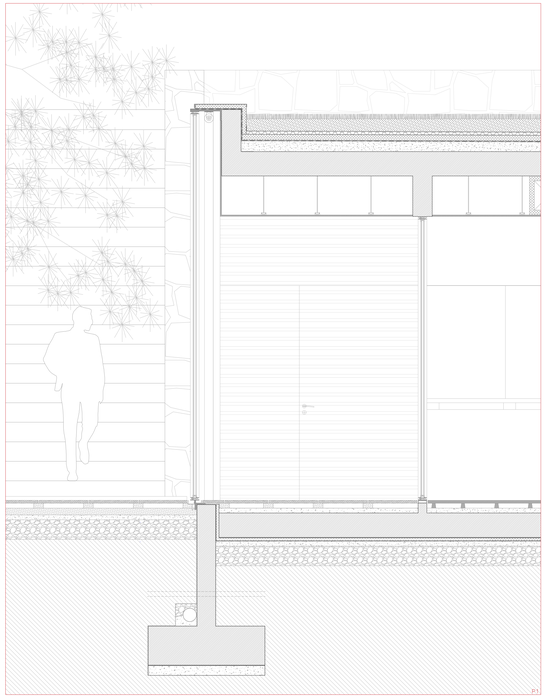
CORTE PT03 ESC. 1.50

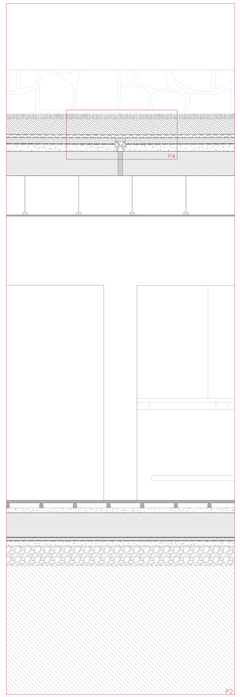


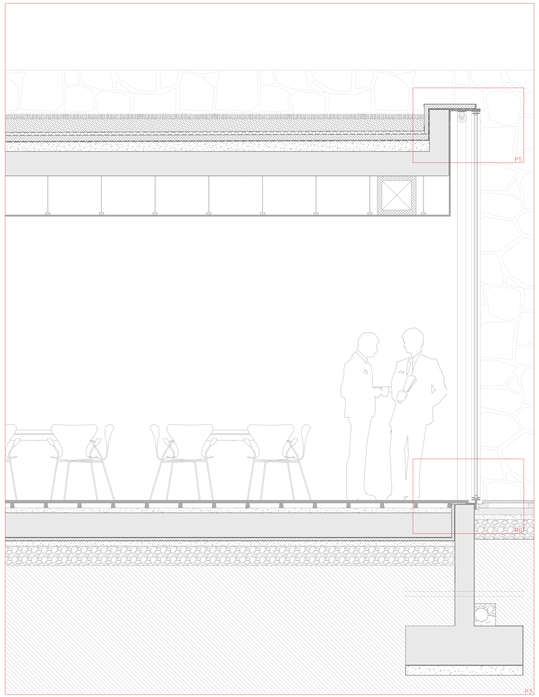




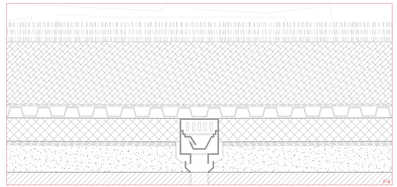
CORTE CONSTRUTIVO PELA FACHADA PT03 ESC. 1.10



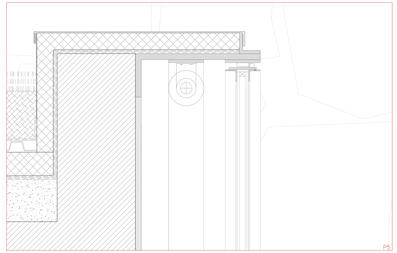


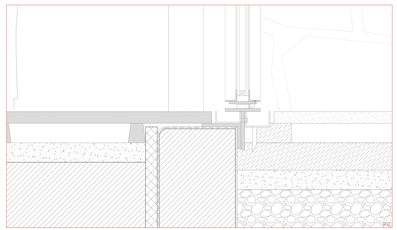


CORTE PT03 ESC. 1.20



PORMENOR TUBO QUEDA DE ÁGUA ESC. 1.5





PORMENOR CAIXILHO DE FERRO ESC. 1.5

PROPOSTA ESCOLA DE DANÇA

LEGENDA

- TERRENO
- PEDRA
- BETÃO
- TIJOLO
- ISOLAMENTO TÉRMICO (POLIESTIRENO EXTRUDIDO)
- ISOLAMENTO ACÚSTICO
- PAVIMENTO DE PEDRA
- PAVIMENTO DE MADEIRA (SOALHO)
- PAVIMENTO AUTONIVELANTE
- BETÃO DE LIMPEZA
- ARGAMASSA
- SUBSTRATO VEGETAL
- CAMADA DE BRITA
- PAREDES DE PEDRA (ALÇADO)
- GRELHA (ÁREAS TÉCNICAS)

TIAGO QUELHAS – 21104727 – 5ºANO	PORMENORES PT03	1:50-1.20
RUA VILA FRANCA, LEÇA DA PALMEIRA, PORTO	21.06.2016	1:10-1.5
MESTRADO INTEGRADO EM ARQUITETURA – ULP	PROPOSTA ESCOLA DE DANÇA	8/8